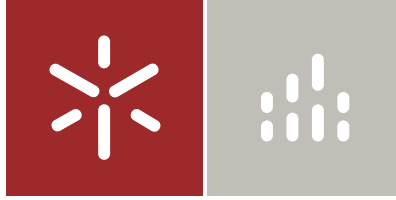




Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Rúben Renato Santos Vieira

O entendimento de “O Lugar”
na Arquitectura Transmontana:
Projeto Aldeia do Barreiro



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Rúben Renato Santos Vieira

O entendimento de “O Lugar”
na Arquitectura Transmontana:
Projeto Aldeia do Barreiro

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Arquiteto e Professor Elisiário Miranda

DECLARAÇÃO

Nome

Rúben Renato Santos Vieira

Endereço electrónico: ruben.vieira.u.m@gmail.com Telefone: 925830456

Número do Bilhete de Identidade: 13928901

Título dissertação / tese

O entendimento de "O Lugar" na Aquitetura Transmontana: Projeto Aldeia do Barreiro.

Orientador(es):

Arquiteto e Professor Elisiário Miranda

Ano de conclusão: 2017 /2018

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento: Mestrado Integrado em Arquitectura
- Área de Cultura Arquitetónica

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 12 / 12 / 2018

Assinatura: 

“Tudo quanto vive, vive porque muda; muda porque passa; e, porque passa, morre. Tudo quanto vive perpetuamente se torna outra coisa, constantemente se nega, se furta à vida.(...)”¹

¹ SOARES, Bernardo (Fernando Pessoa) – Intervalo Doloroso.

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO,

ao Professor Elisiário Miranda peça fundamental de toda esta obra a qual sem o seu contributo de homem da arquitetura se tornaria mais pobre, não só pela orientação formal para o que aqui se expõe, mas também pela total disponibilidade e por ter aceite este desafio;

Aos meus colegas de turma sou grato pelo conhecimento e pelas experiências partilhadas;

Um enorme obrigado a todos os proprietários das construções estudadas com quem consegui contatar, uma vez que sem o seu precioso contributo não seria possível obter informações detalhadas sobre alguns dos aspetos mais importantes sobre as mesmas;

À minha namorada, pela motivação, paciência e por acreditar em mim;

A todos aqueles que de uma forma ou de outra me acompanharam, para os quais não tive mais palavras, mas quem me conhece sabe que lhes estou igualmente grato;

Aos meus pais, expresso a minha humilde gratidão por me possibilitarem todas estas experiências e pelo auxílio na realização deste sonho, hoje realizado.

Obrigado, sempre.

A arquitetura é dos elementos mais palpáveis e caracterizantes da identidade rural, definindo e afirmando o território e as suas sucessivas mutações.

O tema proposto parte da premissa de que a vida extravasa naturalidade, desrazões e que a arquitetura alcança a sua plenitude a partir das relações, circunstâncias, acontecimentos que foram vivenciados ao longo do tempo no território e na paisagem construída.

Tem como objetivo valorizar o entendimento de “O Lugar” a partir do caso de estudo da Arquitetura Vernacular da aldeia do Barreiro em Mondim de Basto. Explica-se a origem deste lugar como a descoberta de uma arquitetura singular feita de práticas tradicionais e de recursos, não tão habituais para nós, onde a arquitetura vernácula assume um papel paisagístico muito característico.

Neste cenário rural fortemente marcado pela sua localização e suas construções como documento de si próprio, é realizada uma arquitetura com características puras e autênticas onde o nível de pormenor simples ultrapassa as coisas complexas. Aqui encontramos construções elaboradas, hierarquizadas naturalmente no território, firmadas pela humildade e presença das técnicas aplicadas.

Em suma, o entendimento de “O Lugar” na Arquitetura Transmontana: Projeto aldeia do Barreiro, procura através do exercício de projeto, refletir em torno das questões do Lugar e levar a cabo um estudo global sobre esse tema, analisando e estudando a “casa” na complexa variedade dos seus aspetos arquitetónicos e características etnográficas, culturais, sociológicas e históricas.

ABSTRACT

Architecture is one of the most palpable and characterizing elements of rural identity, defining and affirming the territory and its successive mutations.

The proposed theme starts from the premise that life goes beyond naturality, unreasonings, and that architecture reaches its completeness from the relationships, and circumstances, and events that have been experienced over time in the territory and the built landscape.

It aims to value the understanding of “The Place” from the case study of the Vernacular Architecture of the village of Barreiro in Mondim de Basto. The origin of this place is explained as the discovery of a singular architecture made of traditional practices and resources, not so usual for us, where the vernacular architecture assumes a very characteristic landscape role.

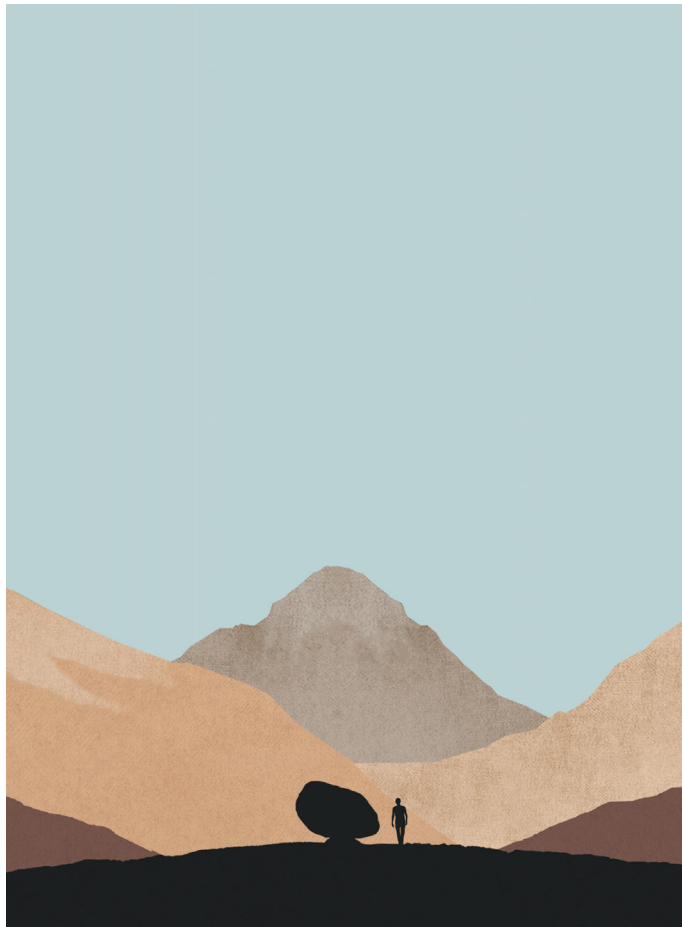
In this rural setting strongly marked by its location and its constructions as a document of its own, an architecture with pure and authentic characteristics is produced where the level of simple detail surpasses the complex things. Here we find elaborate constructions, hierarchized naturally in the territory, established by the humility and presence of applied techniques.

In short, the understanding of “O Lugar” na Arquitetura Transmontana: Projeto aldeia do Barreiro, seeks through the exercise, to reflect around the issues of the Place and carry out a global study on this theme, analyzing and studying the “house” In the complex variety of its architectural aspects and ethnographic, cultural, sociological and historical characteristics

ÍNDICE

RESUMO	9
ABSTRACT	11
INTRODUÇÃO	19
1. O LUGAR	
1.1 Estudo do Lugar	25
1.2 O significado de Lugar “Primeiro Encontro”	33
2. A ALDEIA DO BARREIRO	
2.1 Aldeia do Barreiro “A Amostra”	49
2.2 Identidade Visual	59
2.3 Fases de ocupação	67
2.4 Os Muros	73
2.5 Arquitectura sem Arquitetos	79
3. “A NOSSA CASA” E O ESQUECIDO	
3.2 Uma Interpretação	93
3.3 Construção do Lugar	101
3.4 Perda de Identidade	115
4. O PROJETO	
4.1 O lugar como monumento	129
4.2 A intervenção	133
5. CONCLUSÃO	153
BIBLIOGRAFIA	159
ANEXOS	165

O entendimento de “O LUGAR”
na Arquitetura Transmontana:
Projeto aldeia do Barreiro



“Só se ama aquilo que se conhece. É Também de uma história de amor que este livro de trata: amor pela arquitetura, nascida deste chão duro e ruim (...). É deste amor que tem que nascer a vontade de imaginar um futuro para o passado. E é também essa a principal mensagem deste livro, hoje.”²

² Prefácio da 4ª Edição de “A Arquitetura Popular em Portugal” escrito por Helena Roseta, em Maio de 2003. AAP, 2004, p. 8.

INTRODUÇÃO

Na escolha do tema para o Trabalho de Projeto desta tese de mestrado em arquitetura pretendeu-se encontrar uma motivação pessoal, que possibilitasse desenvolver uma consciência disciplinar própria sobre a prática arquitetónica tradicional. A experiência adquirida ao longo destes anos nasceu de viagens a aldeias transmontanas que contribuíram para a curiosidade pela arquitetura antiga e por sua vez acabaram por despertar um maior interesse pela cultura tradicional portuguesa.

Assim, a vontade de entender determinados aspetos passados e valores transmitidos no presente, que associados à arquitetura portuguesa nas construções mais antigas, narram uma certa essência própria e que se distinguem sem qualquer esforço das outras arquiteturas contemporâneas.

Ao aprofundar esta curiosidade, encontrou-se na Aldeia do Barreiro, caso de estudo, o prazer pela arquitetura tradicional portuguesa. A aceitação dos valores e da prática arquitetónica levaram a constituir chave para entender um pouco da sua cultura transmontana.

Para efetuar essa pesquisa foi necessário interagir com a população existente, analisar algumas habitações e “obras” abandonadas, para melhor entender a presença deste legado nos dias que correm, a evolução desta aldeia e a sua cultura.

A temática da habitação unifamiliar tal como é entendida no capítulo “A nossa Casa” procura perceber como o espaço das casas transmontanas definiam alguns princípios funcionais e vivenciais, estes condicionavam toda a vida das famílias tornando-se referências no campo teórico, prático e arquitetónico no tema da habitação. Considerou-se, deste modo que seria natural efetuar a pesquisa do trabalho sobre as arquiteturas do Norte de Portugal e as suas habitações.

Para a estruturação desta dissertação procurou-se compreender arquiteturas cuja obra se mostrasse pertinente dentro do tema escolhido, e que apresentassem no seu todo semelhanças construtivas e culturais. Neste sentido, pesquisas tais como “Rio de Onor” elaborado por Sérgio Fernández, os “Inquérito à Arquitetura regional Portuguesa Zona 1- Minho”, levados a cabo por Fernando Távora, Rui Pimentel, António Menéres, contribuíram para um melhor entendimento da Arquitetura Tradicional Portuguesa.

Para continuar o estudo da aldeia do Barreiro e analisar todos os fatores que contribuíram para a sua existência e caracterização urbana ou arquitetónica, iniciou-se um estudo geral territorial que procurou perceber a sua origem, percorrendo todas as analogias chegando por fim a um estudo particular da análise construtiva.

O processo para a realização deste trabalho de projeto divide-se em quatro partes fundamentais:

- A primeira, engloba a pesquisa sobre o significado do lugar e a sua importância, o modo como condiciona a implantação e a experiência pessoal na aldeia do Barreiro;

- A segunda parte, desenvolve um estudo mais aprofundado da aldeia do Barreiro, com o contributo do legado local, percorrendo todas as temáticas desde uma análise topográfica, arquitetónica e histórica de um modo geral para conhecer o seu passado, chegando por fim à casa e às técnicas construtivas;

- A terceira, mais teórica, através de todo o material recolhido relativo à cultura e arquitetura tradicional portuguesa, permite levar a cabo uma reflexão sobre o tema da arquitetura popular transmontana;

- A quarta e última parte do trabalho, pretende elaborar um projeto que permita uma relação mais objetiva com o estudo anterior. Procura refletir sobre o papel da arquitetura tradicional portuguesa e as suas influências, com o intuito de desenvolver um projeto relacionado com o tema de trabalho.

Neste sentido, seguindo a lógica da autoexplicação do Lugar, pelas características dos materiais locais e tendo como base a implantação das marcas e os muros existentes, a intervenção tem como programa a construção de um centro de interpretação que permita recolher informação e estudar a vida e cultura destes povos.

1 . 0 LUGAR



Fig. 1.

Fotografia:

Artur Pastor, "Série Portugal

Rural: Sul, décadas de
40/50."

1.1. ESTUDO DO LUGAR

Este trabalho de projeto parte da premissa de que a vida extravasa em naturalidade e desrazões e de que a arquitetura alcança a sua plenitude a partir das relações, circunstâncias e acontecimentos que foram vivenciados ao longo do tempo no território natural e paisagem construída.

Entendemos a arquitetura como organização espacial³ e consequentemente o espaço como a sua matéria-prima fundamental.⁴ Podemos afirmar que tudo é espaço. Todavia, apesar dessa unidade e significados, espaço e matéria não apresentam o mesmo sentido em toda a sua plenitude; o espaço é moldado e habitado pela matéria que o cinge.

A ideia de mundo como um sistema ecológico, que possa tratar o espaço físico como um lugar a partir de uma visão fenomenológica⁵, da cisão entre homem e ambiente. Propõe-se então, essa visão: revelar o homem e o espaço existencial. Heidegger defende que a arquitetura simbólica, neste contexto tradicional traz à tona as qualidades sensoriais dos materiais e dos ambientes, informa as características do lugar.

“A place is a space that has distinct character. Since ancient times Genius loci, or “Spirit of Place”, has been recognized as the concrete reality man has to face and come to terms with in his daily live.”⁶

O caráter do espaço é percebido pelo homem através de mecanismos sensoriais que lhe possibilitam relacionar-se com o meio, analisá-lo e responder-lhe. O corpo Humano é sempre usado como referência na inter-relação do Homem com espaço.

³ “(...) A arquitetura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mas precisamente do vazio, do espaço (...) em que os homens andam e vivem.” In ZEVI, Bruno – Saber ver a Arquitetura, p.18.

⁴ “(...) O espaço não somente é o protagonista da arquitetura, mas esgota a experiência arquitectónica, e quer, por conseguinte, a interpretação espacial de um edifício é suficiente como instrumento crítico para julgar uma obra arquitectura.” In Idem, p.25.

⁵ Na abordagem de Merleau-Ponty (2001), Heidegger (1954), Husserl (1984) e Varela, Thompson & Rosch (2003).

⁶ NORBERG-SCHUILZ, Christian – Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture, p.5.



Fig. 2.
Perspetiva Fotográfica:
Ruínas de uma habitação.



Fig. 3.
Perspetiva Fotográfica:
Uma casa abandonada.

Será legítimo questionar se a existência do Lugar enquanto forma física palpável, existe ou é apenas uma conceção espiritual. Tendo em conta, e seguindo a mesma experiência realizada por Peter Zumthor, é possível fazer a descrição de um determinado ambiente.

“Tudo há que refazer, começando pelo princípio (...), mas só comecei a conhecê-la melhor quando, juntos iniciamos o romance da sua - e nossa – transformação.”⁷

“Cheguei e da mesma forma parti, não rápido, fiquei com a sensação de um olhar curioso. E agora, o que me tocou?”⁸

Como um espasmo, lembrei-me da famosa frase inglesa que remete a Platão. “Beauty is in the eye of the beholder.” A explicação imediata é: tudo existe apenas dentro de mim. Mas depois faço a experiência e elimino a praça. E já não tenho os mesmos sentimentos.⁹

Segundo este pensamento, fica a clara carência de uma base palpável, espaço, matéria, que por conseqüente estimule no indivíduo uma reação espontânea. Remetendo assim, sem qualquer parte suspeita, o Lugar não é nada mais que uma mera construção mental.

Propõe-se, então como uma definição do conceito de lugar um fenómeno qualitativo total, que se executa quando uma determinada base, pelas suas componentes, é entendida enquanto espaço de carácter singular.

Para Norberg-Schulz o ato mais básico da arquitetura é compreender a vocação do lugar. Desta forma, protegemos a terra e tornamo-nos nós mesmos, parte de uma soma compreendida. A arquitetura é a concretização do Genius Loci.

“Genius loci is a Roman concept. According to ancient Roman belief every «independent» being has a genius, its guardian spirit. This spirit gives live to people and places, accompanies them from birth to death, and determines their character or essence.”¹⁰

Tal como o Homem, o sítio, de tamanha importância é indispensável à arquitetura. Podemos assumir este facto como fator necessário pois nenhuma obra arquitetónica se pode retirar de uma localização geográfica concreta, local onde se implanta, ainda que possa negar o sítio enquanto instrumento de criação.

⁷ TÁVORA, Fernando, Op. Cit, p. 130.

⁸ O que eu senti no primeiro “encontro” com a aldeia do Barreiro.

⁹ O sítio é uma coisa mental. In TRIGUEIROS, Luiz – Eduardo Souto Moura, p.28.

¹⁰ NORBERG-SCHULZ, Christian, Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture, p.18.

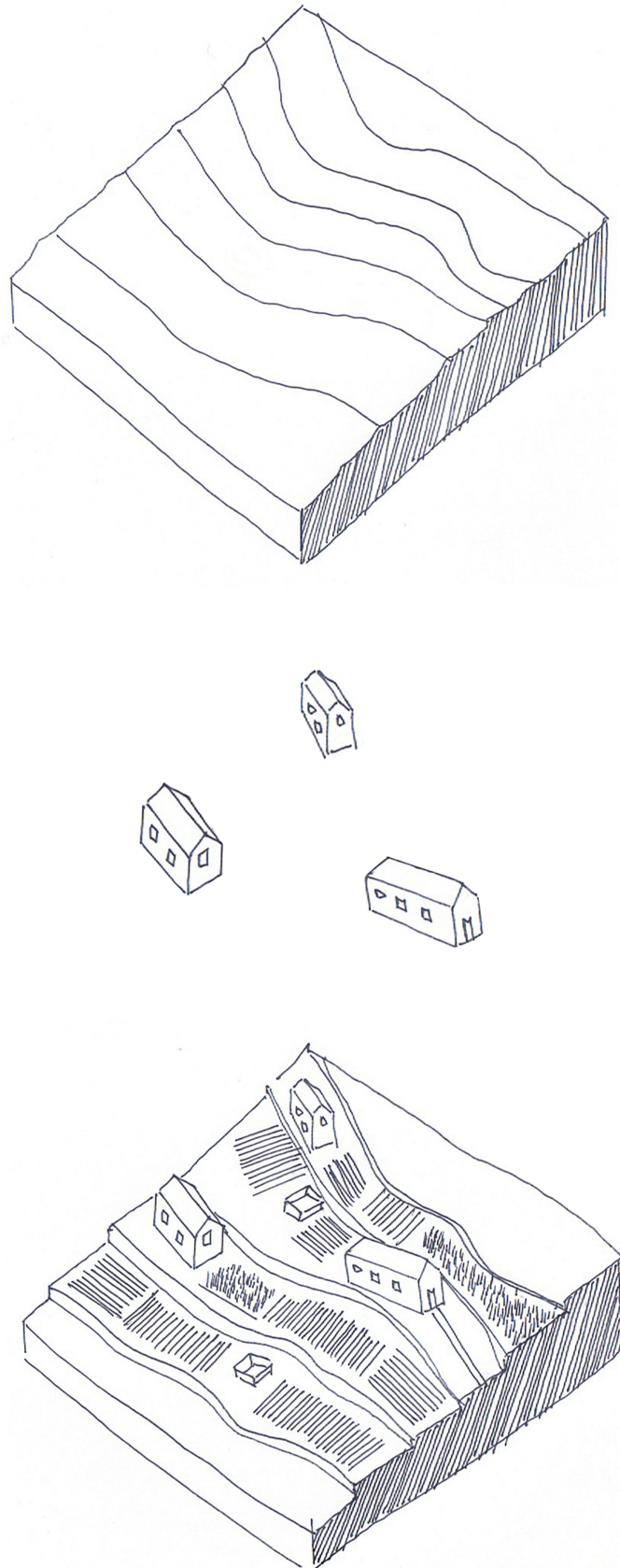


Fig. 4.
Desenho esquemático, onde
representa a definição do
conceito de lugar.



Fig. 5.
Perspetiva Fotográfica:
Vista sobre o horizonte e o
Monte Sra. da Graça.

É necessário criar uma “amizade” com o Lugar. “Na ideia geral da arquitetura participa também o lugar como espaço singular e concreto.”¹¹

Sendo a arquitetura um processo que é sujeito a todas estas condições e “obrigada” a tirar partido do que a rodeia. O Homem imprimiu à terra feição própria desenhando com clareza o trabalho espacial, conseguido através da matéria abundante, intervindo diretamente na espacialidade do sítio com o carácter de uma nova circunstância.

Para N. Schulz, os Lugares assumem-se como a referência existencial do homem por se constituírem como âncoras de significado no território, permitindo-lhe orientação e identificação e em função de ambos habitar.¹²

“Whereas «space» denotes the three-dimension organization of the elements which make up a place, «character» denotes the general «atmosphere» which is the most comprehensive property of any place.”
(...) Concrete human actions in fact do not take place in a homogeneous isotropic space, but in a space distinguished by qualitative differences, such as «up» and «down».”¹³

Sob o ponto de vista da experimentação existencial, o espaço nunca é homogéneo. Embora, até ao renascimento, o próprio espaço só fosse identificado ou facilmente distinguido na construção da perspectiva, no desenho e no plano racional abstrato.

A identidade do homem depende diretamente da sua pertença a um Lugar, com o silêncio dos bosques, a solidão de um território pouco povoado e intocado, onde existe uma paisagem dominada por fenómenos naturais e é esta a manifestação verdadeira do habitar, considerando que o entendimento do Lugar na atualidade muitas vezes torna-se inapreensível se dissociando dos seus atuantes.

Em suma, podemos concluir que o papel da arquitetura no habitar é compreendido muito para além da ideia de orientação e identificação de abrigo, acontece em espaços, com referências existenciais ou de carácter distintivo.

¹¹ ROSSI, ALDO, CITANDO VIOLLET-LE-DUC.

¹² In NORBERG-SCHULZ, Christian. Op. Cit., p.19.

¹³ In Idem, p.11.

1.2. O SIGNIFICADO DE LUGAR “PRIMEIRO ENCONTRO

Paralelamente ao Lugar, tema do capítulo anterior, a aproximação ao espaço físico, histórico e cultural do território, abrangem uma paisagem marcada por estas características. O Lugar cria condições intimamente relacionadas com a formalização e materialização da arquitetura tradicional.

A arquitetura é dos elementos mais palpáveis e caracterizantes da identidade rural, definindo e afirmando o território e as suas sucessivas mutações. A intervenção humana na paisagem natural foi condicionada pelas necessidades e atividades do homem, conferindo-lhe as características imprescindíveis para o habitar.

Os territórios que constituem as províncias de Trás-os-Montes e Alto Douro caracterizam-se, de grosso modo, por serem pouco homogéneos devido à sua morfologia, apresentando uma paisagem muito diversificada. Moldados por um conjunto sucessivo de planaltos e montanhas e percorridos pelos rios, Douro, o Sabor, Tua e Tâmega.

A aldeia do Barreiro, localizada no Concelho de Mondim de Basto, implantada nas serras do Parque Natural do Alvão, onde a arquitetura vernacular assume uma presença na paisagem. Marca o início de uma nova aventura pessoal.

A aproximação ao lugar começou com um simples passeio de fim de semana no vasto e montanhoso Parque Natural do Alvão.

Apaixonei-me logo. Foi a primeira sensação que tive ao observar estas construções tradicionais.

O Lugar falava por si, vista de poucas palavras, o silêncio humano, apenas se ouvia o som da natureza e tudo isso bastou. O facto de ter realizado um percurso a pé pela aldeia, permitiu-me descobrir no seu núcleo formações rochosas onde restam vestígios construtivos de habitações esquecidas. Olhei em redor, percebi a escala do território, é imaginariamente mais vasto. Via-se bem lá no horizonte o alto monte da Sra. da Graça.



Fig. 6.
Primeiro "encontro" com
a aldeia do Barreiro.





Fig. 7.
Desenho: Planta da aldeia
do Barreiro.



Sento-me numa qualquer rocha para poder observar e conseguir contemplar e melhor perceber a paisagem que me rodeia.

“A gente entra e já está no Reino Maravilhoso. Ora, o que pretendo mostrar, meu e de todos os que queriam merecê-lo, não só existe como é dos mais belos que possam imaginar.”¹⁵

Bem no cimo deste miradouro, sim aqui, sentimo-nos verdadeiramente simplificados enquanto “ser”, a imensidão e a grandiosidade que a visão alcança nesta paisagem. Por entre vales e montes, por mais alto que imaginemos estar, existirá sempre outro ponto mais alto, aqui ou por aí, onde a própria linha do horizonte é limitada à mais pura insignificância.

“O Homem está no mundo e o mundo está no homem: a paisagem é o nome do local dessa circulação entre o homem e mundo, dessa mistura.”¹⁶

Aqui tudo parece igual, esquecido, mas a ação humana exhibe que nem tudo é eterno. Cada serra tem a sua singularidade, umas com linhas trabalhadas e outras marcadas pela própria irregularidade das rochas, traçando a terra à sua forma natural e destacando a imensidão da paisagem que não se esgota aqui.

“Léguas e léguas de chão raivoso, contorcido, queimado por um sol de fogo ou por um frio de neve. Serras sobrepostas a serras. Montanhas paralelas a montanhas.”¹⁷

Por outro lado, as pequenas nascentes têm um papel essencial, rompendo os solos e correndo por onde a natureza as deixa passar, por fendas, por rochas, chegando aos tanques sem pressas depois do seu longo percurso.

Povoações quase nem vê-las, mas elas estão lá, escondidas na mesma cor da terra, pela constante presença das florestas e vales, onde qualquer caminho parece um qualquer socalco perdido.

Aqui o respeito pela natureza é divino! Pergunto-me, não deveria ser assim a Arquitectura?

¹⁵ Miguel Torga in “Trás-os-Montes e Alto Douro”, III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro.

¹⁶ BESSE, Jean Marc, Estar na paisagem, em CARDOSO, Isabel Lopes, “Paisagem Património”, p.34.

¹⁷ In Idem.



Fig. 9.
A identidade do homem
depende diretamente da
sua pertença a um lugar.



Fig. 9 .
O sino que toca anunciando
quando há missa.



Fig. 10.

Os pequenos monumentos simbolizam as crenças do povo e abençoa os viajantes mais curiosos.



Fig. 8.

Perspetiva Fotográfica:

Sento-me numa qualquer rocha para poder observar e conseguir contemplar ou melhor perceber aquilo que nos rodeia.

É apreciável uma característica nada ordinária desta “arte” natural, onde as forças da natureza manifestam o seu papel através das estações do ano, desafiando sem exatidão o próprio ciclo da vida do Homem.

No inverno as manhãs e tardes são frias e quando a neve chega cobre toda a paisagem, envolvendo o ar com o fumo branco que sai das poucas chaminés. O tempo parece não passar, e a vida faz-se, dentro ou fora de casa, onde nem mesmo o frio cortante das montanhas afugenta os deveres dos mais corajosos.

Com a chegada da primavera a paisagem ganha um novo sabor, as cores são repletas de vida, os poucos animais saem das suas tocas, os montes decorados com as mais variadas flores onde o odor da terra e das árvores paira e renova o ar.

No verão qualquer sombra de uma telha ou canto de um espigueiro é bem-vindo sob o sol abrasador. As tardes ao pôr do sol servem para pôr a conversa em dia, transformando-se em longos diálogos noturnos, aqui todo o mundo é família, nasceram todos da mesma terra.

É assim desta forma, que a paisagem conta as suas histórias e salvaguarda memórias, percecionando a evolução humana pelas suas construções e ocupações.

“Nesta terra os contos da montanha são reais.”¹⁸

Na adaptação do Homem ao espaço e na planificação estão presentes os fatores naturais, de que ele dependendo, tornando a vivência do local singular.

Os aglomerados existentes no Parque Natural do Alvão inserem-se num território caracterizado por afloramentos xistosos nas cotas mais baixas e graníticos nas cotas mais altas, que o tornam muito agrestes e lhes conferem uma fisionomia bravia, mesmo que trabalhada pelos homens.

¹⁸ TORGA, Miguel, in “Trás-os-Montes e Alto Douro”, III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro.



Fig. 12.
Perspetiva Fotográfica:
Vista sobre a Aldeia do
Barreiro.



Fig. 13.
Perspetiva Fotográfica:
Vista sobre o Monte da Sra.
da Graça

Aqui, presenciamos alturas que variam entre os 100m, no rio Tâmega, e os 1315m, na serra do Alvão.

Na Aldeia do Barreiro, e à semelhança de outros lugares com características idênticas, o homem controlou este espaço através de socalcos, de forma a facilitar o acesso das espécies circundantes. Ao estudar os diferentes povoamentos circundantes, encontrou-se características semelhantes na estrutura desta sociedade.

A paisagem e meio físico são os fatores mais relevantes na caracterização destes povoados, representando da forma mais poética a sua interação com o espaço pré-existente.

Com base nestas ideias, conceitos de habitação coletiva, conhecimento dos hábitos tradicionais, fazem com que estes aglomerados de construção vernacular se afirmem no território natural, cultural, paisagístico e arquitetónico.

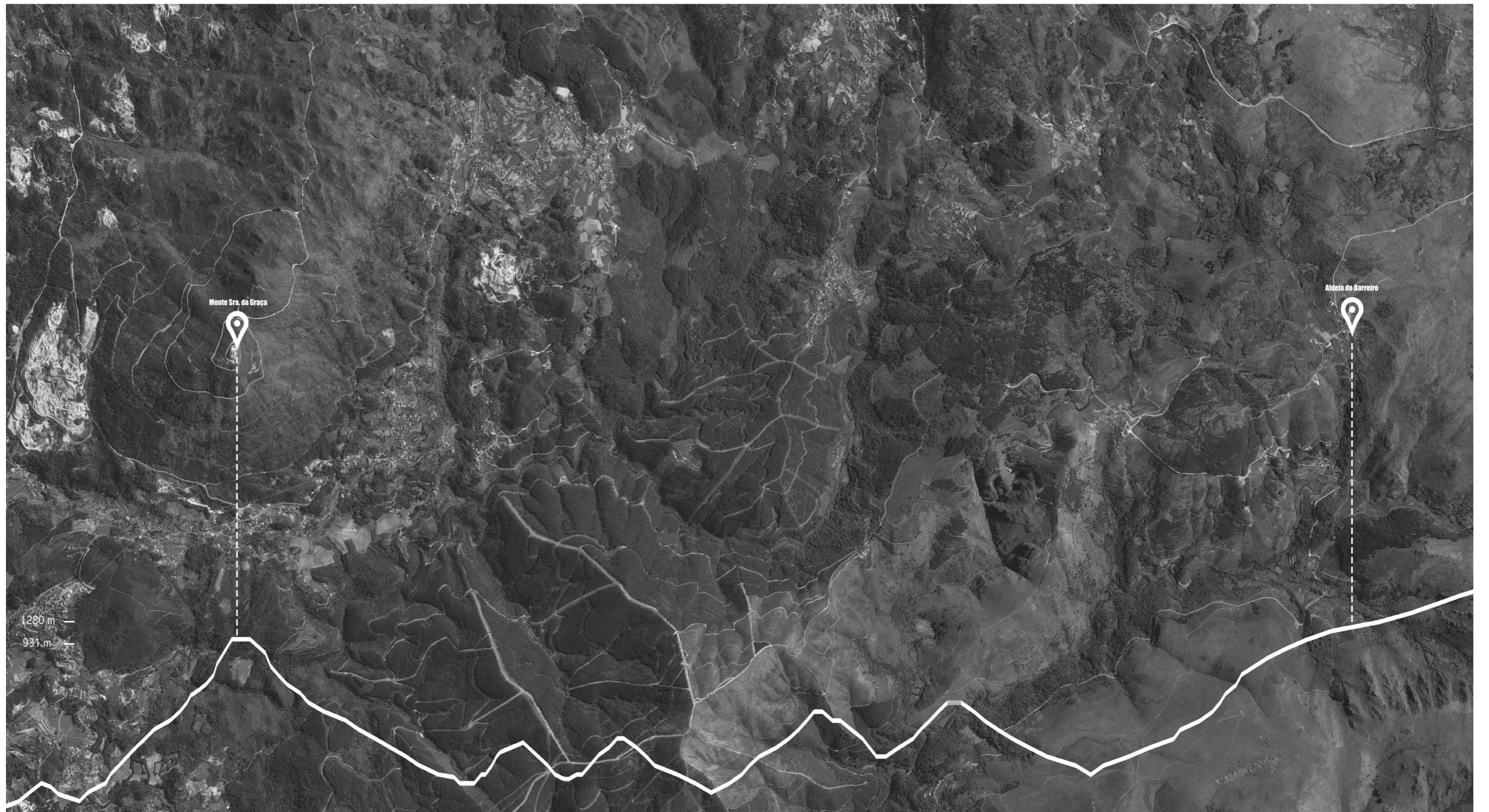
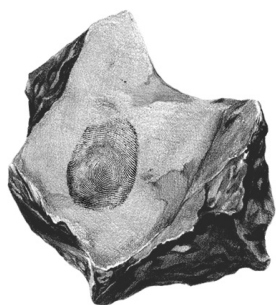


Fig. 14.
Comparação de altitudes
entre o Monte da Sra. da
Graça e a Aldeia do Barreiro.



“ Vou falar-lhes dum Reino Maravilhoso. Embora muitas pessoas digam que não, sempre houve e haverá reinos maravilhosos neste mundo. O que é preciso, para os ver, é que os olhos não percam a virgindade original diante da realidade, e o coração, depois, não hesite. Ora, o que pretendo mostrar, meu e de todos os que queiram merecê-lo, não só existe, como é dos mais belos que se possam imaginar. Começa logo porque fica no cimo de Portugal, como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos. (...)”¹⁹

¹⁹ TORGA, Miguel, em “Reino Maravilhoso”, Coimbra, Atlântida, 1941.

2.1. A ALDEIA DO BARREIRO “ A AMOSTRA”

Neste subcapítulo é iniciada a aproximação à amostra através de duas metodologias: o percurso e a palavra local. Inteiramente relacionados, estes dois métodos são aqui explorados e permitem desenvolver ferramentas necessárias para uma valorização referente ao “nosso” passado/presente, e que neste momento, apenas sobre ele influí. “O passado vale na medida do presente.”²⁰ Admitem, portanto, um percurso visual e histórico, no tempo e no espaço.

“Ver a paisagem e ver um pormenor. Parece ser muito diferente, mas claro que não é. Se começares a andar para trás a paisagem ficará um pormenor.”²¹

A amostra deixa de ser lida como mais um mero passeio de fim de semana, desprovido de curiosidade e de um olhar específico, ao invés, é lida como um lugar em constante mutação, cujas particularidades são valorizadas por quem as vê e sente.

No desenrolar deste capítulo, o conhecimento da amostra tem como objetivo, através da variação das escalas, fazendo com que nesta se reflita, ter um contacto mais próximo com as arquiteturas existentes.

Nesse sentido, e permitindo dar importância aos aspetos, unicamente perceptíveis quando visualizados a uma maior e menor escala, transformando-se na estrutura base que compõem a topografia, estruturação e a vida local.

Situada numa montanha norte do Parque Natural do Alvão, a uma distância de aproximadamente 7,5 km em linha reta do concelho de Mondim de Basto, integra a muito característica aérea geográfica e histórica conhecida por Terras de Basto. Caracterizada por um relevo fortemente acidentado, atingindo os 1200m de altura na aldeia do Barreiro, o terreno prima pelo seu verdadeiro carácter de exceção, por se situar sobre uma área muito montanhosa e agreste com pouca propensão agrícola.

As zonas mais elevadas e devido às condições impostas, são pouco produtivas, muito pedregosas e impraticáveis nos meses de inverno devido às baixas temperaturas, formação de geadas e da propícia queda de neve. Nos meses de verão, normalmente há uma maior agitação, nas chãs de altitude, o pasto cresce espontaneamente, apetecível pelos animais e por parte das comunidades que habitam as suas faldas.

²⁰ Fernando Távora, citado por José Miguel Rodrigues, in O mundo ordenado e acessível das formas: tradição clássica e movimento moderno na arquitectura portuguesa, dois exemplos, Porto, Afrontamento, 2013;

²¹ TAVARES, Gonçalo M., dicionário ilustrado – Óculos, Notícias Magazine, nr. 1135, p.66.

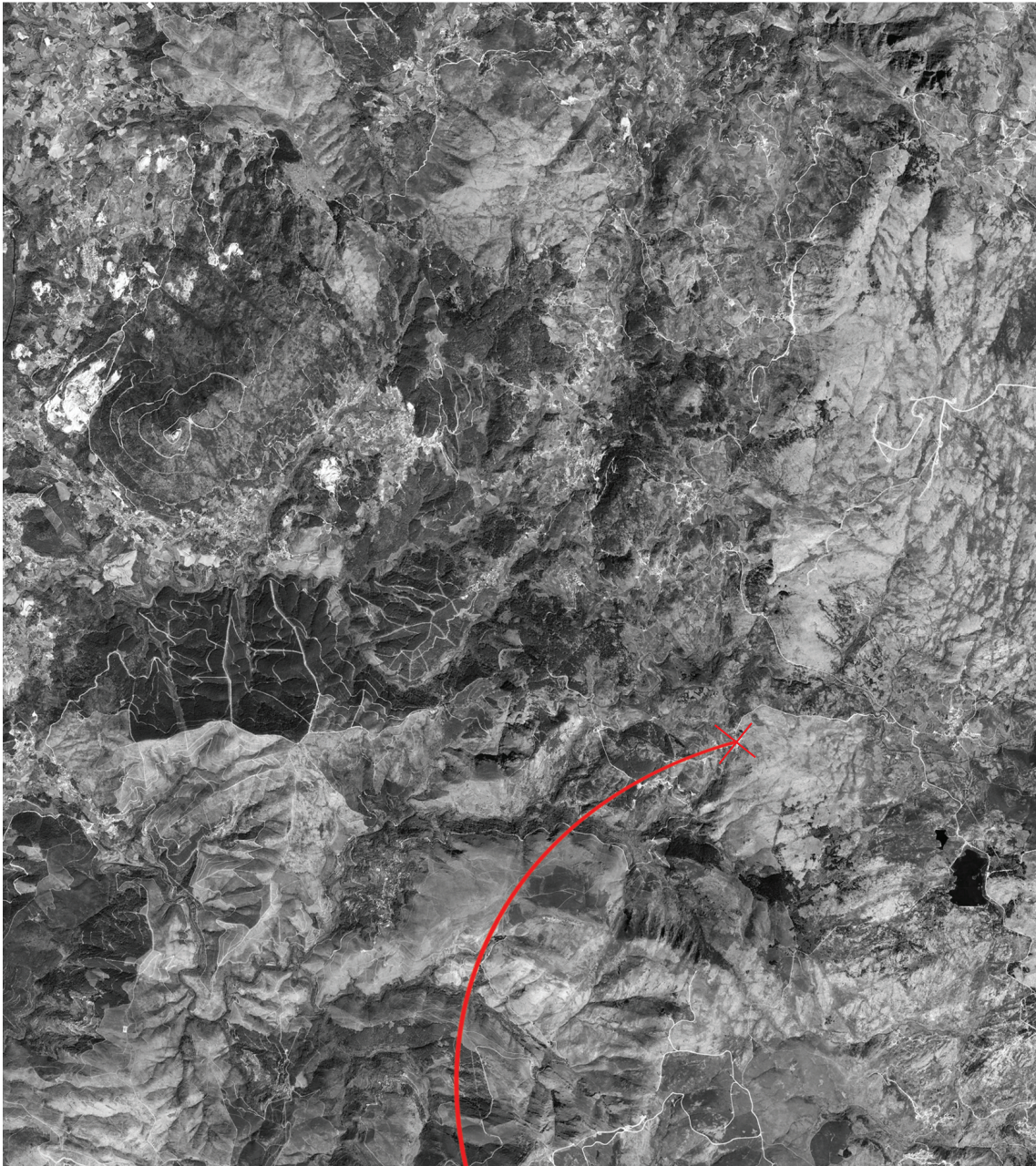


Fig. 15.
Mapa do concelho de
Mondim de Basto e
aproximação à Amostra.



Fig. 16.
Planta da aldeia do Barreiro.

Nos dias que correm encontramos uma arquitetura rural, sempre esteve associada a uma certa desordem, resultante da falta de um planeamento conhecedor, que sempre caracterizou a sua organização e espontaneidade territorial.

Admite-se, no caso da aldeia do Barreiro, a possibilidade de existem histórias que contem e descrevam o refúgio e vida desta gente encravada na serra do Alvão, traduzidas no conteúdo das casas e espigueiros, um pouco destruídos e estendidos por toda a vizinhança.

Mas, perante todas as possíveis justificações, esta permanece aparentemente inexplicável, como remanescente da vida de um povo quase desaparecido, onde a minuciosidade arquitetónica é tão selvagem quanto apurada.

Para além dos aspetos pitorescos que imediatamente ressaltam à vista, caracterizam a inequívoca capacidade da expressão artística, que nasce desde o cuidado posto na prática, até à orientação para traduzir uma natural aptidão na arte de construir.

“Se é nos espigueiros destes montanheseiros que encontramos as formas melhor conseguidas e a arte de pedreiro mais apurada, é logo nas suas casas que vamos retomar a correspondência direta natural da aptidão.”²²

Hoje, mais arruinadas do que o costume e esquecidas, com enxertos desatualizados e remendos de ocasião, ainda nos é possível visualizar num ou outro exemplar, melhor conservado, a dignidade e o carácter desta arte perdida.

Aqui, a povoação do Barreiro, onde já existem as poucas arcaicas construções de pedra solta e coberturas de colmo, “arquitetura surge como agente organizador e potenciador de um modelo que associa as comunidades rurais a verdadeiras economias agrícolas.”²³ Como afirma o arquiteto Carlos Quintans, “(...) também devem ser os arquitetos a pensar os espaços que abrigam os animais, as máquinas ou que servem de armazém.”²⁴

²² Arquitetura Tradicional Portuguesa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1º volume, 3ª edição, p. 76.

²³ Uma arquitetura poderosíssima que está vinculada aos procedimentos produtivos mais elementares; a agricultura, pesca,(...)”, Carlos Quintans, “Entrevista por Luís Santiago Baptista e Paula Melânio”, in ArqA 101 - Persistências Rurais, p.38.

²⁴ Carlos Quintans, op.cit;

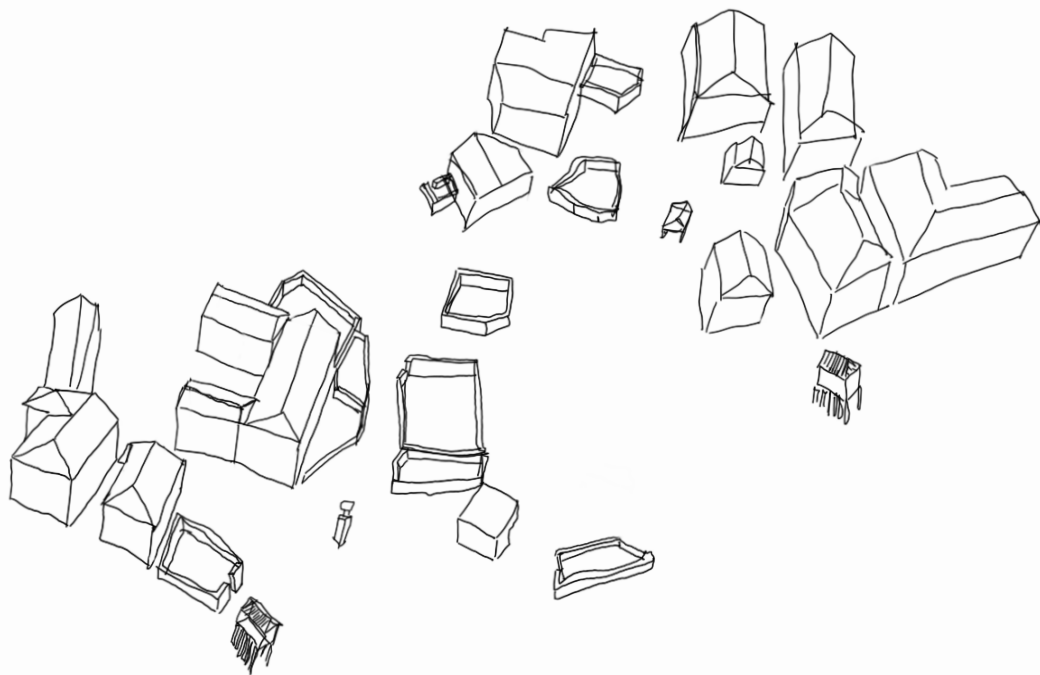


Fig. 17.
Esquiços dos muros no
núcleo da Aldeia.



Fig. 18.
Área mais antiga, localizada
no centro da Aldeia.



Fig. 19.
Esquema das ruas da aldeia
do Barreiro.



Fig. 20.
Esquema organizativo das
habitações na aldeia do
Barreiro.

A maioria das habitações está à mercê do tempo, muitas foram compradas por um estrangeiro e deixadas lá ficar, entranhadas na terra e no esquecimento. Talvez um dia regressem. Apesar da profunda decadência e deterioração, acentuada pelo abandono de sensivelmente à escassos cinquenta anos, apenas resistem as robustas paredes de granito, opõem-se, com determinação à negligência humana e assim equilibram-se com firmeza e à passagem inferente do tempo.

A aldeia de planta “ordenada” e disposta pelo esquema usual rural, que a visualizar pela regra geral das habitações serranas, aqui se mostram as acanhadas casas em torno do núcleo rochoso “coração” e aparentemente crescendo de forma obedecida pela topografia existente.

A natureza era tida como modelo, e em conjunto com a pureza dos materiais aplicados como condição meramente pragmática, davam forma a esta metodologia coletiva local. Desta metodologia resultam arquiteturas de toda uma “vida”, que resultam não só da conformidade material, mas também da utilidade variáveis programas.

“Outras culturas certamente fizeram mais com o potencial tecnológico que possuíam; meios e fins eram invariavelmente bem integrados. O engenho era cuidadosamente direcionado para responder às necessidades e desejos das pessoas. O que faziam não era alienado, por outro lado, assegurava a sobrevivência contra as específicas intempéries naturais, sem que isso ameaçasse o seu ambiente ou o tornasse impessoal - isto é de inegável importância.”²⁵

A engenhosa aptidão para a construção e acomodação dos edifícios semeados por várias cotas e terrenos acidentados, passa, muitas vezes, por tirar partido da sua localização para facilitar a implantação ao sítio, nomeadamente, em zonas protegidas dos ventos gélidos e intempéries, bem como de locais com vista privilegiada para o horizonte.

Desta forma, a criatividade era em inúmeros casos, a solução e resposta para eventuais problemas e adversidades. Os construtores em alguns casos detinham alguma liberdade para arriscar, o que contribuía para o enriquecimento da cultura e técnica construtiva.

²⁵ Aldo Van Eyck, Op. cit, p.127.

“O uso de um só tipo de edifício não produz necessariamente monotonia. A irregularidade do terreno e os desvios em relação às medidas estandardizadas resultam em pequenas variações que originam um balanço perfeito entre unidade e diversidade.”²⁶

A resistência nunca foi infinita, a prova disso, resta nas construções locais abandonadas e com elas decisões de uma vida melhor. Normalmente decorrentes do desejo ajustado de segurança ou partiam puramente de um propósito de simplificação ou da inserção das novas estruturas. Com elas o modo de agir, era facilmente justificado com a utilização de materiais de origem mineral ou vegetal, contribuem sem o mínimo desforço para a afinidade entre o edifício e o Lugar.

Estes modos de agir, juntamente com a utilização de materiais primitivos, contribuíam facilmente para a correspondência analógica entre o edifício e o Lugar, “ao invés de tentar conquistar a natureza, como fazemos, eles acolhem os caprichos do clima e o desafio da topografia.”²⁷

²⁶ Bernard Rudovsky, op. cit, p.56.

²⁷ In idem, p.3.

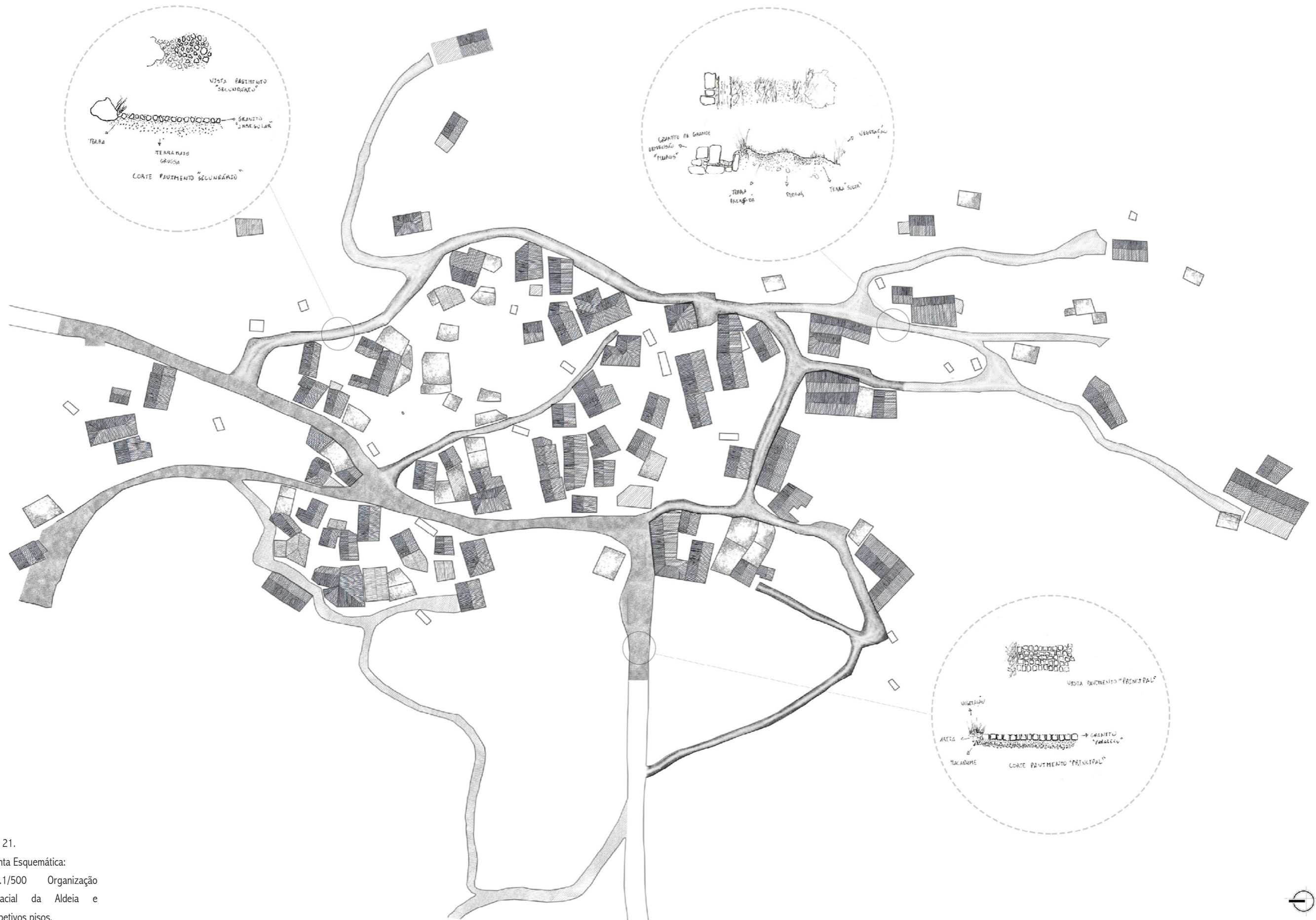


Fig. 21.
 Planta Esquemática:
 Esc.1/500 Organização
 espacial da Aldeia e
 respetivos pisos.



2.2. IDENTIDADE VISUAL

“Eu sou tal como tu vês e daqui faço parte.”²⁸

A identidade e património traduzido por muitos como (objeto) são associados às permanências dos lugares físicos, são uma forma de preservação da memória coletiva e das suas gerações.

A valorização do passado, do património material e imaterial das aldeias, a riqueza tradicional que herdamos como cidadãos e que é transmitida de geração em geração, adquirem já alguma relevância para a sociedade contemporânea que é legítima na preservação das memórias e suas tradições.

O conceito de memória remete-nos de certa forma para o património quando se trata da preservação. Os problemas consistem na integração desses monumentos no mundo atual e no seu espaço histórico, entendidos como testemunhos vivos e materiais do passado, recheados de informação, que devem manter o seu significado e valor de antiguidade da forma mais natural possível.

“Como uma linguagem ou história, torna-se um poderoso marcador identitário de uma região, que tal como a sociedade não está estagnada. Ao mesmo ritmo que a comunidade muda, os sentidos dessa natureza também sofrem as alterações desse ritmo. Não há paisagens para sempre.”²⁹

A análise das diferentes aldeias e arquiteturas que compõem e se localizam nesta área do Parque Natural Do Alvão, e também mais próxima com a aldeia do Barreiro, compõem diferentes características que permitem defini-las e corresponder ao tipo de povoamento existente.

As formas dos povoamentos na região arquitetónica norte interior e os tipos de construções, traduzem-se, pelas formas de relevo, clima agreste, revestimento vegetal, cor e textura dos solos.

Neste tipo de região transmontana encontramos vários tipos de habitação, que se definem sumariamente, pelos seus materiais construtivos, arrumamentos, arquitetura da produção, religião e natureza envolvente.

²⁸ TÁVORA, 1999, p. 22-23.

²⁹ DOMINGUES, 2011, p.15.

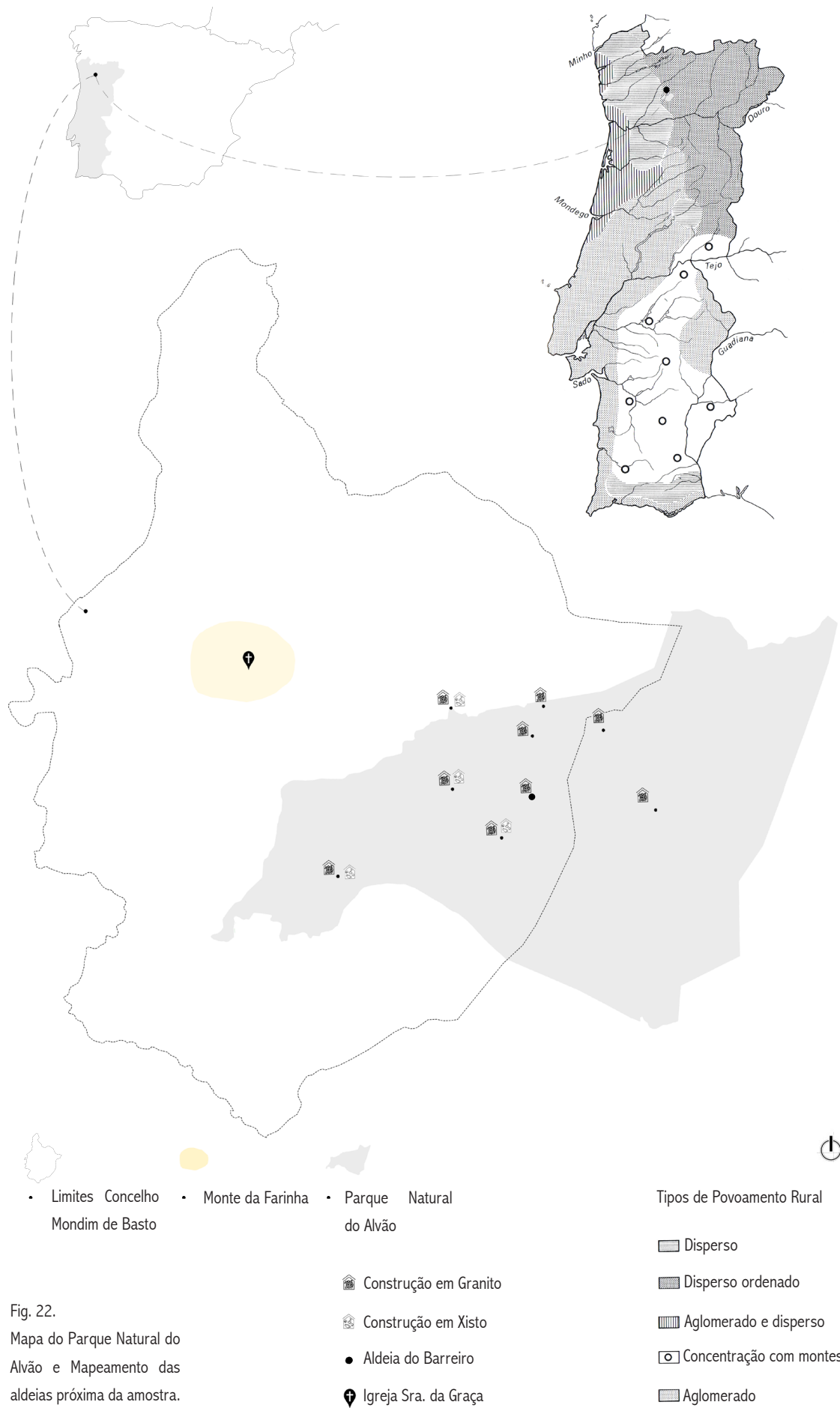


Fig. 22. Mapa do Parque Natural do Alvão e Mapeamento das aldeias próxima da amostra.

“Na região do Norte devem ser considerados dois tipos de povoamento: disperso e aglomerado. O primeiro é frequente no Minho, enquanto o segundo se encontra mais para interior, particularmente na província Trás-os-Montes.”³⁰

Estas habitações, inseridas nas regiões transmontanas, apresentam também uma variedade de coerência ao nível das formas de povoamento facilmente associados às construções locais e ligadas a produção da agricultura.

Nesta região, mais concretamente na área do Parque natural do Alvão, destacou-se aldeias próximas do caso de estudo, tais como: Cavernelhe, Varzigueto, Ermelo, Fervença, Açureira, Anta, Dornelas e Lamas de Olo.

Nestas aldeias rurais encontrou-se tipos de identidades, habitações, construções e culturas onde seguidamente serão apresentadas, indicando sumariamente suas características.

A maioria das aldeias nesta região são compostas pelo sistema de povoamento disperso ou “por um conjunto de construções que servem de base à exploração agrícola familiar.”³¹

Existe também com grande afluência nas pequenas aldeias “o povoamento aglomerado que é composto por um pequeno grupo de habitações agarradas aos flancos das serras ou no alto dos montes e têm um desenvolvimento que podemos considerar circular”³² verificável no presente caso de estudo.

Caraterizadas pelas ruas estreitas e íngremes e contruídas diretamente na textura rochas que afloram o solo, estas pequenas ruas conduzem gente para as suas habitações e o gado a caminho ou volta das pastagens.

O tipo de habitação mais frequente nesta região é a casa serrana, “composta de dois pisos de planta quadrada ou retangular, contém no rés-do-chão a corte do gado e no andar sobrado que é acessível por uma escada de pedra, uma ou duas divisões (cozinha com lareira e quarto). O telhado de duas águas ou quatro águas e pode ser coberto por com telha caleira, placas de xisto, lousa ou colmo segundo a situação geográfica, (...) apenas aparece quando é o caso, uma chaminé rudimentar.”³³

³⁰ MOUTINHO, João C., *Arquitetura Popular em Portugal*, p. 37.

³¹ In *Idem*, p. 41.

³² *Ibidem*, p.41.

³³ *Ibidem*, p. 42.

Numa região de granito e xisto, a construção popular utiliza estes materiais que são um fator identitário destas localidades, por eles modeladas, podem aparecer casas de pedras de uma ou outra geologia, que nas poucas vezes são emparelhados com granito de várias dimensões ou outra espécie alternando uma ou outra com o xisto e calhaus rolados.

O xisto, apresenta-se como material dominante na aldeia do Varzigueto, Fervença e Lamas de Olo, embora na aldeia de Ermelo, seja onde ele referência a união da construção e território: “são uma e a mesma coisa: o xisto e ardósia era o que extraia e era o que se aplicava, e isto, em termos arquitetónicos, dá uma integração espantosa.”³⁴

O granito, material mais rude permite uma maior facilidade de construção devido às suas características naturais. Existem com maior regularidade em zonas montanhosas e solos pouco férteis.

Embora em alguns casos possa haver uma dualidade de matérias, quando são empregues em harmonia e que normalmente só são aplicados em situações excecionais, criam construções e métodos construtivos muito aprazíveis. “O xisto, que se apresenta sob a forma de pequenas lajes, implica que as ombreiras, padieiras e aventais sejam de madeira ou de granito, assim como os cunhais que geralmente são formados por grandes blocos de granito. (...) Por vezes mesmo aparece em certas regiões uma varanda coberta com um balaúste de madeira geralmente dominada de «balcão», que serve de sequeiro para o milho ou outra fruta.”³⁵

Os telhados são geralmente pouco inclinados, com cobertura de telha finas placas de xisto ou até mesmo colmo em casas mais pobres; nas paredes exteriores, anteriormente falado, pedra à vista e a fachada é moldurada apenas nas portas e janelas ou outro motivo a salientar.

Estas construções apresentam um leque de funções que não estão diretamente ligadas à habitação, mas sim direcionadas para um certo número de tarefas ligadas a produção. Tal como é o caso dos espigueiros, sequeiros, abrigos, moinhos, entre outros, são objetos ligados as tradições coletivas e produção agrícola.

³⁴ FERNANDEZ, Sergio, Rio de Onor, 1962-1963, Editorial do Departamento de Arquitetural, p.44.

³⁵ MOUTINHO, João C., Arquitetura Popular em Portugal, p. 42



Fig. 23.
Planta Esquemática.
Agglomerado de Açureira



Fig. 24.
Planta Esquemática.
Agglomerado de Anta.



Fig. 27.
Planta Esquemática
Agglomerado de Lamas d' Olo
Fotografia: Alberto Couto



Fig. 28.
Planta Esquemática.
Agglomerado de Ermelo.



Fig. 25.
Planta Esquemática.
Aglomerado de Cavernelhe.



Fig. 26.
Planta Esquemática.
Aglomerado de Fervença.



Fig. 29.
Planta Esquemática
Aglomerado de Varzigueto.
Fotografia: Google.



Fig. 30.
Planta Esquemática
Aglomerado de Dornelas.
Fotografia: Fernando DC. R.

Os espigueiros caracterizam e dão identidade a estas aldeias, de forma alongada, suspenso por suportes de pedra, unidos por “mesas” permitindo assim que a humidade do chão e ratos não cheguem ao milho. As paredes verticais ou inclinadas são espaçadas permitindo um arejamento eficaz dos alimentos. Podem ser construídos de madeira embora a pedra seja o material mais utilizado nesta região.

Numa região em que, como vimos, predominam atividades de caráter agro-pastoril e de autoconsumo, os Moinhos do Povo são detentores de um grande papel, apesar das suas pequenas dimensões serviam toda a população da aldeia. Os processos naturais de moagem do trigo eram através da água trazida pelos canais construídos e permitiam um autoconsumo de investimento, uma vez que como pagamento era retirada uma parte da farinha de centeio.

Os moinhos poderiam ainda ser habitados, como é o caso de um dos dois moinhos localizados na aldeia do Barreiro. Conta a Senhora Hermínia que: “já lá vivi com os meus 6 filhos, o espaço era pequeno, mas dormíamos lá todos.”

A habitação nesta região oferece pouca variedade quanto ao colorido das fachadas e construções rurais. Com efeito, as caiações resumem-se às guarnições das portas e aos abrigos da entrada que por vezes são pintados de branco. As cores dominantes são as do granito, do xisto ou da lousa que, como vimos, são os principais materiais de construção.

2.3. FASES DE OCUPAÇÃO

“Desde que os homens conseguiram romper o isolamento que continha em pequenas áreas, os aperfeiçoamentos técnicos e as inovações, formas da Arquitectura alastraram pela superfície da Terra, acompanhando a expansão territorial de certos povos, das doutrinas religiosas e do intercâmbio económico e cultural.”³⁶

A arquitectura transmontana de tamanhas características, reflete uma profunda harmonia entre os edifícios e o meio, inclusive nas regiões construídas harmoniosamente e segundo princípios tradicionais ao longo dos anos.

Esta atividade demonstra como o agregado humano, nas suas construções, retrata as condições culturais das épocas vivenciadas. Aqui o equilíbrio é feito dia a dia, sem pressas, em bases próprias, com preciosas lições, construções singelas, coerentes e harmoniosas que, na maior parte dos casos, hoje estão em estado de degradação.

A aldeia do Barreiro, implantada na encosta da montanha, destaca-se ligeiramente pelos aglomerados construídos e apresenta uma topografia agreste e silenciosa. O facto desta aldeia se caracterizar por ter variadas pendentes, sobrepostas a solos muito rochosos, torna qualquer percurso uma tarefa árdua e cautelosa. É neste contexto de influências agrícolas e agro-pastoris que a aldeia do Barreiro teve a sua origem.

Depois de todas as constatações e interpretações locais, construiu-se uma representação esquemática da evolução desta aldeia. Nota-se uma grande transformação ao longo dos tempos passados, traduzidas nas necessidades e vontades locais, que se manifestaram no legado construído.

O povoado de montanha assim formado é de pequenas dimensões, pouco mais de 50 habitações, das quais cerca de um quarto se encontram habitadas. A sua malha urbana, apresenta uma diversidade entre aglomerados mais caóticos na sua ordenação, pela força dominante dos solos, e outros germinados na mesma semente rochosa.

³⁶ “Arquitectura Popular em Portugal”, p.27.

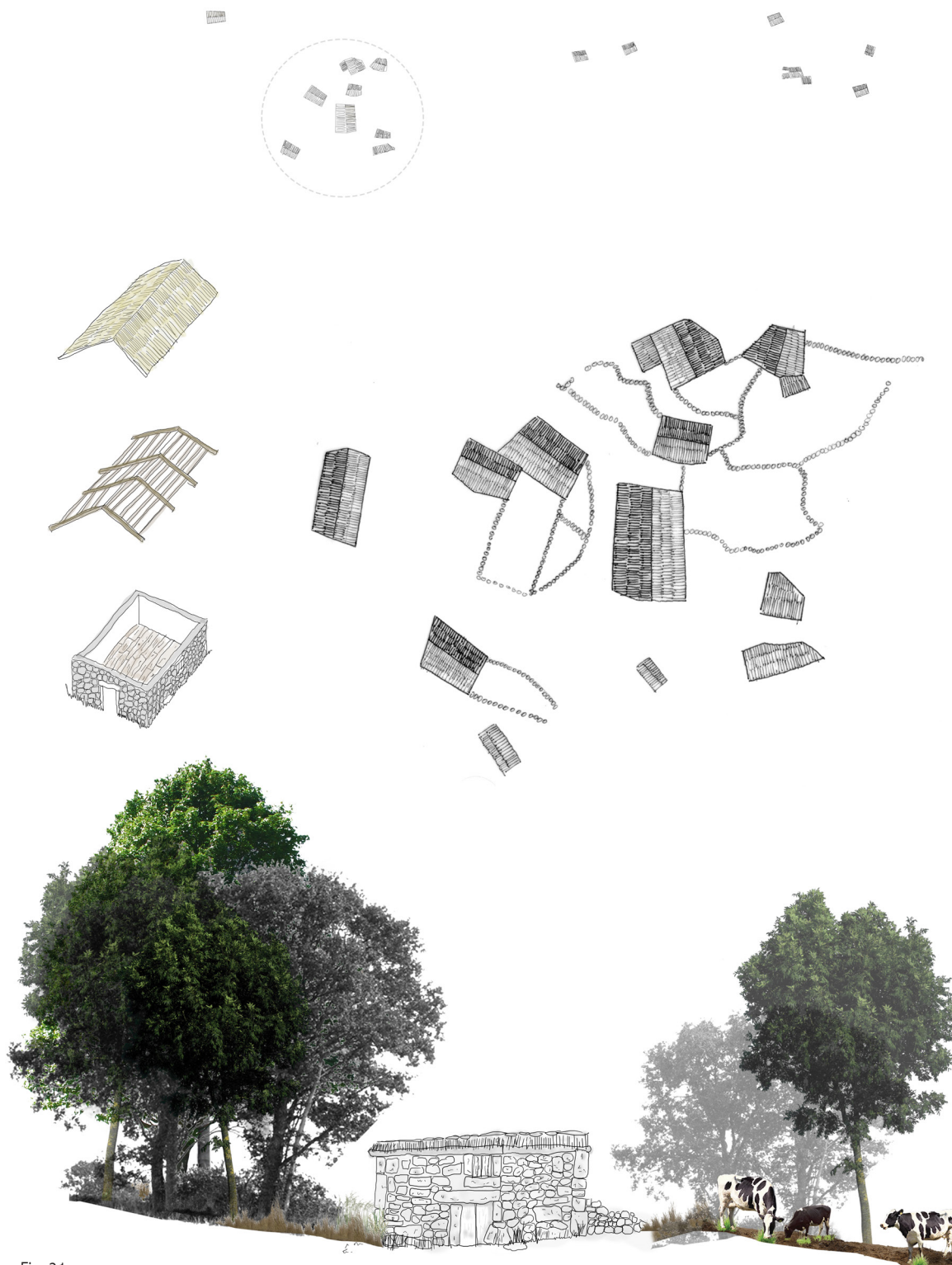


Fig. 31.
Organização das primeiras
habitações no núcleo da
aldeia e representação
construtiva dos materiais.

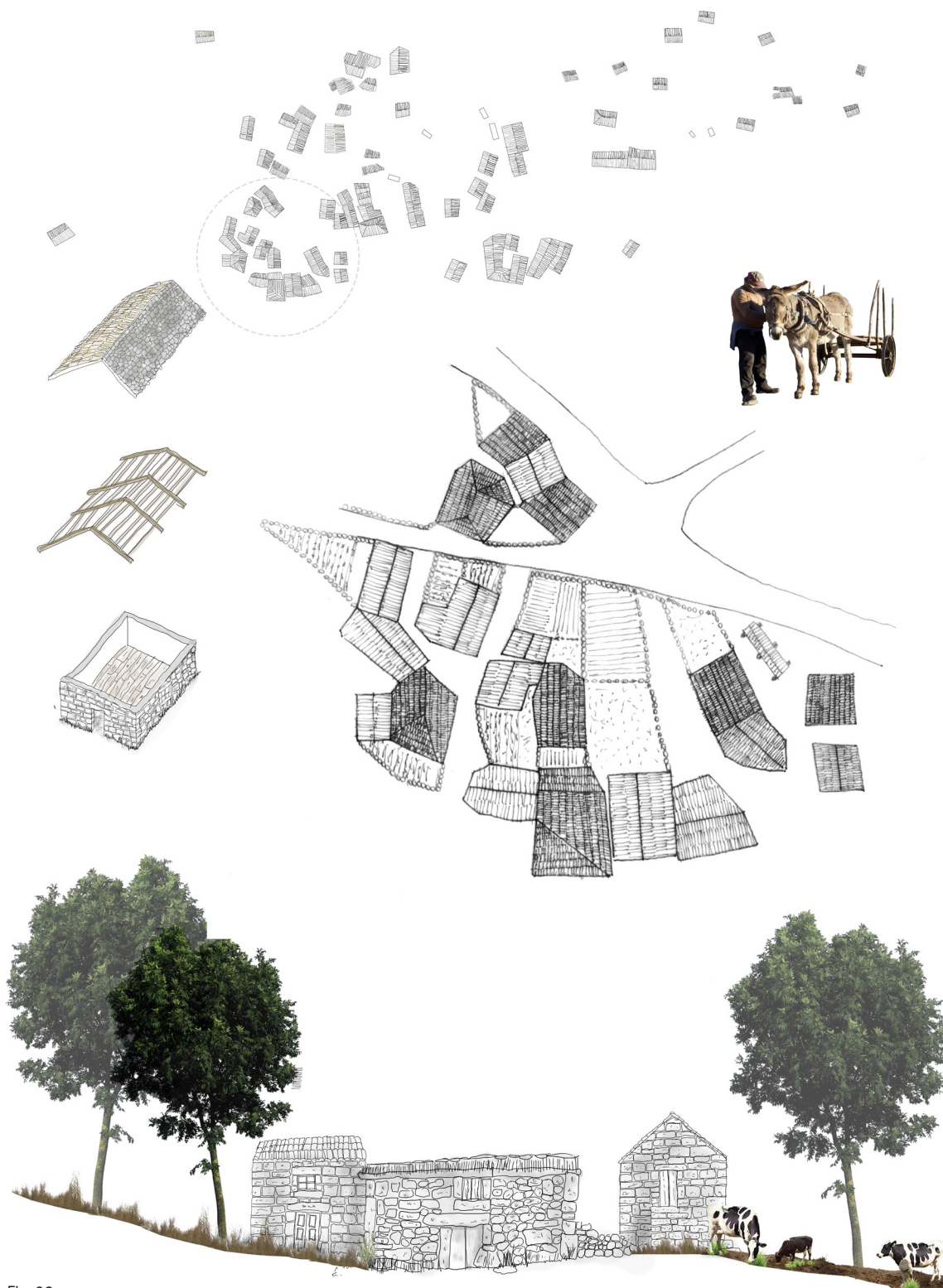


Fig. 32.
Crescimento de habitações
na aldeia. Progresso nas
técnicas construtivas e
maior produção agrícola.

Acredita-se que a raiz das populações que habitam estes povoados remonta ao reinado de D. Afonso III, (...) a coroa possuía propriedades em vários lugares da Terra de Celorico de Basto: em Mondim de Basto, Vilar de Ferreiros, Ermelo, Chafam, Campanhó, Paçô, Pardelhas, Boças, Barreiro, Busto Meão e Toutusa, e ainda Bilhó, Travaços, Andorinha, Anta, Pioledo, Cabanelhe e Vilar do Chão. Graças ao estabelecimento dos contratos agrários nos domínios reguengos com os moradores das pequenas comunidades rurais.”³⁷ Já neste período, em comparação com outras aldeias circundantes e de semelhantes características, foi documentada a prática da agrícola e pecuária.

Através do relato de histórias e vivências de alguns habitantes, as únicas habitações inicialmente existentes estavam estrategicamente localizadas no monte rochoso, ponto mais alto da aldeia, e perto dos moinhos de água.

Este território, hoje agreste e rochoso, encontrava-se outrora repleto de árvores e vida animal. Muitas árvores foram cortadas para uso próprio, para a construção de habitações, plantações agrícolas, cercas para pastagem dos animais e para lenha. Não havia ruas, os percursos eram criados entre diversos obstáculos tais como os afloramentos rochosos.

Com o passar dos anos, e com a aprendizagem de novos métodos construtivos, as construções foram evoluindo e crescendo em torno do centro rochoso da aldeia. Nas cotas mais baixas, foram erguidas com as mesmas pedras dos socalcos, ladeadas por ruas estreitas, pavimentadas com pedras de várias dimensões. A aparência das habitações exprime, através das técnicas construtivas, a pobreza do agregado local.

³⁷ SANTANA, M., Forais Novos de Mondim de Basto: um passado a conhecer, p.25.

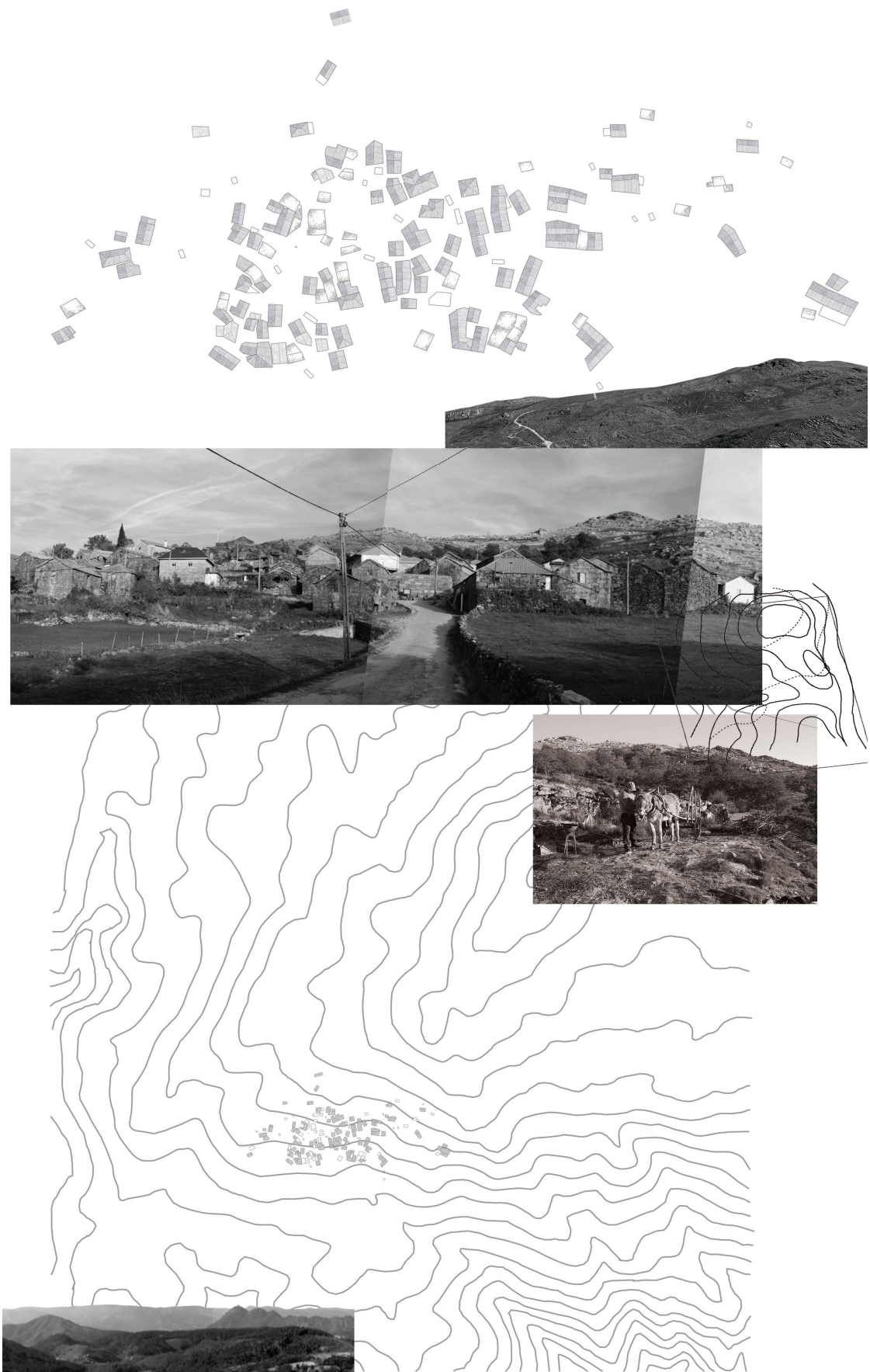


Fig. 33.
Isolados de tudo e de todos.

2.4. OS MUROS

“A Architectura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mas precisamente do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem.” (Zevi, 2011, p.18)

Ao longo do tempo até os dias que correm, o homem deixou de ser nómada e passou a ser sedentário. Como tal, surgiu a necessidade de organizar e estruturar um território através de muros, cuja principal função é delimitar propriedade, hierarquizar estratos sociais e proteção.

O Muro é uma “obra de alvenaria que serve para vedar um espaço ou formar os lados ou compartimentos de um edifício.”³⁸ (Bonifácio, 1990, p.190). Na sua relação com a habitação, o que importa “(...) não é a verdade, a beleza ou a justiça de cada coisa olhada isoladamente; o que importa é o que resulta da relação entre as coisas, da ligação entre as coisas.”³⁹

Esta necessidade de construção dos muros, estabelece ou quer estabelecer com maior facilidade as relações entre o indivíduo e o território, não é apenas uma barreira vertical que divide duas vivências, mas sim um elemento que permite uma união entre o homem e o espaço envolvente.

“A arquitetura não termina em ponto algum, vai do objecto ao espaço, por consequência, à relação entre espaços, até ao encontro com a natureza.”⁴⁰

Na Aldeia do Barreiro o muro adquire uma identidade, reunindo a comunidade e enquadrando o seu espaço e tempo. Por sua vez, exalta a ideia de intervir de uma forma rudimentar na paisagem (construída ou não construída).

As cercas que organizam o seu território, espalhadas pela aldeia e pela montanha, são erguidas com pedras irregulares amontoadas, delimitando plantações agrícolas e definindo áreas para pasto dos animais.

³⁸ Definição retirada do livro Vocabulário técnico e crítico de Architectura.

³⁹ TAVARES, Gonçalo M. — Opusculo 14, Architectura, Natureza e Amor, p.4.

⁴⁰ SIZA VIEIRA, 2012, p.31.



Fig. 34.
Fotografias:
Muros das cercas existentes
na colina da montanha.



Fig. 35.
Tipos de emparelhamentos
de muros: o primeiro mais
elaborado e o segundo sem
qualquer regra.



Fig. 36.
Planta com os muros e
cercas da Aldeia.

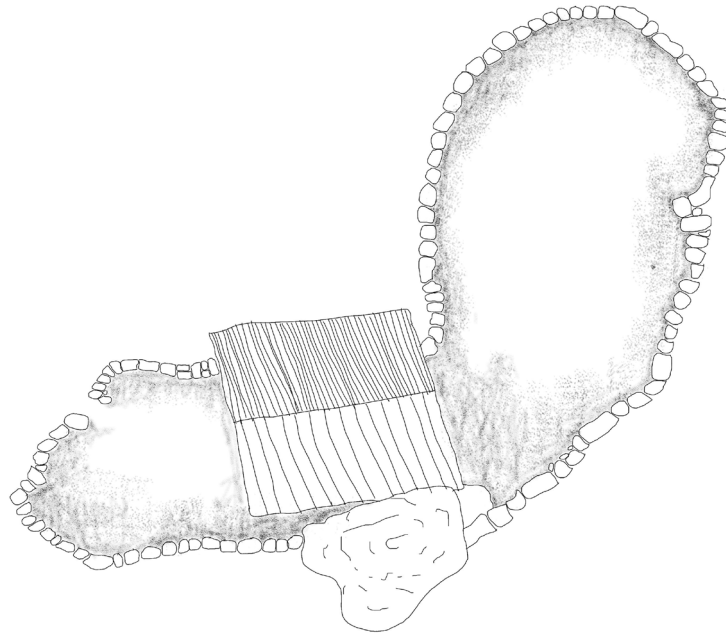
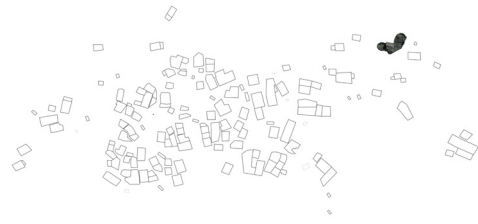


Fig. 37.
Exemplo de uma construção
da aldeia do Barreiro, onde
podemos verificar os muros
e os seus limites.

Encontramos igualmente muros construídos de um modo tradicional, visível pelo encaixe das pedras e cuidadosamente escolhidas em função da sua forma, aparência e peso.

“Eles estão lá, firmes, não roubam nem destroem, no mesmo sítio desde que me lembro, são os muros de trabalho.”⁴¹

No entanto os muros, uns mais elaborados que outros, mantendo o aspeto tosco e despreocupado, constroem os limites de algumas habitações e hortas, os intramuros acrescentam alguma privacidade, e fazem contraste com o que se passa no ambiente extramuros.

“o espaço que se deixa é tão importante como o espaço que se preenche.”⁴²

⁴¹ Exclamou O Sr. manuel, dono das vacas.

⁴² TÁVORA, Fernando, 2006, p.18.

2.5. ARQUITETURA SEM ARQUITETOS

A aldeia do Barreiro cresceu, tornou-se organizada e comunitária na mão-de-obra. Privados dos mais diversos instrumentos, sem o auxílio do papel e caneta, os esquiços de obra eram feitos mentalmente e explicados de modo prático e coerente.

As construções, procuram a melhor localização e exposição solar, adaptando e conciliando os materiais locais, sobrevivendo ao clima e vencendo a força da gravidade. A matéria era natural e bruta, a mão-de-obra grosseira, mas a aplicação do princípio construtivo era verdadeira. “A aparência era primitiva porque resistia à acção do tempo mantendo procedimentos construtivos e empregando materiais ancestrais.”⁴³

“Naquela altura não havia possibilidade de construir com as técnicas que hoje facilitam construir qualquer coisa, para não falar, que não havia maneira fácil de carregar os materiais, era tudo às costas ou puxado com carros de bois, não havia sequer estradas.”⁴⁴

Os mestres locais fundamentam o seu conhecimento em aptidões aplicadas e transmitidas ao longo de muitos séculos. Procuravam na mãe natureza respostas para resolver os seus problemas, matérias locais para desenvolver a sua arquitetura anónima, mas possuidora de conteúdo.

Existem na aldeia do Barreiro exemplos que facilmente mostram o engenho arquitetónico deste povo, embora seja em construções como espigueiros ou moinhos que visualizamos as suas elaboradas técnicas construtivas. Tudo era feito com um propósito, produzir e recolher alimentos durante todo o ano para poder sobreviver e alimentar todas as bocas, trabalho esse contínuo, porque a vida desta gente que vive no cimo dos montes é feita do que os rodeia.

As casas da aldeia do Barreiro regem-se pelos princípios base da arquitetura: quatro paredes de pedra, traves ou vigas de madeira e um telhado. São maioritariamente construções de rés de chão e, num ou outro caso de primeiro andar. Em alguns casos, quando existia, o rés do chão poderia servir um estábulo, palheiro e diversas arrumações; no andar disponham-se os aposentos: a sala, os quartos e a cozinha. Estes dois pisos são sobrepostos, mas independentes, isolando as suas características e respetivas funções. O acesso ao sector da habitação pode ser de nível quando a rua ou o terreno assim o permite, ou por uma escada exterior de pedra, encostada e paralela à fachada.

⁴³ VIOLLET-LE-DUC, Eugène, op. cit.

⁴⁴ Em conversa com o Sr. Manuel, habitante na aldeia do Barreiro.



Fig. 38.

Perspetiva Fotográfica:

Antigo moinho de água
utilizado pela população
local.

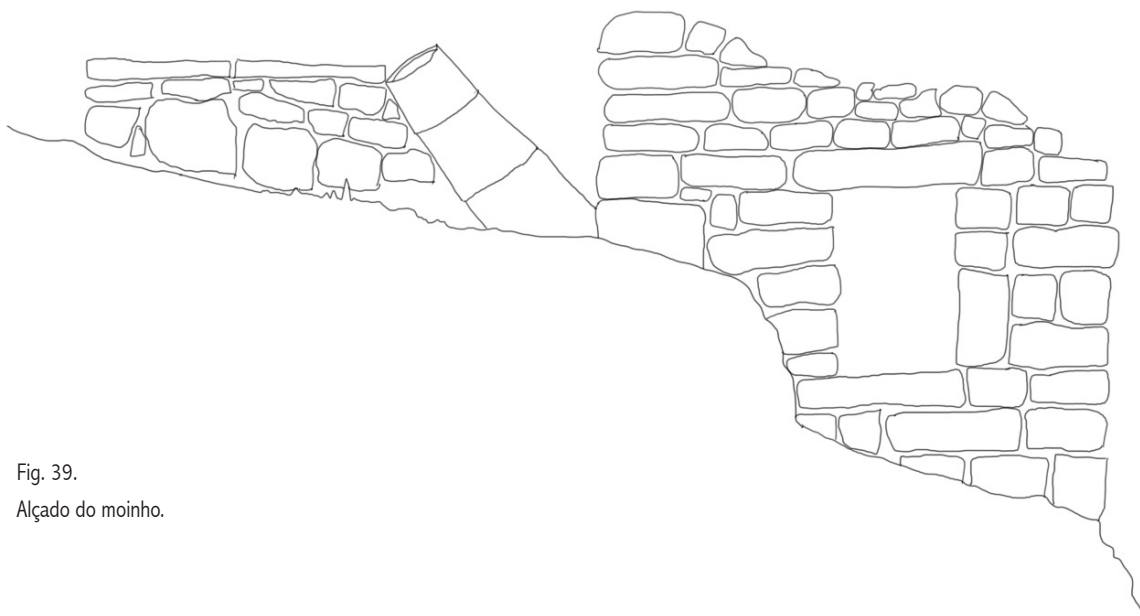


Fig. 39.
Alçado do moinho.

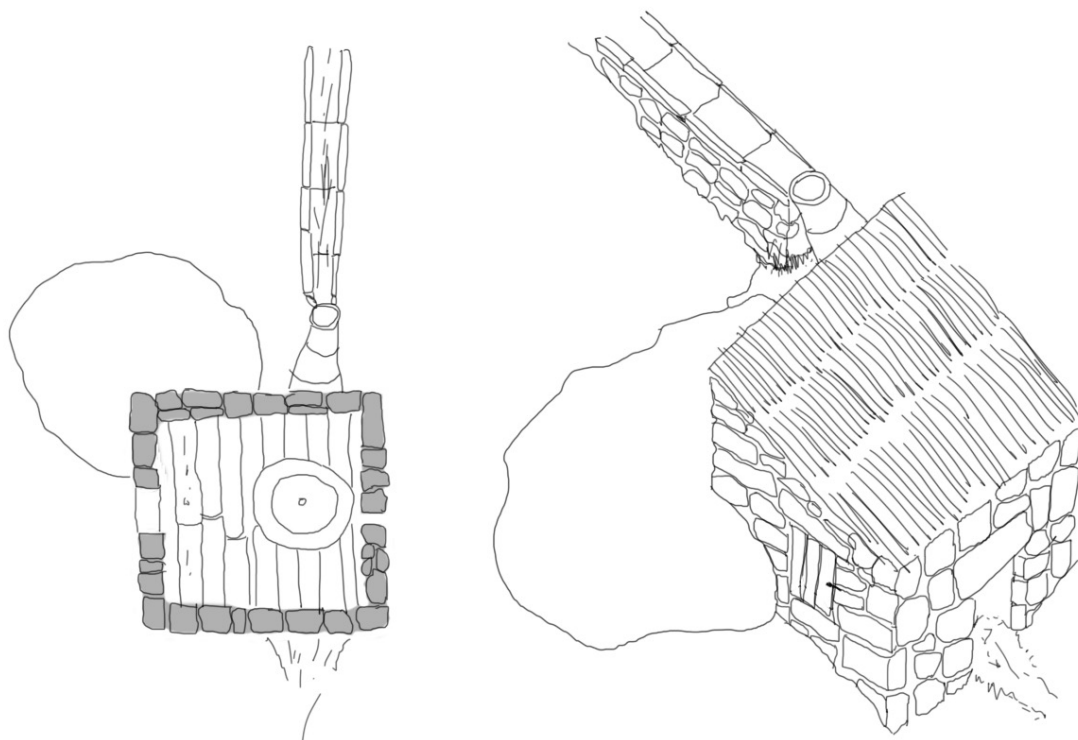


Fig. 40.
Desenho representativos
de como poderia ter sido o
moinho de água.



Fig. 41.
Perspetiva Fotográfica:
Planta de uma casa antiga e
um moinho contruído numa
das suas paredes.

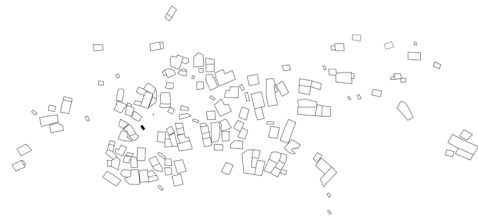


Fig. 42.
Perspetiva Fotográfica:
Alçado e planta de um
espigueiro de granito na
aldeia.



Fig. 43.
Um aparelhamento tosco e
sem preocupações.

As tábuas pregadas umas às outras caracterizavam as portas das habitações mais pobres. Nos casos mais elaborados, nota-se que tiveram mão de mestre experiente.

No aglomerado do Barreiro as casas foram erguidas com plantas retangulares ou quadradas. De um modo geral, as fundações são diretas, constituindo um prolongamento dos solos ou rochedos, com larguras irregulares.

Espessas e firmes, as habitações apresentam variadas possibilidades de acabamento exterior e interior, variando consoante a habilidade e experiência do mestre em talhar a pedra assente a seco. Podemos também encontrar paredes duplas, constituídas no interior por um aparelho distinto. Em alguns casos a alvenaria irregular poderia coexistir com ligantes em argamassa de cal e areia, em função do teor de energia dos inertes utilizados.

Outro aspeto construtivo, inteiramente ligado à execução das aberturas nas paredes, onde é obrigatório romper a estrutura vertical e proceder ao reforço da padieira ou lintel, apoiando as suas extremidades na parede de pedra. Esta solução é limitada, uma vez que esse elemento horizontal não consegue vencer grandes dimensões adequando-se maioritariamente às pequenas aberturas. Quando assim o permitia, eram utilizados lintéis de madeira, geralmente em troncos redondos, justificados em alguns tipos de construção rural.

No caso de estudo, pela abundância granítica local, existem também lintéis de pedra com grandes dimensões, fazendo uma descarga duradoura, uma vez, que ao contrário do lintel de madeira, este resolve o principal problema de apodrecimento.

As limitações construtivas aparentes, reforçam a pouca aplicação de técnicas mais evoluídas destes povos na sua forma mais pragmática. No entanto, evitavam a aplicação de grandes aberturas nas janelas por causa do frio indesejado. Em contrapartida, utilizavam uma melhor e regular alvenaria nas zonas frágeis da estrutura da casa.

As coberturas destas construções, no que refere às suas formas, são pouco inclinadas, variando consoante a quantidade de precipitação e a probabilidade de queda de neve. O revestimento das habitações mais antigas é de colmo, enquanto que a telha tradicional de canudo é o material mais recente com o predomínio estrutural da asna de madeira.

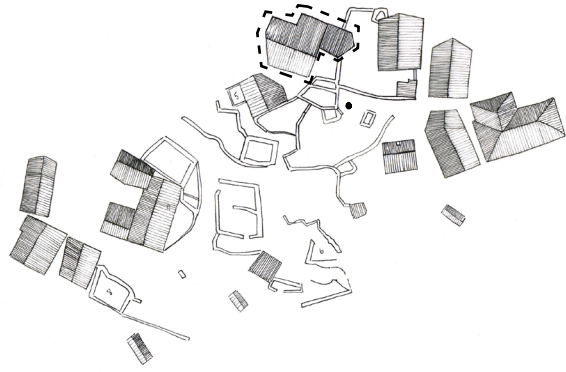


Fig. 44.
Perspetiva Fotográfica:
Uma das habitações mais
antigas da aldeia.

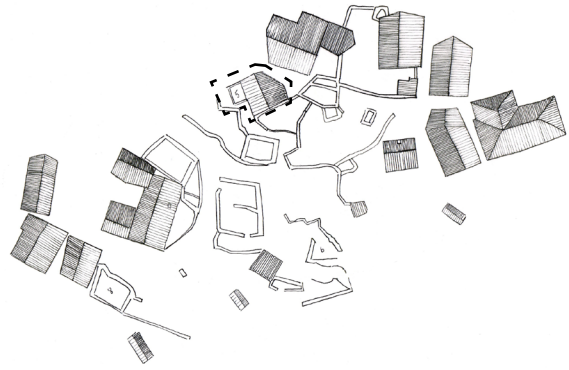


Fig. 45.
Perspetiva Fotográfica:
Habitação abandona.

A madeira é um material facilmente trabalhável, cria os sistemas estruturais mais comuns. As asnas são construídas pela triangulação de elementos ligados entre si, já que os vãos são de pequenas dimensões, criando reduzidas pendentes. O carvalho era a madeira normalmente utilizada para o vigamento e posteriormente passou-se a aplicar o pinho. Eram feitas ligações pregadas, coladas, de encaixe, ou recorriam a peças fixadoras de ferro. Além destas ligações, o remate entre a cobertura e os seus apoios era na parede de alvenaria, protegendo e assegurando o topo da cobertura garantindo um lar habitável.

Se exteriormente temos uma estrutura tosca que protege contra as ações da natureza, no revestimento dos planos verticais interiores, a madeira também desempenha um papel muito importante nestas construções, já que no seu significado, constituem uma diferenciação dos espaços da habitação.

De casa em casa, a maneira de tratar o granito mais ou menos talhado, telhados de palha ou telha, a feição e o conforto dos lares, traduzem a origem destes povoamentos por muitos séculos. “Porque, as formas sábias e estranhas não se furtam ao tónos⁴⁵ dominante na região e transportaram para lá duma feição canhestra todo o potencial da alma desses povos, a quem não foi dado melhor poder de expressão.”⁴⁶

Em suma, na aldeia do Barreiro encontramos um pouco tudo, para todos gostos e vivências, poderia também afirmar, que assim é mais fácil decidir quais as construções que melhor representam a arquitectura transmontana. No entanto, tudo tem o seu tempo, as influências do mestre, a beleza e detalhes construtivos, estas características resumem-se apenas ao conhecimento particular que estes povos possuíam da terra, serenidade e engenho utilizado.

⁴⁵ Grego tónos, -ou, estado normal de firmeza ou elasticidade de um órgão ou de um tecido.

⁴⁶ Arquitectura Tradicional Portuguesa, p. 185.



Fig. 46.
Fotografia:
Pormenor construtivo do
vão de entrada.

3. "A NOSSA CASA" E O ESQUECIDO



“We experience the North spontaneously upon arrival. Another mood envelops us, but we are not immediately aware of what has happened: is it light, is it the land itself, is it the vegetation, or is it the built environment that is somehow different? It is indeed all of these.”⁴⁷

⁴⁷ NORBERG-SCHULZ, Christian, p.1.

3.1. UMA INTERPRETAÇÃO

Mas afinal o que é arquitectura popular? Esta é, ainda hoje, uma pergunta de difícil resposta.

A revelar, pela sua habitual “imagem”, no discurso atual, por categorias sinónimas ou íntimas é entendida como arquitectura vernacular, rústica ou regional. Esta ideologia onde enuncia uma arquitectura de um saber empírico, vinculado ao saber das experiências humanas e características ambientais do lugar “rural”, construídas apenas com a natureza específica de certos materiais locais, de autoria anónima, onde narra o exclusivismo das suas origens transmontanas.

Nascida desta paisagem, ao falarmos da casa rural na aldeia do Barreiro, importa saber o que foi abordado anteriormente, pois esta, quer na aparência formal, quer na aparência construtiva, mantém a tradição, o supremo respeito pelo Genius Loci, não apenas pelas matérias e técnicas utilizadas, mas também por ser uma arquitectura naturalmente visível pelos seus recursos e necessidades de quem habita e faz da terra o suor e principais atividades diárias.

Deste vínculo entre o Homem e a paisagem, surgiram soluções dignas de registo, em resposta às intempéries e outros agentes climáticos. A casa funcionava num todo, como um instrumento de controlo ambiental, evitando o frio no inverno, através da retenção do calor nas paredes e libertando-o à noite, quando as temperaturas são normalmente gélidas.

Nestas construções privilegia-se a funcionalidade em “detrimento da estética, reunindo no mesmo edifício, funções e espaços de várias características, as alfaias agrícolas, os animais, utensílios domésticos, e os próprios habitantes, de modo a reduzir as inquietações e agregando em si todas as dependências.”⁴⁸

“A Casa Serrana, resultava num processo lento de ocupação, onde as condições geográficas tinham uma decisiva influência na arquitectura, influenciadas essas pelas variáveis características do terreno, densidade e distribuição das construções. Normalmente composta de dois pisos de planta quadrada ou rectangular”⁴⁹, agregada à casa do vizinho ou família, a casa bloco⁵⁰, assim definida, traduzida no carácter espontâneo da fisionomia dos agregados.

⁴⁸ Livro, Mário Moutinho, Arquitectura Popular Portuguesa, p.42

⁴⁹ GONÇALVES, Rui Martins; RODRIGUES, César Urbino, “Arquitetura humana: meio rural do alto nordeste transmontano”, p.63.

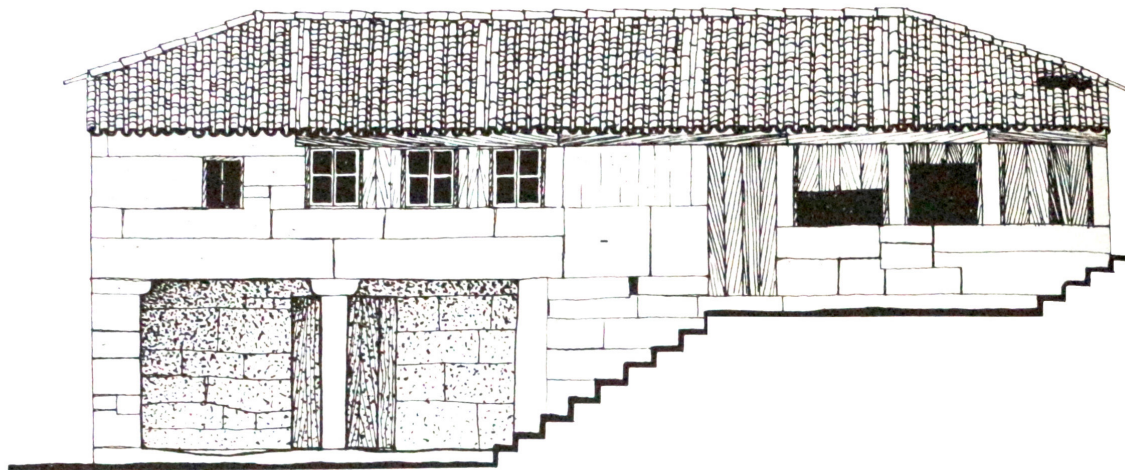
⁵⁰ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando, Arquitectura Tradicional Portuguesa, p. 137



Fig. 47.

Fotografia:

Artur Pastor, registos da
arquitetura da Beira, Trás-
os-Montes, décadas de
50/60.



Alçado

Legenda:

1º Piso

1 - Loja

2º Piso

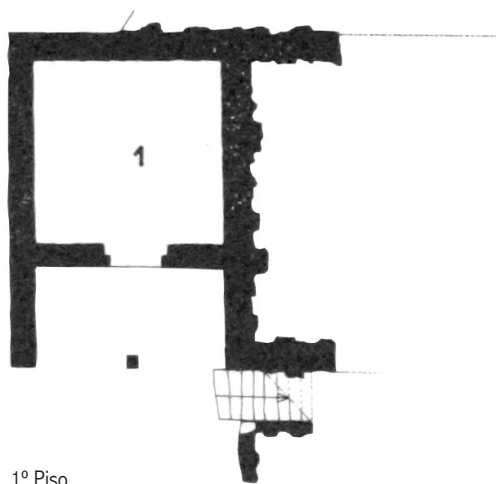
2 - Cozinha

3 - Sala- Quarto

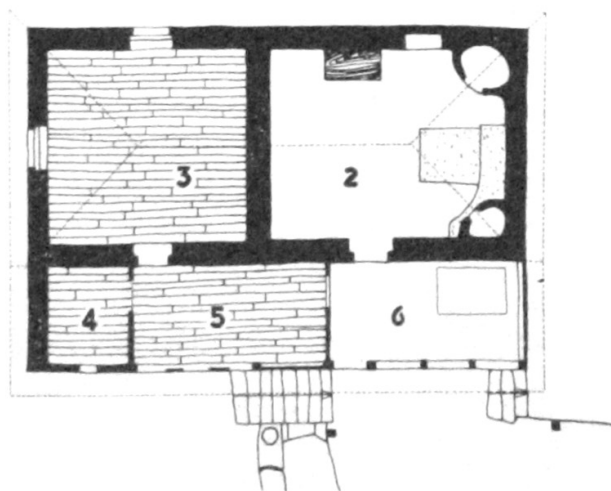
4 - Quarto

5 - Varanda

6 - Varanda Tear



1º Piso



2º Piso

Fig. 48.

Monte, Carapeços. Barcelos,
Casa do Monte.

Desenhos que representam
com clareza a composição
do alçado e espaços
interiores, elaborados pela
equipa da Zona do Inquérito
à Arquitectura regional
Portuguesa.

Estas dependências, pensadas e construídas consoantes as suas funções, mais próximas ou adjacentes à habitação, devido ao uso ou serventia da casa, em redor dela dispõem-se certos anexos, palheiros, o chiqueiro construído noutra divisão, com o propósito de evitar maus cheiros dos suínos, vacas e cavalos.

“Nas casas de pequenas dimensões e arruadas, que se soldam paredes meias às vizinhas, a curralada não existe ou localiza-se nas traseiras; neste caso, o portal, como na situação anterior, rasga-se na fachada e abre para o vestíbulo sob o andar. Quando não existe, os estrumes ficam nas lojas, e, outrora, empilhavam-se na rua em frente da casa.”⁵²

O acesso à casa era normalmente por uma escada exterior, “ora direitas, ora sinuosas, simples ou geminadas, afrontando-se por vezes com esquerdos e direitos diretamente ligados a esta.”⁵³ Fazia a transição entre o acesso exterior e interior, habitualmente suspenso, a varanda coberta corria toda a extensão da fachada com a rua, localizada no primeiro andar, que permitia não só proteger da chuva, mas também criar um espaço de estar e de limpeza da terra e lama dos campos acumuladas na sola dos sapatos.

Em outros casos a entrada era direta, associada normalmente à cozinha, zona mais habitável e social da casa, que com a ajuda da lareira e forno da casa, tornava-se um espaço imprescindível para as reuniões e dependência obrigatória da habitação.

No que toca ao mobiliário e objetos do quotidiano, esses eram dispersos por tudo que é canto, pelas paredes, pelo chão cru, “saltando aos olhos todas as funções, hábitos, maneiras do quotidiano dos seus ocupantes”⁵⁴

“Dentro ou fora do seu dólmen (maneira que tenho de chamar aos buracos onde vive a maioria,”⁵⁵ trata-se de uma casa prática, que corresponde as necessidades básicas, a um tipo de quotidiano e ritmo diário muito característico, sobressaindo o espírito, as funcionalidades e modestidades dos espaços, visíveis também na mão de obra e materiais utilizados.

⁵² GONÇALVES, Rui Martins; RODRIGUES, César Urbino, “Arquitetura humana: meio rural do alto nordeste transmontano”, p. 63.

⁵³ Arquitetura Popular em Portugal, p.138.

⁵⁴ In idem, p. 124.

⁵⁵ TORGA, Miguel, in “Trás-os-Montes e Alto Douro”, III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro.



Fig. 49.

Perspetiva Fotográfica:

Artur Pastor, registos de
Arquitetura, da Beira a Trás
os Montes, décadas de 50
e 60.



Fig. 50.

Fotografia:

Artur Pastor, registos da
arquitetura da Beira e Trás-
os-Montes, décadas de
50/60.

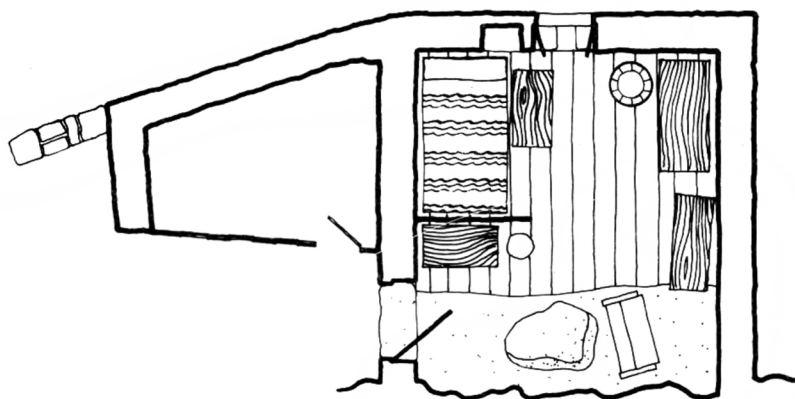
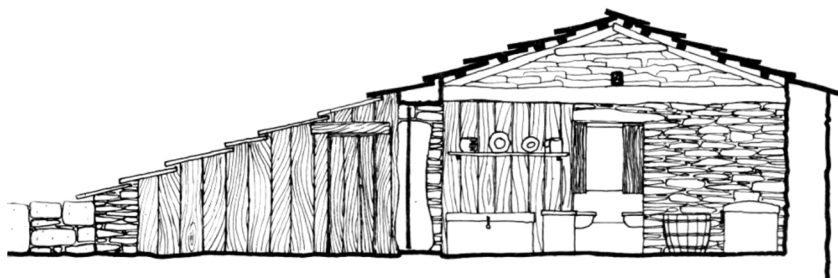


Fig. 51.
Comparação de uma casa tradicional da Aldeia do Barreiro, com desenhos de uma casa em Montes, que representam com clareza os materiais e espaço interior, elaborados pela equipa da Zona do Inquérito à Arquitectura regional Portuguesa.

3.2. CONSTRUÇÃO DO LUGAR

Na zona Norte de Portugal é inegável o entendimento de que a natureza, vida e arquitetura estão indissociavelmente ligadas. Esta é ligação que dá identidade ao Lugar a conhecer, isto é, os edifícios não existem isolados, mas como elementos de um contexto que representam e completam.

“A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa no habitar. A relação entre o homem e espaço nada mais é do que um habitar pensando de maneira essencial. Nessa tentativa de pensar atentadamente tanto a relação entre o espaço como também relacionamento entre o homem e espaço, essência das coisas, que são lugares e que chamamos de coisas construídas, ganha luz.”⁵⁶

Como foi abordado no capítulo (O Lugar), cada lugar, cada região é expressiva e tem o seu próprio caráter, pois só a compreensão e respeito disso permite que o habitemos verdadeiramente, a estes lugares ao quais chamamos de casa. Construir e habitar são um todo inseparável, cabe a arquitetura como tarefa chave permitir o habitar, a qual só atinge a satisfação quando construída em consonância com o Lugar, por outras palavras, compreender, viver, respirar o lugar é consequentemente a base da arquitetura.

No entanto, é importante realçar que mesmo com as suas condições extremas geográficas, as aldeias transmontanas não vivem assim tão isoladas do mundo exterior, existe pelo contrário o fascínio pelas aldeias circundantes, levando as pessoas a realizar viagens em busca de novas oportunidades e conhecimentos.

Até que ponto podemos ver-nos como independentes da natureza?

Tal como refere Zumthor, abordar a natureza como um mundo construído ou algo independente, esta ideia levanta inúmeras condicionantes, nas quais não deveríamos discuti-las com uma visão exterior, mas sempre interior, deste organismo natural e complexo do qual fazemos parte.

A relação geométrica com a natureza é uma dessas relações expressas na arquitetura e urbanismo rural, onde a importância tende a ser diminuída, afetando a forma como o homem pensa, especialmente sobre o mundo natural que nos envolve.

⁵⁶ HEIDEGGER, Martin, Construir, Habitar, Pensar, 1951, conferência pronunciada por ocasião da ‘Segunda Reunião de Darmstadt’, publicada em *Vortage und Ausfatze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback.



Fig. 52.

Fotografia:

Artur Pastor, "Geometrias
e Composições Beiras,
Décadas de 50/60."

“A beleza da natureza toca-nos como algo grande que nos transcende. O homem vem da natureza e a ela torna, tomamos consciências de uma ideia de proporção da nossa vida na imensidade da natureza quando encontramos uma paisagem bonita que não domesticámos nem ajustámos à nossa medida. Sentimo-nos em boas mãos, humildes e orgulhosos ao mesmo tempo. Estamos na natureza, nesta moldura grande que, no fundo, não percebemos e que agora, no momento da experiência acrescida, também não precisamos de perceber, porque sentimos que nós próprios fazemos parte dela.”⁵⁷

O Homem procurou explorar por necessidades “controlar” o que o mundo natural lhe dava para o seu próprio benefício, transformando e assentando o material, metaforicamente, na nova natureza de pedra e terra, esculpida pela própria mão e suor.

As construções transmontanas, como tantas outras de características semelhantes foram, então, limadas por processos tradicionais evolutivos de tentativa e erro. Uma vez aperfeiçoadas, os pequenos ajustes serviam para compensar as alterações de condições envolventes facilmente conseguidas. De facto, as alterações funcionam como organismos vivos, capazes de se adaptarem, através da mão e engenho humano, ao seu uso e ambiente, mantendo como no começo, ligados ao mundo natural que os envolve.

“Such is always the nature of traditional-oriented processes. Nature is seen as complex and varied and, more important, as immediate and concrete. It is not in the abstract but nature as it is experienced firsthand.”⁵⁸

A relação destas construções toscas, diretas, intrínsecas e delicadas com o território relembra a constante de quem as habita, porque mostra a necessidade de existir um equilíbrio entre o construído e o natural. Abordado inúmeras vezes como abrigo, estas construções rurais surgem como resposta imediata ao mundo natural, onde a casa e a paisagem envolvente, informa-nos de onde estamos e que pertencemos aquele lugar.

A tradição construtiva é um termo com um tamanho significado porque é uma completa simbiose entre o doméstico e o natural, a vida e o Lugar onde a ligação é o fator obrigatório à população existente.

⁵⁷ ZUMTHOR, Peter, 2009, Pensar a Arquitectura, p.73.

⁵⁸ CROWE, Norman, 1995, Nature and the idea of a man-made world, p. 38.

Tal como vimos anteriormente, as casas transmontanas eram por norma erigidas pelos próprios habitantes, ou em alguns eventos, mantinham uma participação ativa na sua construção, deixando o ofício principal aos mestres-artesãos capazes de intervir nas decisões fundamentais.

Normalmente erguidas com paredes meias e fundidas nas pedras da casa vizinha, crescendo em profundidade, estas habitações com pouco espaço para a ventilação e iluminação natural, voltavam-se na maioria das vezes para a mesma fachada principal, em contacto direto e obrigatório com a rua, “além disso, não possuem alpendre, varanda nem escada exterior”⁵⁹, na maioria das construções com características semelhantes.

As paredes exteriores por norma portantes e reinando a sua grande espessura, eram constituídas por duas camadas: a pedra geralmente à vista e sem qualquer cimento nos blocos rudes, mostrando “a parede exterior mais grossa e entre esta, uma película de terra argilosa e cascalho, chegando em alguns casos a atingir os 60 a 80 cm de espessura.”⁶⁰

Em alguns casos, em que a finalidades de reduzir o volume e espessura, as paredes podiam ser reforçadas, por contrafortes de madeira para estabilizar, em contrapartida alteração a espacialidade interior “criando nichos, buracos e reentrâncias, o que pode tornar-se característica de todo um modo de construir, vernáculo e de estilo.”⁶¹

Em zonas onde o granito é o material que mais rege, como por exemplo a aldeia do Barreiro, objeto de estudo (em zonas altas e agrestes), nas construções mais antigas, este é toscamente aparelhado, com acabamentos irregulares, com a adição de blocos de pedras maiores nos vãos de modo a sustentar ou colmatar qualquer necessidade.

Quando estes dois materiais eram empregados em conjunto, o granito na maioria das vezes, tendo em conta as suas dimensões e características, era usado de forma mais nobre nos cunhais e padieiras, enquanto o xisto, material de características mais frágil, surgia como revestimento e enchimento das fachadas e coberturas, visível e bem expressas nas construções na aldeia de Ermelo.

⁵⁹ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando, “Arquitetura Tradicional Portuguesa”, p.148

⁶⁰ GONÇALVES, Rui Martins; RODRIGUES, César Urbino, “Arquitetura humana: meio rural do alto nordeste transmontano”, p.56.

⁶¹ In Idem.



Fig. 53.
Perspetiva Fotográfica:
Comparação antes e depois.
Construção com todos os
materiais tradicionais na
aldeia do Barreiro.

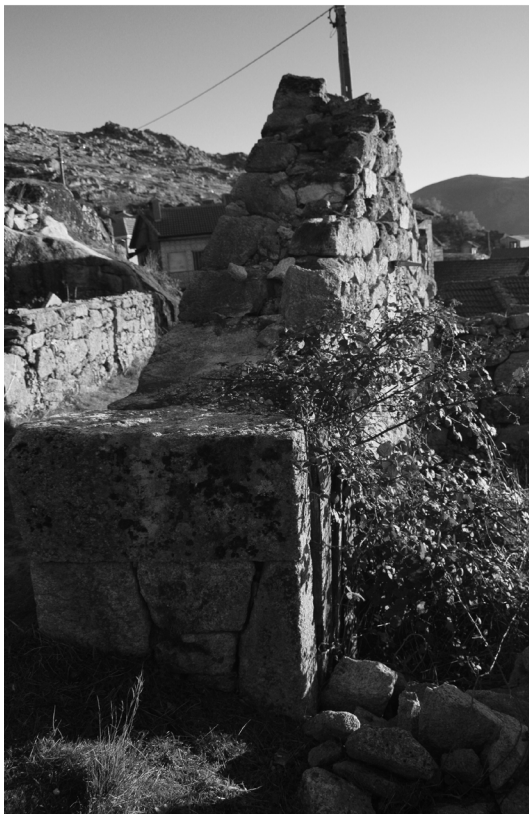


Fig. 54.
Perspetiva Fotográfica:
Pormenores contrutivos de
alguns murros.



Fig. 55.
Perspetiva Fotográfica:
Composição dos alçados de
habitações da aldeia.



Fig. 56.

Fotografia:

Artur Pastor "Série Portugal
Rural. Trás-os-montes,
décadas de 50/60.

“Numa região de granito, xisto e terrenos terciários, a construção popular utiliza estes materiais, e é por eles modelada; aparecem casas de pedra, de uma ou outra espécie, alternando às vezes o xisto e calhaus rolados, e casas de adobo nas manchas de terciário.”⁶²

Já nas construções em xisto, denota-se alguma mestria e “prazer” estrutural, especialmente na necessidade de vencer os grandes vãos, fazendo uso da madeira numa combinação pensada de materiais resultando e respeitando as suas qualidades íntimas, nas aparentes naturais e harmoniosas formas.

Em alguns casos, o reboco poderia ser utilizado no exterior como elemento decorativo, emoldurando os vãos das portas e janelas, na maioria das vezes localizados no piso superior, dando alguma vida à fachada rude e imperfeita.

Interiormente nos espaços e andar habitado, as divisórias eram pensadas em função do seu uso, umas pequenas, outras escuras, sendo “normalmente separadas por paredes em tabique ou de cordas de palha recobertas de barro”⁶³, embora em habitações nobres as paredes poderiam ser caiadas, transmitindo o aspeto limpo e cuidado que raramente encontramos no Norte.

O chão, esse era vulgarmente de madeira de carvalho e castanho, predominando todo o perímetro inclusive na divisão fundamental, a cozinha, localizada no “coração” da casa, onde existia uma grande pedra e laje na zona da lareira, “sobre a qual se acendia o lume”⁶⁴ e se vê sempre um grande banco, onde decorre o mais importante da vida e relação familiar.

Os telhados são geralmente de duas águas em alguns casos quatro, pouco inclinados, estruturalmente suportadas por asnas triangulares de madeira maciça e o mais regular possível, onde sobre estas, eram vulgarmente visíveis e dispostos os pequenos barrotes que suportavam a cobertura e as poucas chaminés.

Nas coberturas eram usualmente vistas pedras ladeiras ao longo do cume, paus amarados, para “abraçar” as telhas, o colmo ou a ardósia, visto serem materiais pouco pesados e facilmente transportados pelo vento. Em zonas mais ventosas, as paredes exteriores eram retocadas com o tratamento das suas juntas em barro, musgo, de maneira a evitar a entrada do frio cortante e excessivo.

⁶² OLIVEIRA, Ernesto Veiga, GALHANO, Fernando, “Arquitectura Tradicional Portuguesa”, p.148

⁶³ GONÇALVES, Rui Martins; RODRIGUES, César Urbino, “Arquitetura humana: meio rural do alto nordeste transmontano”, p.57.

⁶⁴ In Idem.

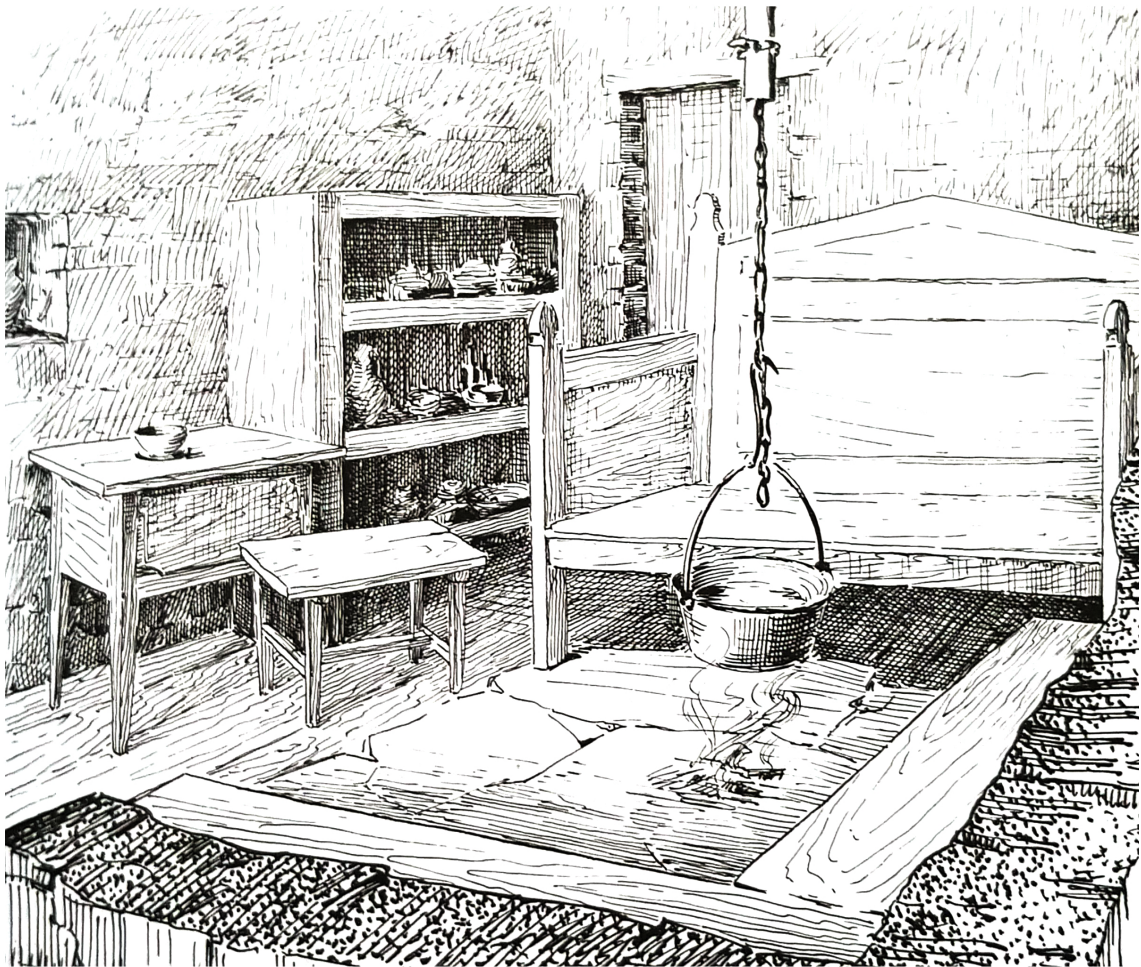


Fig. 57.

Desenho do interior de
uma cozinha transmontana.
Livro Arquitetura Tradicional
Portuguesa.



Fig. 58.

Perspetiva Fotográfica:

Artur Pastor. "Interior da
Casa, cozinha da Aldeia de
Beiras, Décadas de 50/60."

Quando a chuva chegava o escoamento era feito diretamente para as ruas, pois “normalmente o telhado saía além das paredes formando um beiral”⁶⁵ protegendo e evitando a infiltração da água indesejável pelas poucas aberturas.

Em alguns casos as varandas exteriores de “pau”, marcam sem dúvida originalidade da fachada, individuais e executadas “com balaústes de madeira por vezes muito recortados”⁶⁶, o pavimento que “paira no ar” constituído por ripado de madeira facilmente substituído, tendo muitas das vezes as pontas soltas para a rua, evidenciando o carácter simples e os “sossegos” de alinhamentos.

Na Serra, a casa engloba muitas características, é sem dúvida peça fulcral para a aprendizagem da cultura destes povos e das primárias e desajeitadas construções espalhadas, concebidas pela mão de quem semeia e colhe. Conseguem com o mínimo esforço evidenciar uma simplicidade racional e extraordinária, perante as condições adversas impostas pela região, por outro lado, é fundamental para o parecer do (coletivo) Lugar na atualidade, através de diversos sistemas e técnicas de registo que sem a fusão de agentes humanos e existentes, seria de difícil explicação e captação.

⁶⁵ GONÇALVES, Rui Martins; RODRIGUES, César Urbino, “Arquitetura humana: meio rural do alto nordeste transmontano”, p.57.

⁶⁶ In Idem, p.59.



Fig. 36.
Ilustração dos telhados de
duas águas amontoados na
paisagem.



Fig. 59.
Fotografia:
Artur Pastor, "Representa-
ção das típicas coberturas
da Aideia de Beiras, Déca-
das de 50/60."

3.3. PERDA DE IDENTIDADE

“A casa popular é um dos mais significativos e relevantes aspetos da humanização da paisagem, em que, na sua grande diversidade de tipos, afloram, com particular evidência, numerosos condicionalismos fundamentais-geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais das respetivas áreas e dos grupos humanos que a constroem e habitam.”⁶⁷

Na região Norte a maioria dos povoamentos transmontanos encontra-se, ainda hoje, fortemente relacionados e ligados com a forma de vida dos seus antepassados. Devido as estas reduzidas formas económicas a aldeia via-se obrigada a restringir os seus marcos, “pela necessidade de encurtar distâncias entre terras cultivadas e a habitação, assim como pelas exigências do gado, que se sobrepõem às do próprio homem.”⁶⁸

Os povoamentos devem ser considerados, geralmente por dois tipos de povoamento serrano: disperso ou aglomerado. No planalto, agarradas à meia encosta ou no alto dos montes, estes aglomerados erguidos por onde a terra permite e onde o diálogo com a natureza é harmonioso, tal como descreve o próprio Inquérito à Arquitectura em Portugal “(...) os recortes da paisagem ganham quase feição familiar como as casas, e nem se chega a saber bem se os montes foram feitos pelos homens, ou se o homem foi feito para a montanha.”⁶⁹

A escassez de recursos naturais, e a mercê dos fatores climáticos impostos pela natureza, persuadem qualquer homem e os povos a nascerem concentrados “(...) como os ninhos ficam no cimo das árvores para que a distância os torne mais impossíveis e apetecidos.”⁷⁰

As ruas, de uma maneira geral, são estreitas e por vezes trabalhadas diretamente nas rochas que forram os solos, onde “as vantagens de uma boa orientação, pois o traçado das ruas impôs-se sobre os fatores de topografia, de proteção contra ventos e de exposição.”⁷¹

⁶⁷ *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, p. 20.

⁶⁸ GONÇALVES, Rui Martins; RODRIGUES, César Urbino, “Arquitetura humana: meio rural do alto nordeste transmontano”, p.47.

⁶⁹ In *Idem*.

⁷⁰ TORGA, Miguel, In *Trás-os-Montes e Alto Douro*”, III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2002.

⁷¹ TÁVORA, Fernando, “O Problema da Casa Portuguesa”, pág.12.



Fig. 60.

Alguns alimentos: O ganha
pão proveniente da terra
através do árduo trabalho
da agricultura.



Fig. 61.

Fotografia:

Artur Pastor, "Série Portugal Rural.

Trás-os-montes, décadas de 50/60."



Fig. 62.

Fotografia:

S. Mamede de Riba Tua, 1955-1961.



Fig. 63.

Fotografia:

Montes. "Inquérito à Arquitetura
Popular em Portugal, 1955-1961."



Fig. 64.

Fotografia:

Uma rua em Rio de Onor, "Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal, 1955-1961."



Fig. 65.

Fotografia:

Artur Pastor, "Registos de Arquitetura, da Beira a Trás os Montes, décadas de 50 e 60."



Fig. 66.

Perspectiva Fotográfica:
Artur Pastor, espírito de
comunidade geral, "aqui
todos somos família".



Fig. 67.

Perspectiva Fotográfica:
Artur Pastor, registos de
Arquitetura. Da Beira a Trás
os Montes, décadas de 50
e 60.

De um modo geral, as comunidades com tamanhas singulares e aparentemente alegres e harmoniosas, contam outro lado da história, onde a vida e higiene eram abaladas pelas difíceis condições que a natureza impunha, trazendo a fome e miséria, nem mesmo o pouco conforto da casa servia para agradar.

“Um espelho da nossa alma, reflectem-nos Presentes, Passados e Mesmo Futuros.”⁷²

Assim o era, o “sentido vivo e verdadeiro” desta gente, como Fernando Távora descreve, pois “(...) qualquer estilo nasce do povo e da terra com a espontaneidade e vida de uma flor; e Povo e Terra encontram-se presentes no estilo que criaram com aquela ingenuidade e aquela inconsciência que caracterizam todos os atos verdadeiramente sentidos, sejam eles de um homem ou de uma comunidade, de uma vida ou de muitas gerações.”⁷³

Com a partida e a chegada da emigração, transformou estas terras em desertos de gente, onde noutros tempos existia tantas cabeças de gado como população. A partida para o exterior à procura de melhores condições de vida e trabalho, e simultaneamente com o andamento do envelhecimento, o esquecimento acabou por tomar conta destas aldeias bem no alto dos montes.

Como consequência, o regresso às origens dos emigrantes, acresce e destrói a urbanização transformando e negando completamente a identidade local e a harmonia das antigas aldeias. Estas novas construções designadas de “casas de emigrante”⁷⁴ dispersas pelos montes e ruas, sem regras, sem aparente consenso com o ordenamento, contribuem para a destruição dos antigos conjuntos arcaicos e concentrados.

⁷² TÁVORA, Fernando, “ O Problema da Casa Portuguesa”, p.12.

⁷³ SEIXAS, João, Paisagens com asfalto e plano de vertigem em fundo azul, em COSTA, Pedro Campos, LOURO, Nuno, “2 linhas: retractor sensorial do país”, p.24.

⁷⁴ TÁVORA, Fernando, “O Problema da Casa Portuguesa”, p.12.



Fig. 68.

Fotografia:

Artur Pastor, "As pequenas
ruas e a sua gente."



Fig. 69.

Fotografia:

Artur Pastor, "Registos de
Arquitetura da Beira a Trás
os Montes, décadas de 50
e 60."

“Mais do que mimetizar formas de outras épocas e outras vivências, importa saber se é impossível preservar algumas delas com novas funcionalidades, mas mantendo a coerência de conjuntos que são verdadeiras ligações da arte de construir, com a economia de meios e estreita relação com o sítio.”⁷⁵

De tamanha importância “a cultura em toda a sua dimensão material e imaterial constitui a identidade da região, no seu todo e nas especificidades de cada lugar, assumindo-se, com efeito, como um importante recurso,”⁷⁶ outrora colhidos da terra, com um saber único e característico, são ignorados e substituídos por novas técnicas facilmente manuseadas.

Embora, algumas regiões possam parecer como “aldeia-museu”⁷⁷, onde a procura da preservação da identidade e das suas raízes culturais, são as marcas físicas de antepassados longínquos. No mesmo sentido recusam abandonar tudo o que nasceu do rural e do chão primitivo, tentando estabelecer uma relação e integrar elementos da modernidade.

A importância da identidade e sua preservação, são sem qualquer sombra dúvida a imagem do mundo rural destes povos, onde “(...) o lugar é acanhado, segredado ou rodeado de acidentes de todo a espécie, as casas aproximam-se e encontram-se, embora livremente, consoante as contingências,”⁷⁸ face a qualquer uma das transformações e relação aos antepassados, faz com que a dificuldade de leitura e interpretação seja um mapa em contante mutação, onde aparentemente tudo é real e humilde.

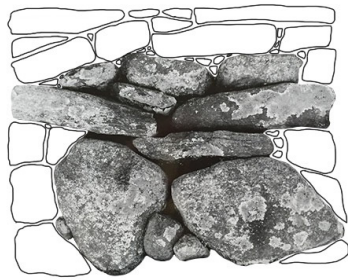
⁷⁵ GESTA, Alexandra, Projecto de Reabilitação do centro histórico de Guimarães, in A intervenção no património: práticas de conservação e reabilitação, p. 100.

⁷⁶ TÁVORA, Fernando, Da Organização do Espaço, p. 19.

⁷⁷ GONÇALVES, Rui Martins; RODRIGUES, César Urbino, “Arquitetura humana: meio rural do alto nordeste transmontano”, p. 33.

⁷⁸ TÁVORA, Fernando; PIMENTEL, Rui; MENÉRES, António, Zona I, in Arquitectura Popular em Portugal, p. 25 e 26.

4. O PROJETO



“De seguro,
Posso apenas dizer que havia um muro
E que foi contra ele que arremeti
A vida inteira
Não, nunca o contornei
Nunca tentei
Ultrapassá-lo de qualquer maneira”

Miguel Torga

4.1. O LUGAR COMO MONUMENTO

As casas são também registos vivos de quem as habita e quem as constrói, e por consequência, são nelas expressas memórias, medos ou desejos. São estes os lugares com cheiros e características próprias, com vivências e memórias, que ao mesmo tempo são capazes de contar histórias tão ricas como o que foi descoberto com esta viagem.

Aqui, como tantos locais de características idênticas, por inúmeros percursos, surge na montanha a vida e o meio deste povo. A aldeia abraça-os, funde-os com as mesmas pedras que cobre as paredes das casas, conduzindo os visitantes e habitantes por caminhos, potenciando visões panorâmicas da paisagem que só ali existe.

Largas décadas terão passado desde a primeira construção na aldeia do Barreiro, deixando marcas no território esquecido, expondo os seus mais primordiais significados. O tempo moldou o Lugar e a história tornou-se efémera. Porém, esse acontecimento de significados não impede que este Lugar conceba a sua própria história através dos contextos e interpretações.

A história narrada por este povo foi tão pragmática como a vida que tiveram. Na aldeia do Barreiro, o homem procurava nos solos respostas, para depois deixar algum futuro às próximas gerações.

Os documentos mais evidentes desta arquitetura são da autoria de pedreiros e carpinteiros, demonstrada nas construções dos espigueiros e moinhos, que lhes confere um significado monumental. Juntamente a estas construções acrescentava-se o pormenor dos materiais escolhidos e a forma como eram trabalhados, distinguindo-se em alguns casos, pelo cuidado e exatidão construtiva.

O primeiro reconhecimento da aldeia do Barreiro, enquanto lugar de interesse histórico e de projeto nasceu dos muros existentes no ponto mais alto da sua implantação. Encontramos muros e construções que se afirmam sem qualquer esforço como monumentos vivos, na medida em que nos transmitem vivências de um mundo passado, espiritual, um significado comum em torno do qual a comunidade local viveu e se reúne para celebrar a sua cultura e valores compartilhados.

São estas construções apelidadas de monumentos quando, antes de tentar o grandioso e a beleza construtiva propriamente dita, é realizado então um modelo espiritual ao qual valorizamos as nossas ações e valores transmitidos no quotidiano.



Fig. 70.

Imagem:

Pensar ser monumento
através do que nos rodeia.

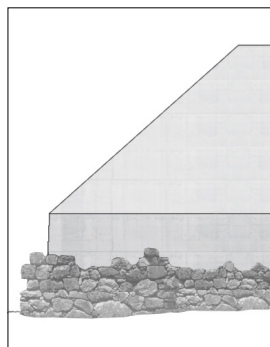
As construções não são ambicionadas pelos nossos mestres, não se pretendem afirmar às restantes, não se erguem em função da beleza, pelo contrário, adquirem a função e contexto espacialmente natural, visto como o centro espiritual ou ideal para representar o monumento natureza.

Pensar ser monumento na arquitetura tradicional portuguesa, não passa de um reflexo natural do que a rodeia, através da autorreferência na qual a beleza nela se afirma. São estes os exemplos que nos proporcionam um sentimento de Lugar no mundo e na história.

A obra de arte enquanto afirmação espacial e arquitetónica, deve fundir-se com o lugar presente e com o espaço comum que habitamos. Responsável pela transmissão da memória, deve também marcar a nossa presença, produzindo e desafiando aquilo que queremos ser com o propósito de projetar um futuro indefinido. Por fim, ver no exemplo o monumento histórico as nossas origens sem perder a âncora do passado.

O processo não é, e nunca foi linear. Existe sim uma metodologia, mas não de uma forma linear e exata onde se cumpre ponto a ponto. Esboça-se uma ideia, realiza-se uma pesquisa. Essa pesquisa muitas vezes encaminha a uma nova ideia e volta-se a esboçar. Assim, consecutivamente até estarmos totalmente convencidos que afinal a arquitetura é também natureza.

4.2. A INTERVENÇÃO



A cultura tradicional portuguesa é muitas vezes a imagem e sinónimo do lugar ao qual ocupa no território construído. Numa aproximação ao Lugar propriamente dito, a intervenção projetual arquitetónica permite autoexplicar-se, pelo meio que a cinge. Neste sentido, a intervenção contemporânea compreende-se como uma ocupação pouco ou nada invasiva, enunciando os muros como potenciador do “monumento.”

As marcas são o mote para uma intervenção neste lugar em consonância com o legado local, possibilita ao visitante interpretações, visões dos nossos antepassados, no sentido de envolver o território e o absorver as tradições, assumindo-se assim os vários espaços e gestos, sem negar a paisagem e o espírito do Lugar.

Seguindo a lógica do *Genius loci* (espírito do lugar), no cimo da aldeia, o projeto visa a construção de um Centro de Interpretação, com o intuito de mostrar a arquitectura tradicional transmontana, explicitando o domínio do território e as suas sucessivas mutações naturais e não naturais. Todas as alterações do projeto propõem manter as características, linguagem original, bem como a estreita relação do interior das habitações abandonadas e a sua aparência exterior, assumindo-se através dos pequenos detalhes a essência natural.

Pela análise espacial vemos a importância da arquitetura no processo de criação do Lugar. O desenho projetual de diferentes escalas e funções, consegue cada um à sua maneira descobrir significados desta paisagem, expondo a experiência construtiva das mesmas, criando lugares mágicos.

É uma “peça” que não poderia existir noutra sítio, ancorada àquele espaço, no mesmo chão das casas, que se esconde atrás dos muros destruídos, e só com esse elemento natural o local detém o papel de miradouro. É um processo de relação entre o Lugar e obra construída, onde só com a interação e presença dos muros existentes torna-se possível criar esta simbiose construtiva.

A natureza aqui não foi domesticada, mas sim respeitada e exacerbada. Como afirma Sverre Fehn, “(...) nature is the norm, whereas in many other places it is the cultivated land that people take for granted. (...) perhaps our nature is so harsh that we do everything we can to make it seem romantic and pretty (...).”⁸⁰ A alusão à memória, pela materialidade e volumetria expressa na sua implantação na paisagem, tem um enorme valor da arquitetura vernacular portuguesa.

⁸⁰ FEHN, Sverre, Entrevista por Ingrid Helsing Almaas, In: *Made in Norway*, Norwegian Architecture Today, ArkitekturN, Birkhäuser, 2010, p.42.

A intervenção é afirmada pela memória construtiva, por pedras de diversas dimensões, sobressaindo à distância o marcador e delimitador. Em primeira instância a nova arquitetura quer analisar e cultivar a superfície da terra.

Poderia assumir uma forma dramática, mas não o faz, a implantação é enterrada na topografia irregular, onde o papel essencial do projeto é refugiar-se na pré-existência.

O material de eleição empregue em toda a intervenção é transversal aos gestos irregulares e livres das rochas. É realizada uma estrutura à base de betão aparente facilmente visualizada pela cor e estereotomia da cofragem vertical. Este material permite um fácil acabamento, nos planos verticais semienterrados continuando até a cobertura de zinco. Esta combinação de materiais é então utilizada pela necessidade de ocultar a nova construção na paisagem, divergindo olhares sobre os aglomerados e paisagem que aqui não se esgota.

O programa que se propõe, tem como objetivo denunciar a importância da arquitetura e cultura tradicional portuguesa, mostrar o sítio, conduzindo para um melhor entendimento da cultura transmontana através da experimentação do lugar.

O conceito para estabelecer uma geometria vertical pouco perceptível, foi suficiente para a projeção da nova construção como complemento da pré-existência. Desta forma, as volumetrias que rompem o solo não pretendem modificar ou alterar o sítio original, mas sim construir em conformidade com o mesmo, utilizando construção de subtração, considerando como parte essencial do projeto, e onde, ao enfatizar este conforto entre o horizonte e a paisagem, permite ao edifício tomar parte dele.

Composto por duas formas, na cota mais alta encontramos três construções piramidais dispersas, mas igualmente desenhadas e numa cota mais baixa os três restantes blocos são regulares e agregados entre si, remetendo às construções tradicionais, completando a simplicidade visual e espacial.

As formas arquitetónicas são assim personificadas, interpretadas como corpo resultado do conjunto de diferentes descrições, orientam-se geometricamente entre os muros, respeitando os seus limites e os mais irregulares eixos, (não toca nem quer tocar) estes marcam e constroem o seu programa interior, interligado por túneis estrategicamente pensados.

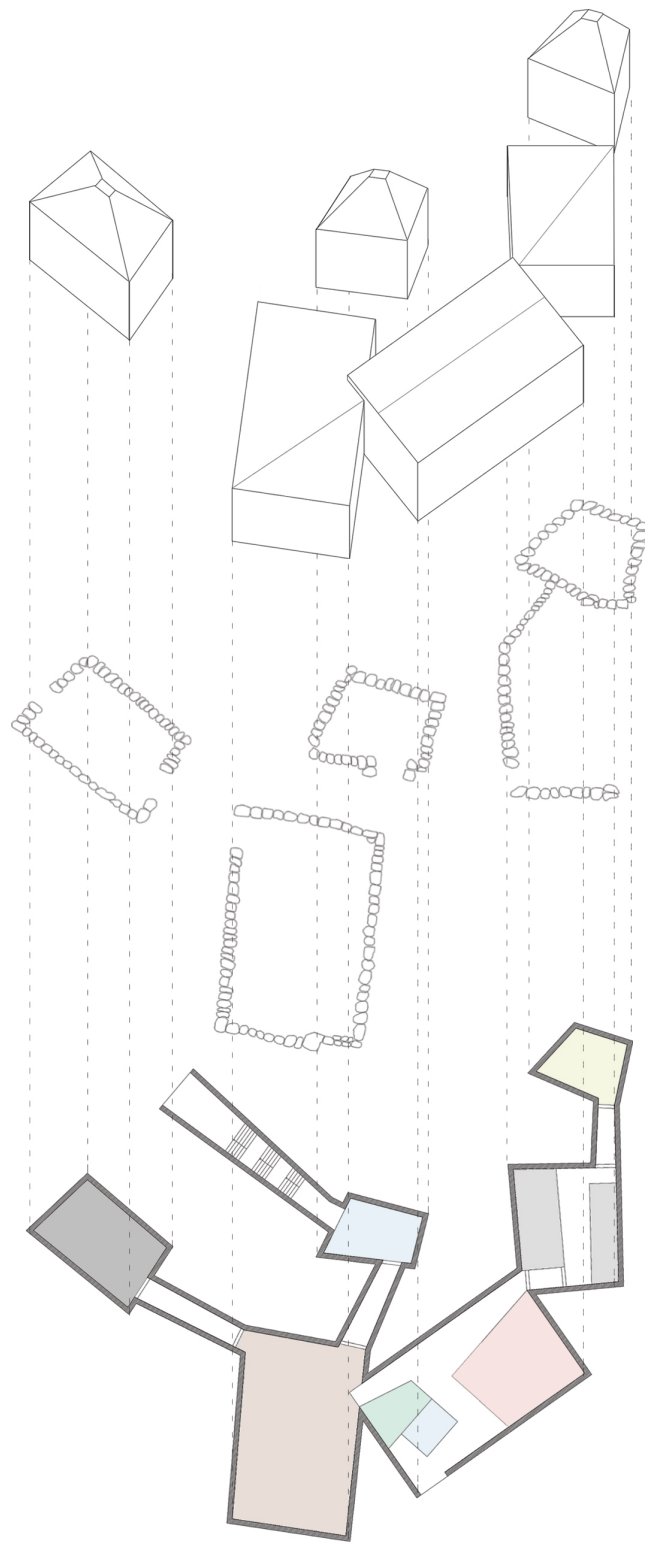


Fig. 71.

Imagem:

Axonometria esquemática:
 Volumetria, pré-existência
 e organização interna do
 projeto.

- | | |
|---|--|
| Auditório | Bar |
| Museu | Arrumos / Wc |
| Recepção | Gabinete de investigação |
| Loja | |

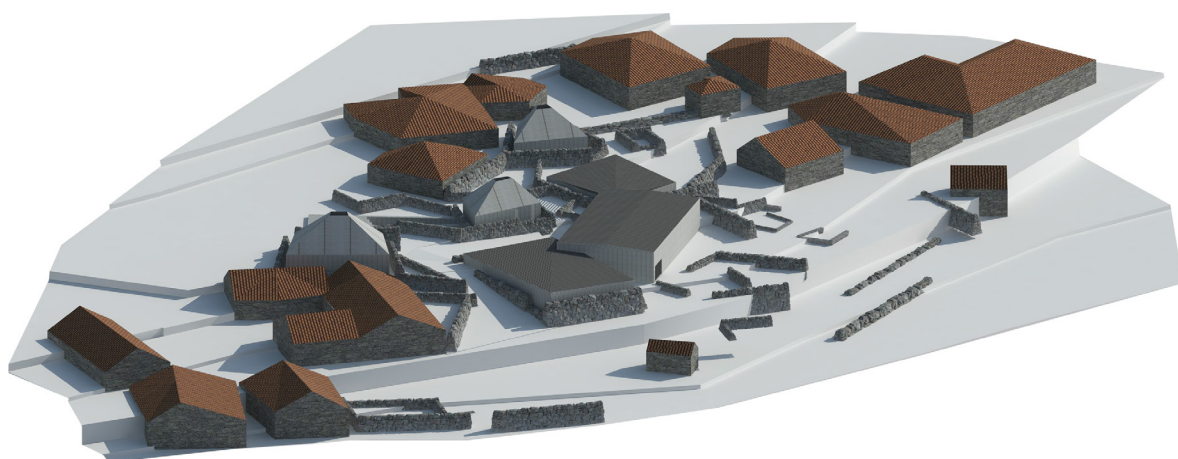
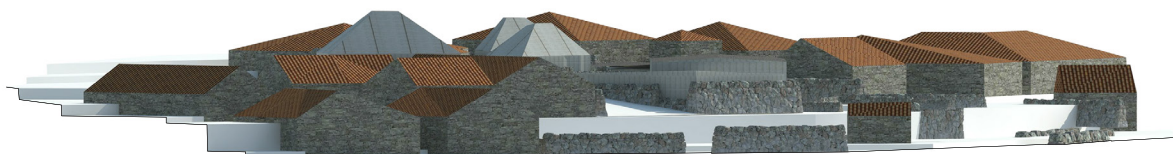


Fig. 72.
Imagem:
Desenhos gráficos do
projeto.

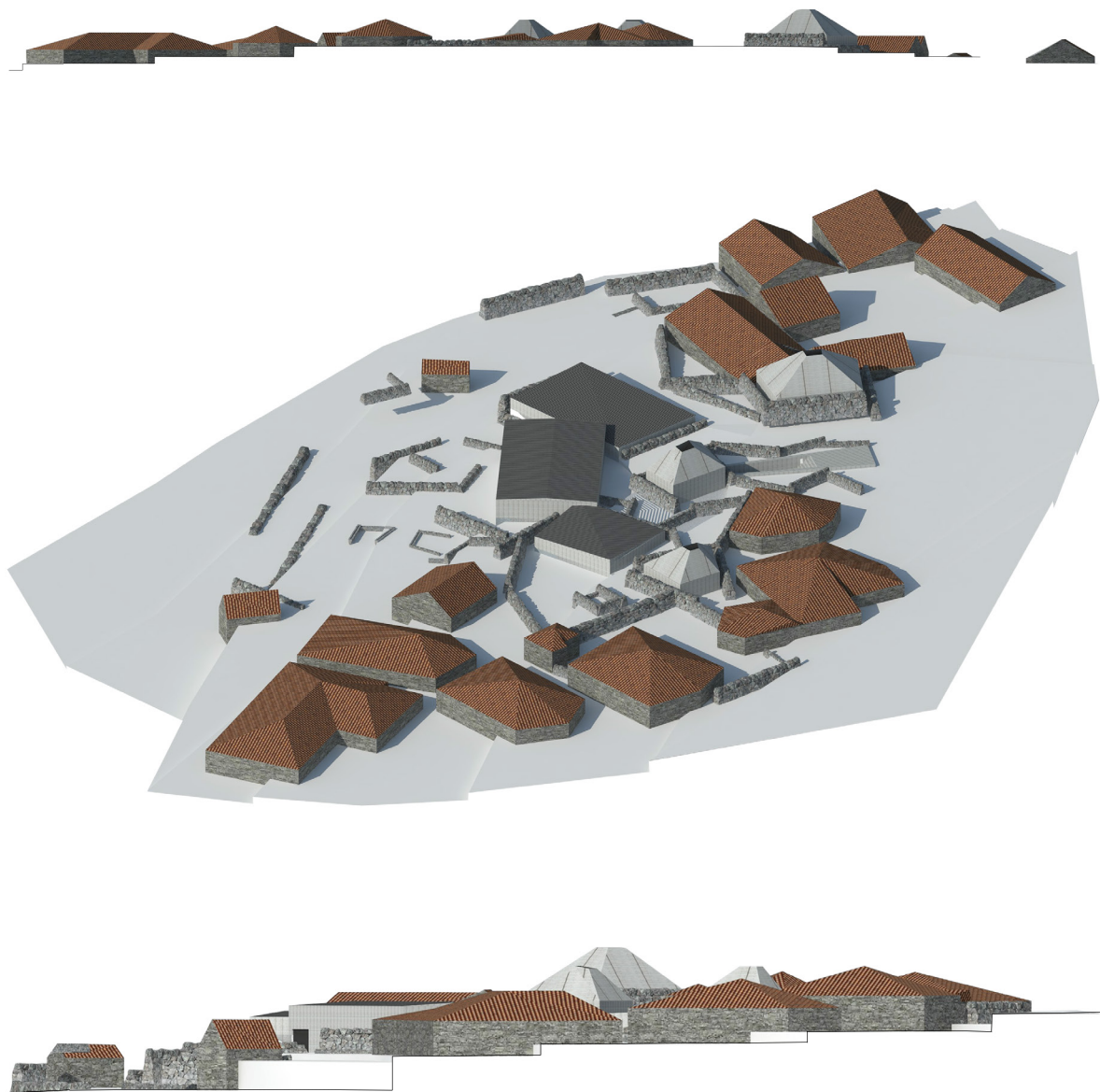


Fig. 73.
Imagem:
Desenhos gráficos do
projeto.

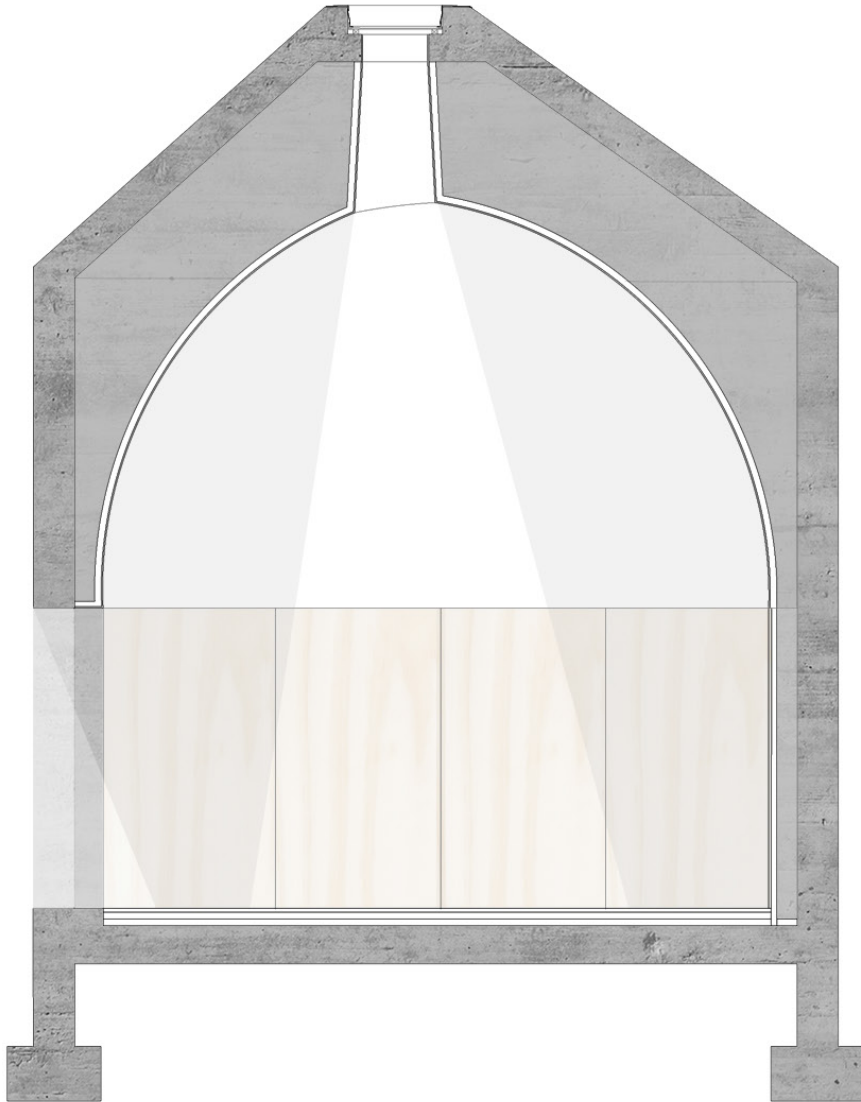


Fig. 74.
Imagem:
Corte com a representação
dos materiais.

Todo o projeto é assim constituído por: zonas de exposição, uma receção, auditório, gabinete de investigação, situados nos volumes adjacentes, diferenciados pelas geometrias piramidais e entradas de luz natural nas claraboias. Por sua vez, interligados por túneis, o corpo central do projeto é composto então por uma segunda entrada, onde para além da receção, existem igualmente um bar e uma pequena loja que posteriormente articula ao espaço do museu.

Interiormente o controlo da luz pelas claraboias e a atenção ao detalhe das cúpulas de abobada de aresta, são elementos que dão ao projeto caráter único, sendo depois refletidas pelas paredes pintadas de branco criando uma luz difusa e paragem de contemplação. Os painéis de madeira pinho assumem a continuidade entre a superfície vertical e horizontal dos pisos de madeira e o betão assume-se como matéria predominante no exterior, nomeadamente na base estrutural de suporte.

Contrariamente ao betão ancorado à massa rochosa como se de uma prolongação da mesma se tratasse, o revestimento da cobertura dos três volumes regulares agregados é em chapa zincada. Com a ação do tempo, o material vai ganhando cores que envolvem a construção no espaço físico e natural.

A materialização, forma e desenho trabalham em conjunto para que este todo se torne forma integrante na montanha e crie ali um Lugar único. O projeto visa proporcionar, a quem o possa visitar, uma experiência inigualável, uma exposição ao espetáculo natural paisagístico e cultural destes povos no cimo das montanhas.

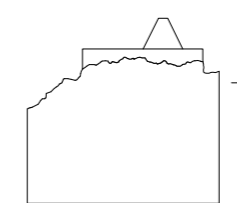
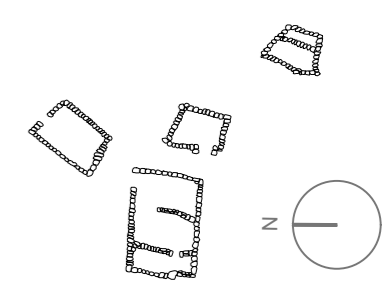
Deste modo, para uma observação de apropriação do natural e criação na paisagem transmontana, o projeto deve ser motivado pelo impacto visual e cultural, incorporando-se no ambiente e nas forças da natureza. Deve ainda obrigatoriamente realçar o Lugar, apreendendo, mostrando significados escondidos, tornando-se parte integral da paisagem, como se ali sempre tivesse nascido.



Fig. 69.

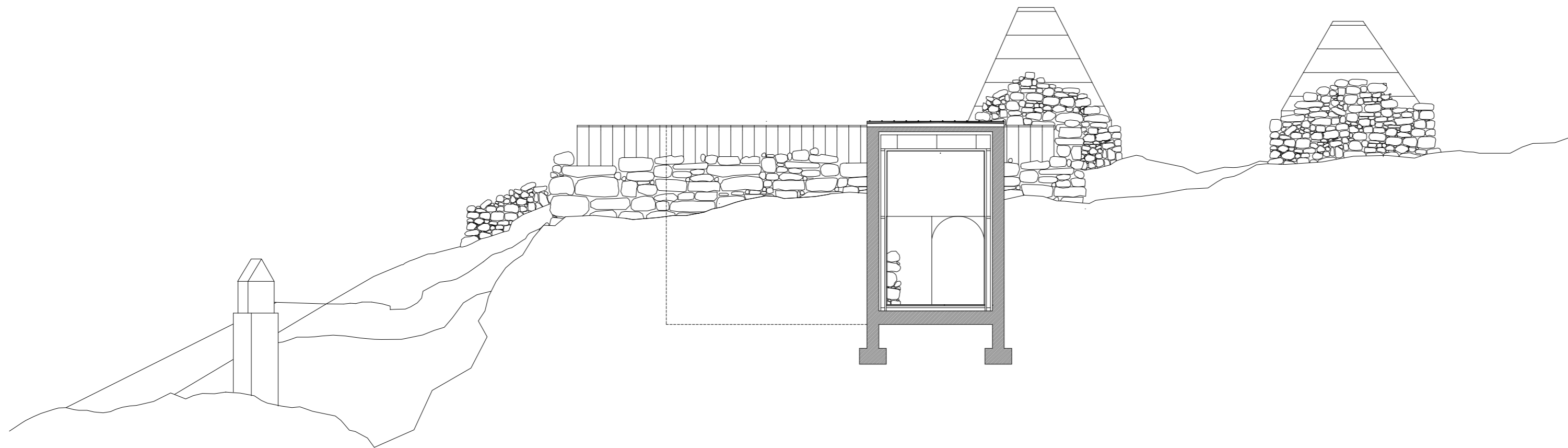
Imagem: Esc.1:1000

Planta de implantação
projeto Centro de
Interpretação.

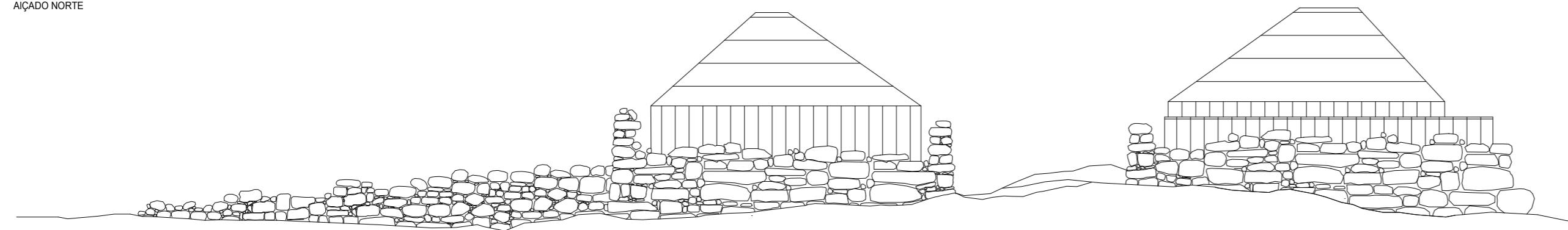


PROJETO DE INVESTIGAÇÃO:
 LOCALIZAÇÃO: ALDEIA DO BARREIRO
 TÍTULO:
 O ENTENDIMENTO DE "O LUGAR" NA ARQUITETURA TRANSMONTANA:
 PROJETO ALDEIA DO BARREIRO

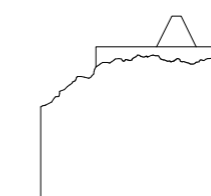
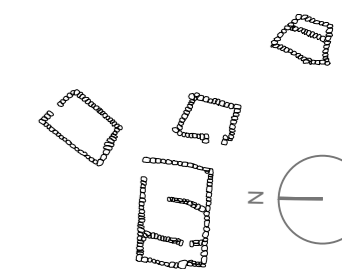
FOLHA 01
 IMPLANTAÇÃO
 DESENHO: RÚBEN VIEIRA
 ESCALA: 1:250
 DATA: 31.10.2018
 ORIENTADOR: ELISÁRIO MIRANDA



ALÇADO NORTE



ALÇADO OESTE



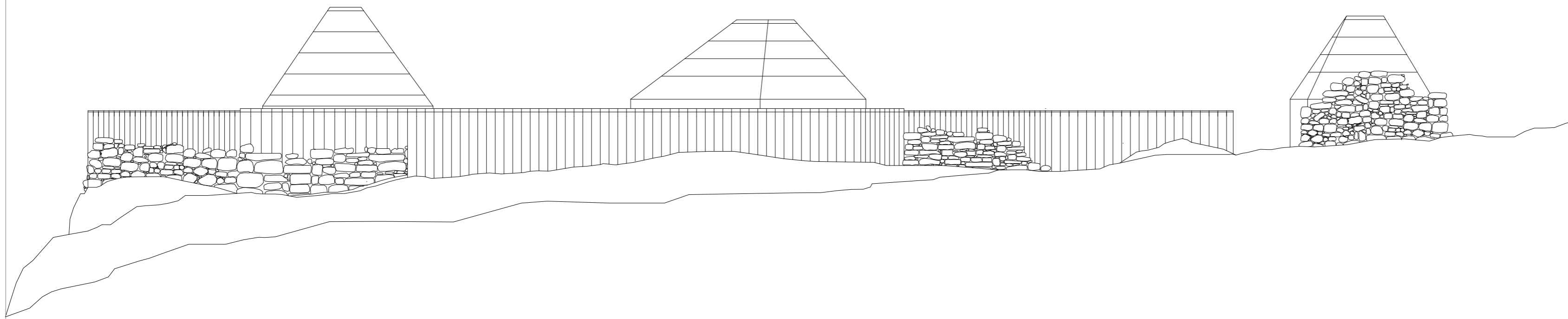
PROJETO DE INVESTIGAÇÃO:
LOCALIZAÇÃO: ALDEIA DO BARREIRO

TÍTULO:
O ENTENDIMENTO DE "O LUGAR" NA ARQUITETURA TRANSMONTANA:
PROJETO ALDEIA DO BARREIRO

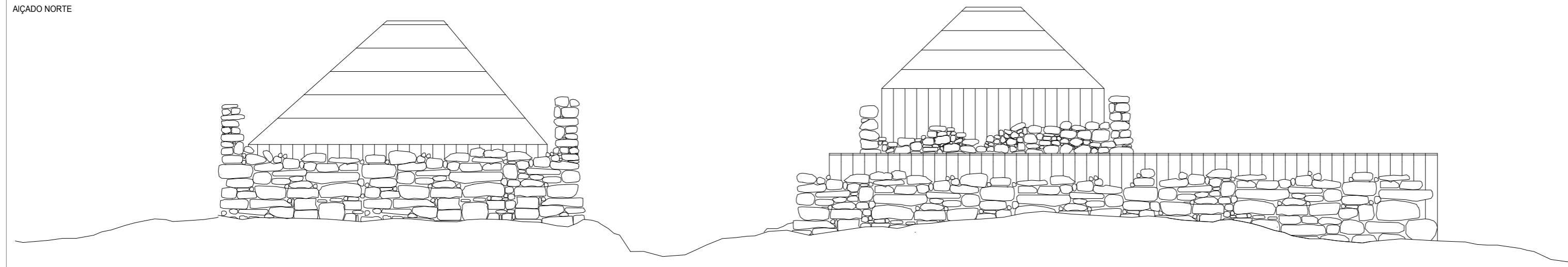
FOLHA 02

ALÇADOS
DESENHO: RÚBEN VIEIRA
ESCALA: 1:100

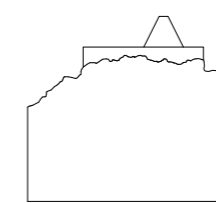
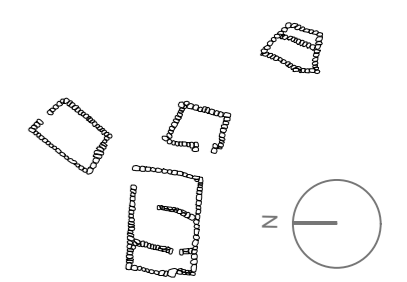
DATA: 31.10.2018
ORIENTADOR: ELISÁRIO MIRANDA



ALÇADO NORTE

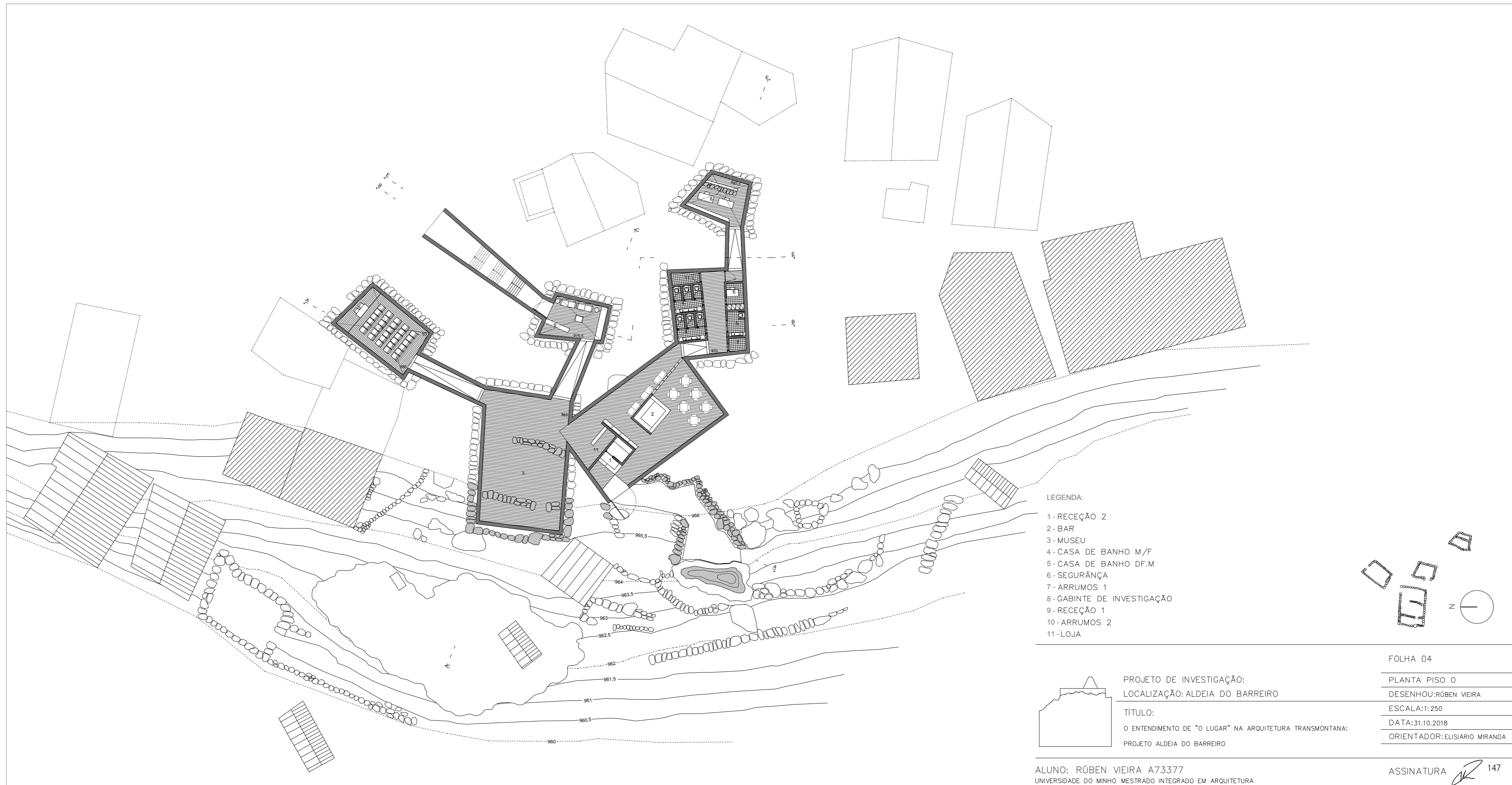


ALÇADO ESTE



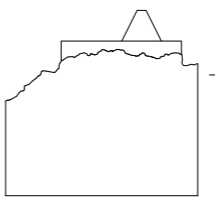
PROJETO DE INVESTIGAÇÃO:
 LOCALIZAÇÃO: ALDEIA DO BARREIRO
 TÍTULO:
 O ENTENDIMENTO DE "O LUGAR" NA ARQUITETURA TRANSMONTANA:
 PROJETO ALDEIA DO BARREIRO

FOLHA 03
 ALÇADOS
 DESENHO: RÚBEN VIEIRA
 ESCALA: 1:100
 DATA: 31.10.2018
 ORIENTADOR: ELISIÁRIO MIRANDA



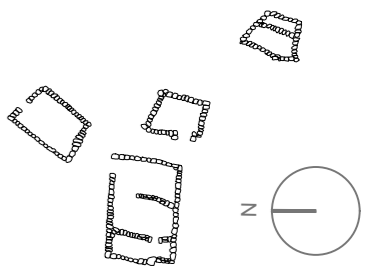
LEGENDA:

- 1- RECEÇÃO 2
- 2- BAR
- 3- MUSEU
- 4- CASA DE BANHO M/F
- 5- CASA DE BANHO DF.M
- 6- SEGURANÇA
- 7- ARRUMOS 1
- 8- GABINETE DE INVESTIGAÇÃO
- 9- RECEÇÃO 1
- 10- ARRUMOS 2
- 11- LOJA



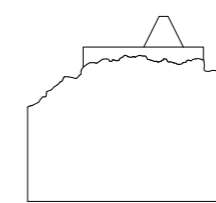
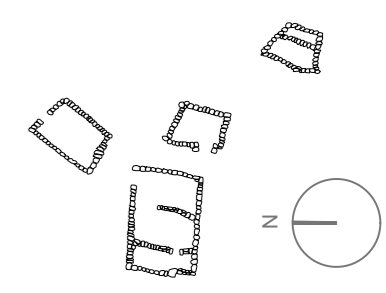
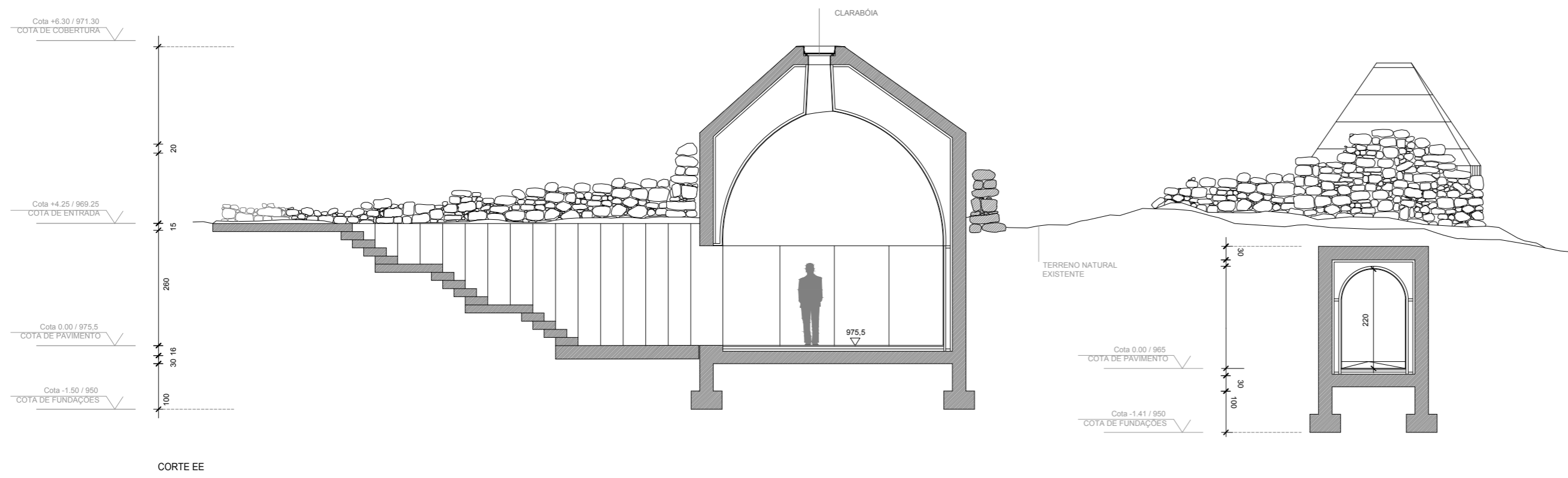
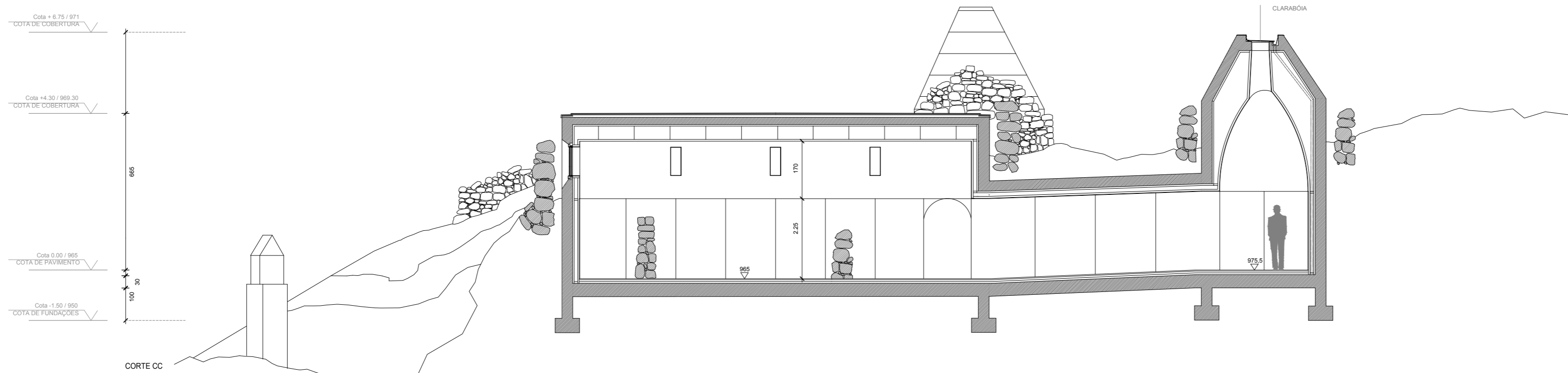
PROJETO DE INVESTIGAÇÃO:
 LOCALIZAÇÃO: ALDEIA DO BARREIRO
 TÍTULO:
 O ENTENDIMENTO DE "O LUGAR" NA ARQUITETURA TRANSMONTANA:
 PROJETO ALDEIA DO BARREIRO

ALUNO: RÚBEN VIEIRA A73377
 UNIVERSIDADE DO MINHO MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA



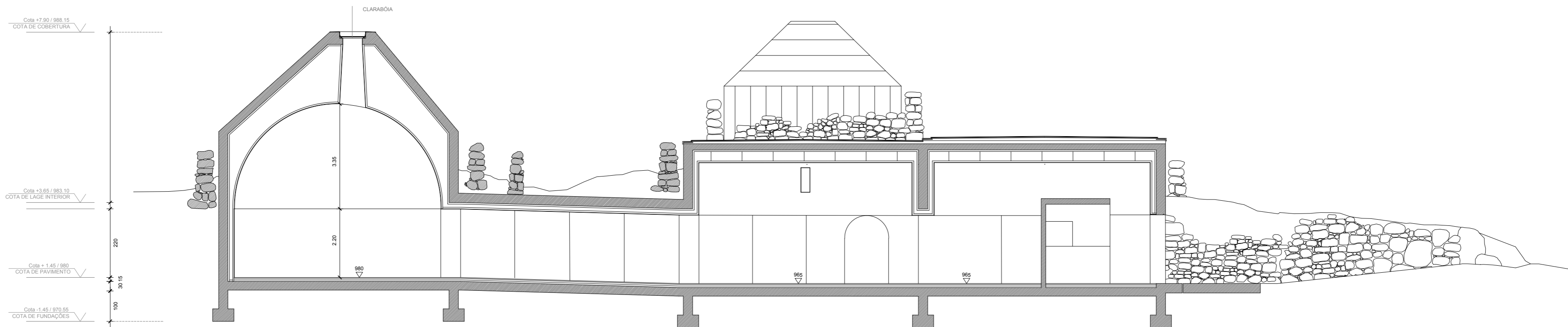
FOLHA 04
 PLANTA PISO 0
 DESENHO: RÚBEN VIEIRA
 ESCALA: 1:250
 DATA: 31.10.2018
 ORIENTADOR: ELISIÁRIO MIRANDA

ASSINATURA  147

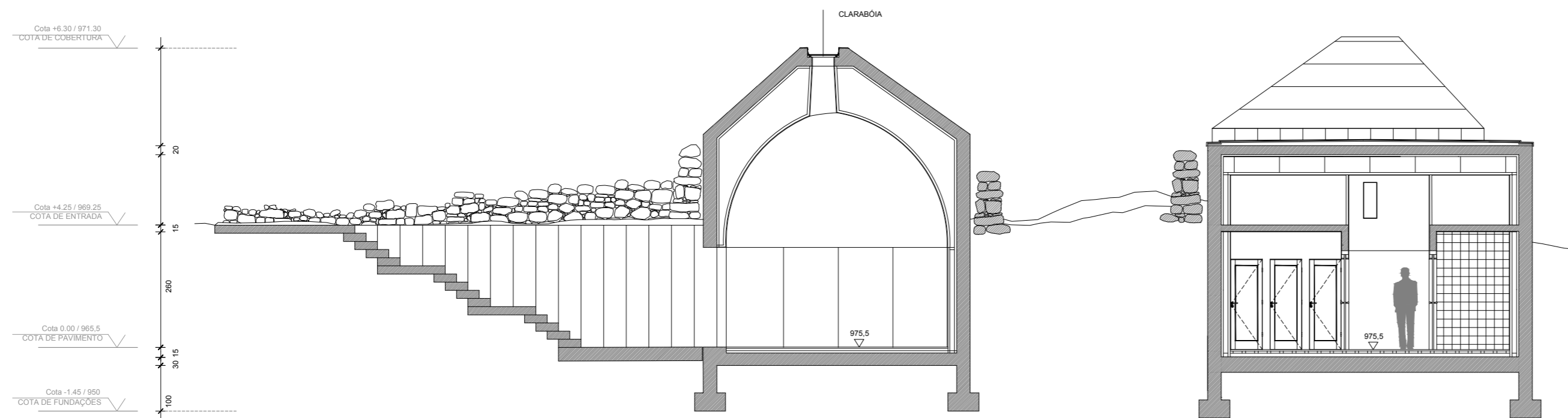


PROJETO DE INVESTIGAÇÃO:
 LOCALIZAÇÃO: ALDEIA DO BARREIRO
 TÍTULO:
 O ENTENDIMENTO DE "O LUGAR" NA ARQUITETURA TRANSMONTANA:
 PROJETO ALDEIA DO BARREIRO

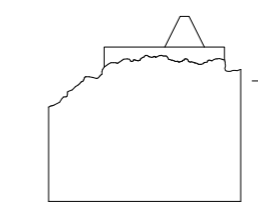
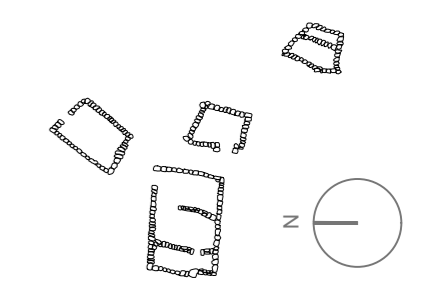
FOLHA 05
 CORTES
 DESENHO: RÚBEN VEIRA
 ESCALA: 1:100
 DATA: 31.10.2018
 ORIENTADOR: ELISIÁRIO MIRANDA



CORTE AA

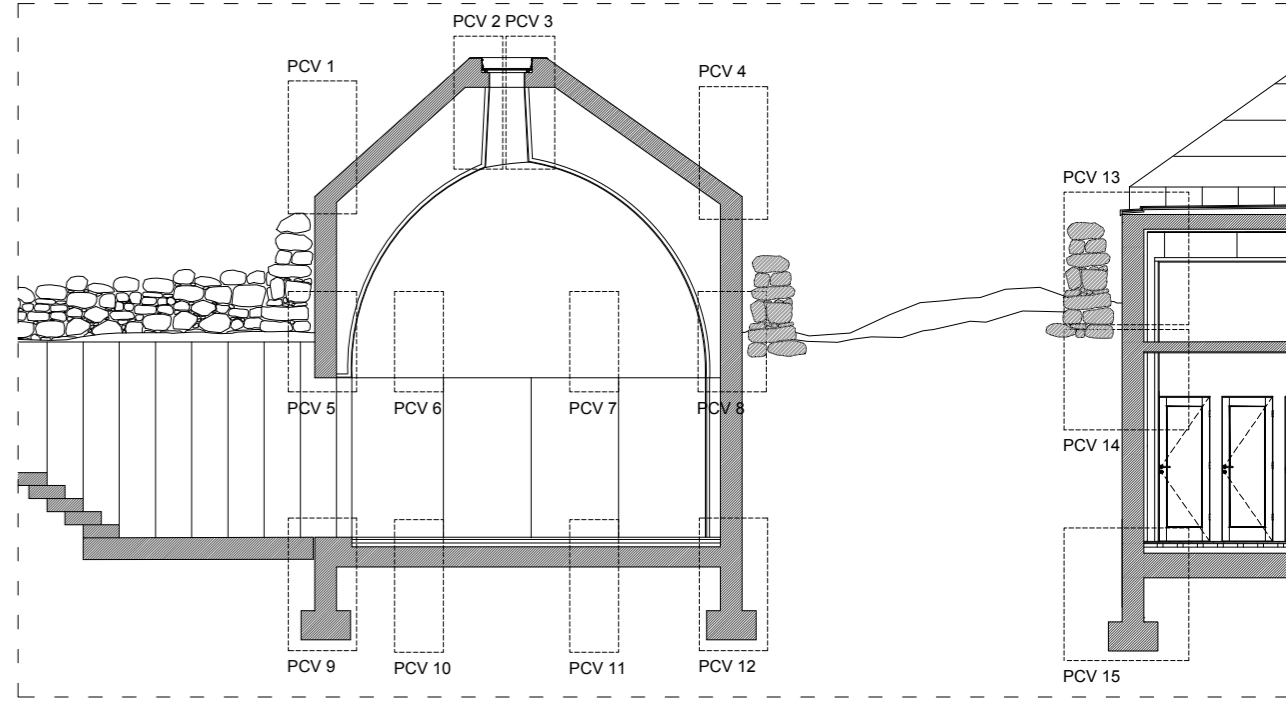
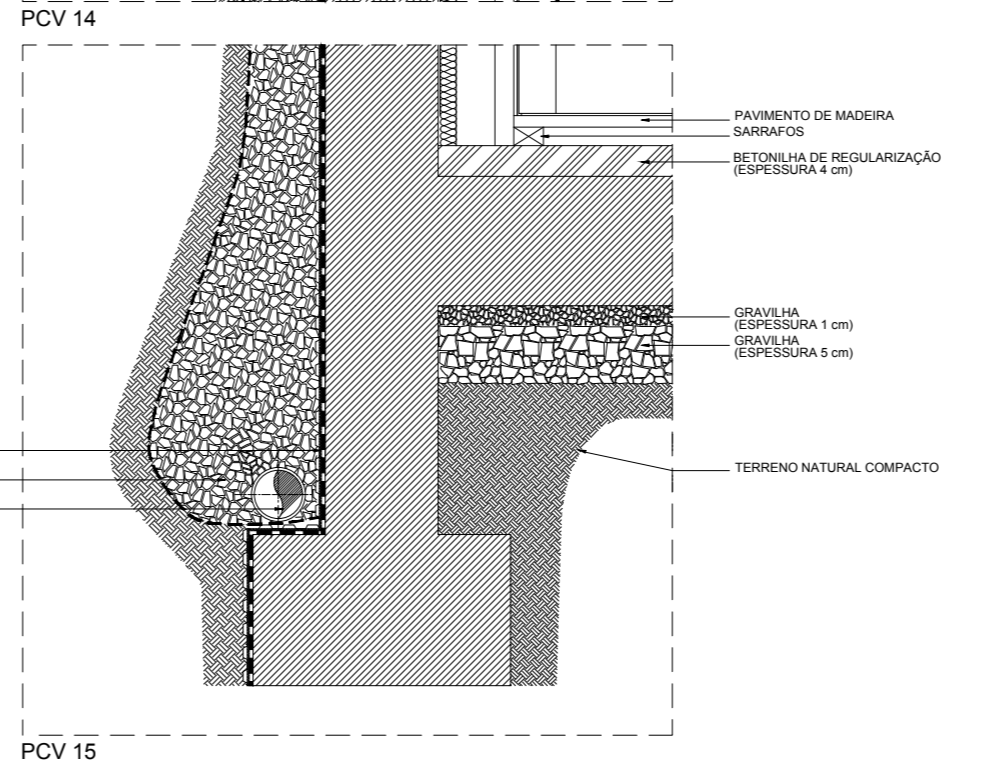
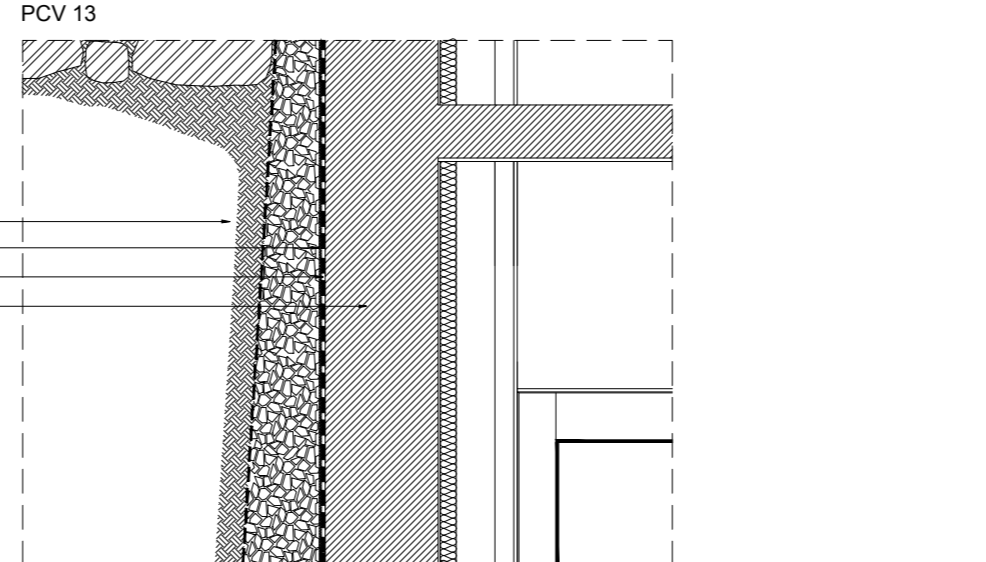
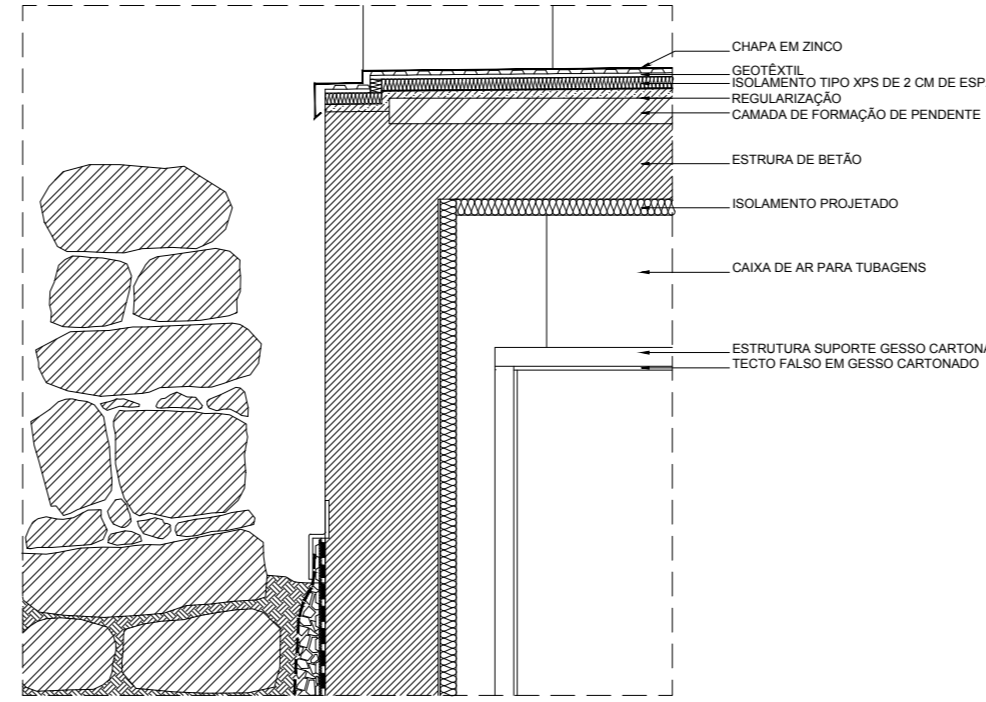
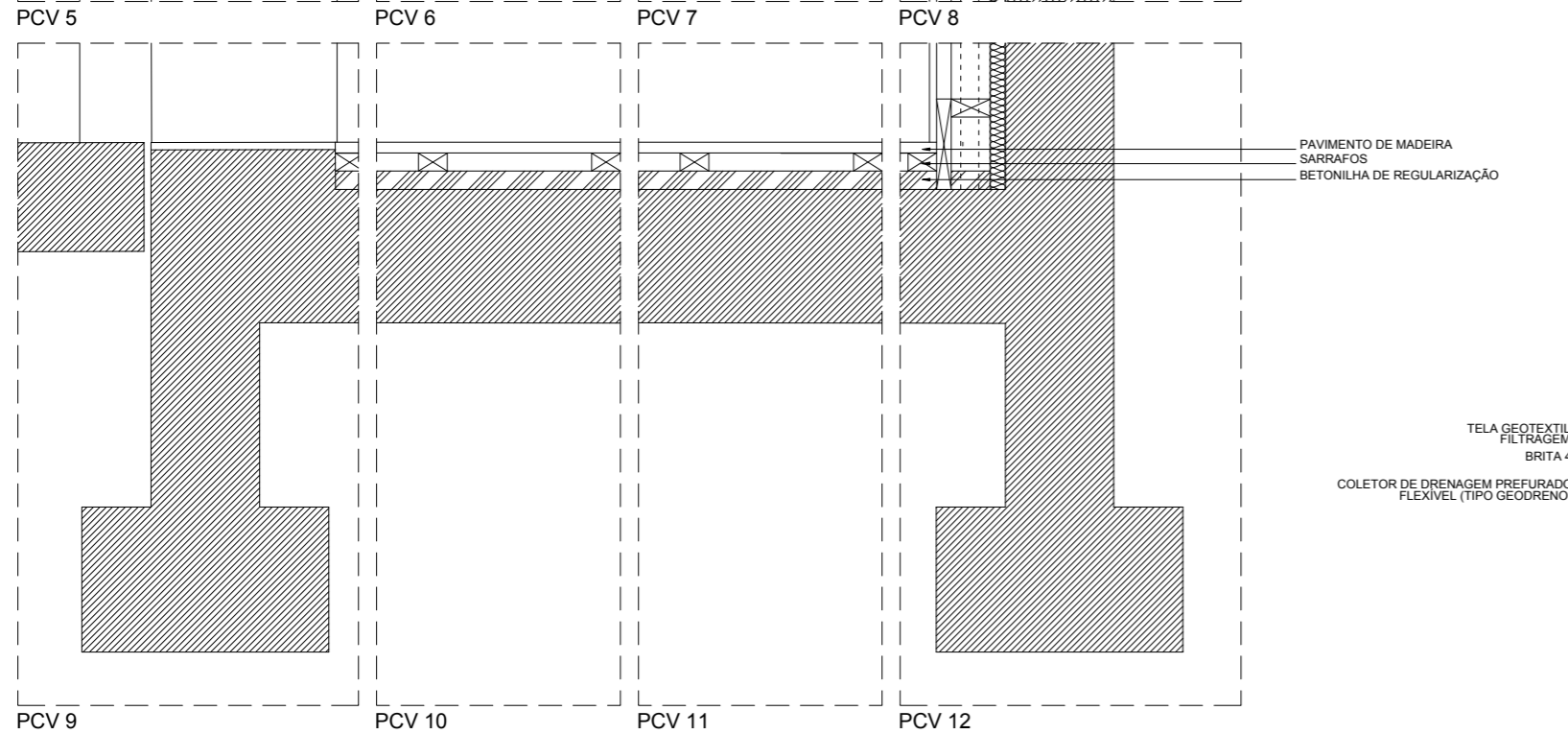
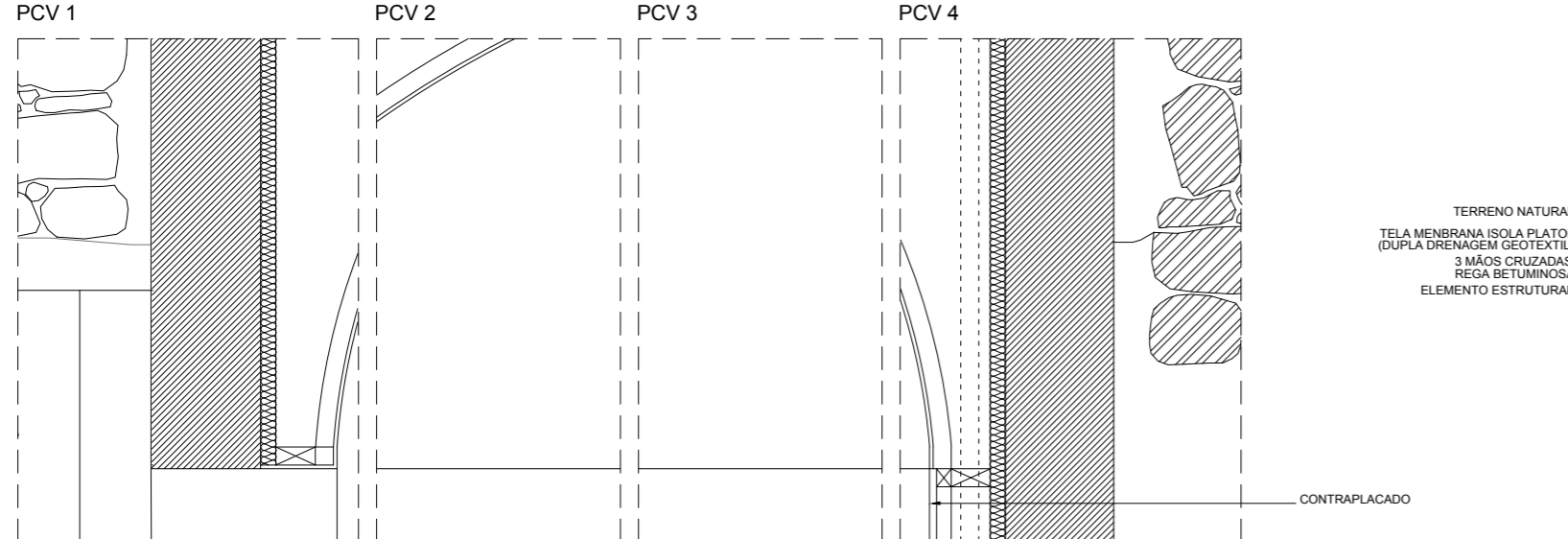
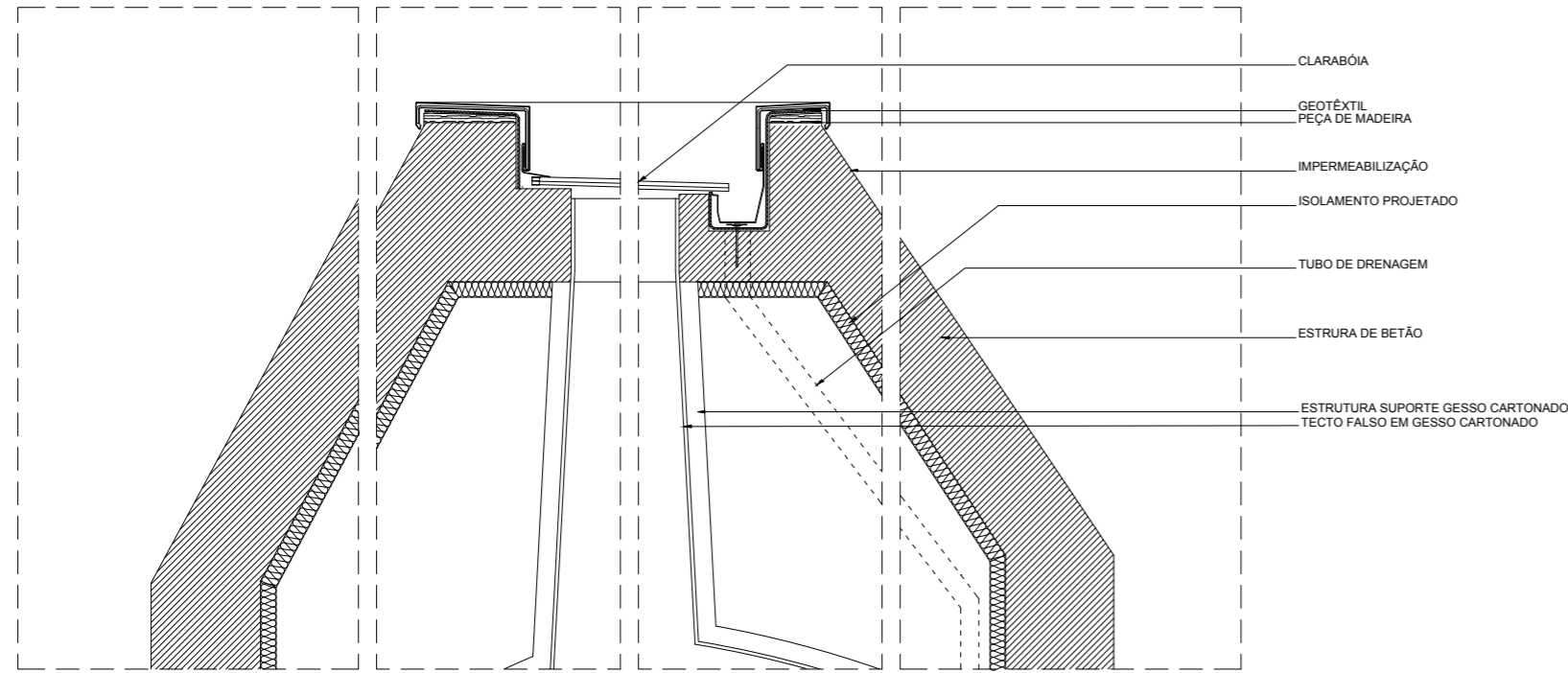


CORTE BB

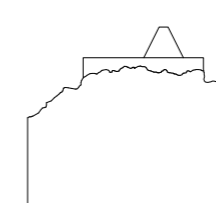
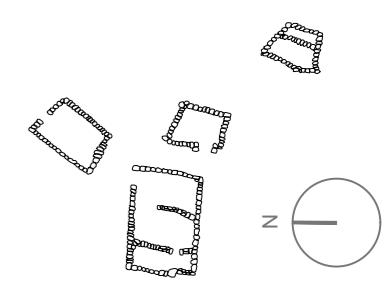


PROJETO DE INVESTIGAÇÃO:
 LOCALIZAÇÃO: ALDEIA DO BARREIRO
 TÍTULO:
 O ENTENDIMENTO DE "O LUGAR" NA ARQUITETURA TRANSMONTANA:
 PROJETO ALDEIA DO BARREIRO

FOLHA 06
 CORTES
 DESENHOU: RÚBEN VEIRA
 ESCALA: 1:100
 DATA: 31.10.2018
 ORIENTADOR: ELISIÁRIO MIRANDA



- LEGENDA:
- TÊXTEL
 - ISOLAMENTO
 - REGULARIZAÇÃO
 - BETONILHA
 - GRAVILHA
 - TERRENO
 - PEDRA
 - BETÃO



PROJETO DE INVESTIGAÇÃO:
 LOCALIZAÇÃO: ALDEIA DO BARREIRO
 TÍTULO:
 O ENTENDIMENTO DE "O LUGAR" NA ARQUITETURA TRANSMONTANA:
 PROJETO ALDEIA DO BARREIRO

FOLHA 07
 PORMENORES CONSTRUTIVOS
 DESENHOU: RÚBEN VEIRA
 ESCALA: 1:20
 DATA: 31.10.2018
 ORIENTADOR: ELISIÁRIO MIRANDA

5. CONCLUSÃO

“Todo o investigador investiga porque está perdido e será sensato não ter a ilusão de que deixará de o estar. Deve, sim, no final da sua investigação, estar mais forte. Continua perdido, mas está perdido com mais armas, com mais argumentos. Como alguém que continua naufrago, mas que tem agora, contra as intempéries e os perigos, um refúgio mais eficaz.”⁸¹

O conceito de lugar tem sido amplamente abordado como um fator essencial pois estabelece com o objeto construído a identidade do discurso puro, neste caso rural, ajudando a compreender a conceção do espaço arquitetónico em relação à experiência humana.

No decorrer do tempo e das práticas populares em meio da aplicação de analogias locais, possibilitaram novas interpretações, resultando na aprendizagem de processos de construção, métodos de adaptação ao território, noções de tempo, ligação e interação com o sítio.

Estas noções, apelam à dissolução de limites e fronteiras, agregadas ao lugar construído e ao modo de interagir com o espaço, resultando na produção de lugares remotos e de culturas características ímpares.

Desse modo, a ideia de lugar vem sendo reformulada e discutida por diversos saberes, que procuram observar o ambiente construído, fisicamente ou não, a partir do caráter espacial e na produção de lugares expressivos de arquitetura vernacular. O entendimento e o estudo desses lugares buscam desconstruir os limites sociais e perceber as relações com outros agentes humanos e não humanos.

Através do “Genius Loci”, a arquitetura que o Homem produz pela presença concreta, intervém no espaço objetivamente estético, logo torna-o num ambiente poético. Revela a sua forma de viver e de estar num determinado tempo, fazendo com que a sua presença cotidiana no lugar, possa ser uma experiência com todo o significado.

Ao longo deste caminho, procurou-se acima de tudo, contar a história deste povo no cimo das montanhas. Pela análise desta aldeia, vemos a importância da arquitetura no processo da criação do lugar, observando as construções, as paisagens, os habitantes, pormenorizados pela capacidade evolutiva demonstrada, quer nas alterações naturais ou pensadas ao seu uso e função.

⁸¹ GONÇALO, M. Tavares, Atlas do corpo e da imaginação: teorias, fragmentos e imagens, Editora Leya, 2013, p.38.

Com a análise deste território, foi claro a importância do local na intervenção arquitetônica e o seu papel na exploração e experiência pessoal descoberta. Despertou uma enorme sensibilidade na compreensão dos espaços naturais, da pré-existência dos muros, nos sentidos geométricos e na relação entre o edifício e paisagem construída.

A alusão à memória pela negação de uma materialidade e volumetria na sua implantação, mostra um respeito e valor à arquitetura vernacular transmontana. Por outro lado, é fundamental para o parecer do (coletivo) lugar na atualidade, processos tradicionais e tecnológicos que sem a fusão de agentes humanos e existentes, seria de difícil explicação e captação.

Posto isto, a produção e o uso do lugar na atualidade derivam de muitos fatores, abrem novos e amplos horizontes para pesquisas relacionadas com o campo das relações humanas, ambiente construído e da compreensão da monumentalidade do Lugar com características mínimas para o habitar.

“Eu sei, eu sei
sim, eu sei. Sei-o agora e já há muito tempo o sabia.
Sim, sei, sei isso. Mas eu sei isso e também sei o contrário.
E é tão difícil saber isso e saber o contrário.
Aceitar isso e não desprezar o contrário.
Sim, eu sei eu sei que a Terra terá cinco mil milhões de anos
eu sei que a Vida terá mil milhões de anos
eu sei que a “pequena” distância da Terra à Lua anda aproximadamente
pelos 400.000 quilómetros.
Eu sei, sim eu sei
eu sei
eu sei que tenho apenas 56 anos de idade, 1,65m de alto e um passo
de 70 centímetros.
Sim eu sei, eu sei mas sei também que a praia ficará diferente se eu lhe
roubar um grão de areia
eu sei que o mar não será o mesmo se eu lhe chorar uma lágrima
eu sei que o Universo se altera quando respiro ou mesmo quando
penso.
Sei, eu sei, eu sei que venho de longe e vou para longe
sei que não estou apenas aqui mas em muito lado, sei que não vivo
“apenas” o tempo que vivo.
Sei que o infinitamente grande é tão infinito como o infinitamente
pequeno.
E sei e sei mais e muito mais.
Sei que não sou excepção.
Sei que sou como todos os homens os que nasceram e morreram
os que hão-de nascer para morrer.
Eu sei que entre mim e os outros há uma eterna e indissolúvel união.
E que os outros precisam de mim, tanto quanto eu deles necessito.
E sei que é este saber-mo-nos infinitamente grandes por sermos
infinitamente pe-quenos que constitui a paixão da Vida.
Eu sei, sim eu sei.
E é sobre esta Vida de paixão que tem sido a minha que vou falar.
Com ironia, com tristeza, por vezes com rancor, mas sempre, sempre
com paixão.
Há anos pensei um pensamento para gravar numa porta que ofereci,
simbolicamen-te, para a casa de uns amigos.
Esse pensamento pensava simplesmente: faz de cada momento uma
Vida.
Ofereci a porta, mas não gravei o pensamento.
Gravei-o na memória e procuro praticá-lo no quotidiano.
E é essa paixão pela Vida que quero apaixonadamente transmitir.
Porque não vive quem não mergulha permanente e apaixonadamente
na paixão da Vida.
Eu sei, sim eu sei.
Eu sei.”⁸¹

⁸² Fernando Távora, Depoimento para uma aula na ESBAP, Porto, 21 de Maio de 1980.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

“Arquitectura Popular em Portugal”, 2ª edição, Lisboa: Associação Arquitectos Portugueses, 1980.

Arquitectura Tradicional Portuguesa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1º volume, 3ª edição, Lisboa, 1988.

Arquitectura Popular em Portugal, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1º volume, Zona 1: Minho, Zona 2: Trás-os-Montes, 3ª edição, Lisboa 1988.

ANDRÉ, Paula; SAMBRICIO, Carlos, Arquitectura Popular: Tradição e Vanguarda, Instituto Universitário de Lisboa, edição, Dinâmia`Cet-lul, 2016.

BESSE, Jean Marc, Estar na paisagem, em CARDOSO, Isabel Lopes, “Paisagem Património”, Porto, Dafne (Equações de arquitectura; 65), 2013;

CROWE, Norman, 1995, Nature and the idea of a man-made world, The Mit Press, Cambridge, Massachusetts;

EYCK, Aldo Van: Writings: In The Child, the City and the Artist, an essay on architecture, the in-between realm (Vincent Ligtelijn, Francis Strauven ed.), Amesterdão, Sun Publishers, 2008;

Gonçalo M. Tavares, Atlas do Corpo e da Imaginação: teorias, fragmentos e imagens, Lisboa, Caminho, 2013;

GONÇALVES, Rui Martins; RODRIGUES, César Urbino, Arquitectura humana: meio rural do alto nordeste transmontano, Corane edições, Bragança, 2003;

GESTA, Alexandra, Projecto de Reabilitação do centro histórico de Guimarães, in A intervenção no património: práticas de conservação e reabilitação, Porto, Faculdade de Engenharia do Porto, 2002;

HEIDEGGER, Martin, Construir, Habitar, Pensar, 1951, conferência pronunciada por ocasião da ‘Segunda Reunião de Darmastad’, publicada em Vortage und Ausfsatze, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback;

Juan Hernández León, Roberto Collovà, Luís Fontes, Santa Maria do Bouro: Eduardo Souto de Moura: construir uma pousada com as pedras de um mosteiro, Lisboa, White and Blue, 2001;

MOUTINHO, Mário, Arquitectura Popular Portuguesa, 3ª edição, Editorial Estampa, Lisboa, 1995;

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando, Arquitectura Tradicional Portuguesa, Editora Dom Quixote, 2003;

TORGA, Miguel in “Trás-os-Montes e Alto Douro”, III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2002;

- MOUTINHO, Mário, A Arquitectura Popular Portuguesa. Lisboa: Editorial Estampa, 1979;
- NORBERG-SCHULZ, Christian. Genius Loci -Towards a phenomenology of architecture. Edinburg: Rizzoli, 1991;
- RODRIGUES, José Miguel, in O mundo ordenado e acessível das formas: tradição clássica e movimento moderno na arquitectura portuguesa, dois exemplos, Porto, Edições Afrontamento, Outubro, 2013;
- ROSSI, Aldo, A arquitectura da Cidade, Edições Cosmos, Lisboa, 200;
- SEIXAS, João, Paisagens com asfalto e plano de vertigem em fundo azul, em COSTA, Pedro Campos, LOURO, Nuno, “2 linhas: retracto sensorial do país”, Lisboa, Costa, Pedro Campos, Louro, Nuno, 2009;
- TÁVORA, Fernando, “O Problema da Casa Portuguesa”. Lisboa: Cadernos de Arquitectura nº1, 1947;
- TÁVORA, Fernando, “O Problema da Casa Portuguesa”. Lisboa: Cadernos de Arquitectura nº1, 1947;
- SANTANA, Maria Olinda Rodrigues, Forais Novos de Mondim de Basto: um passado a conhecer, Ed. Município de Mondim de Basto, Junho 2014.
- SIZA, Álvaro, Imaginar a Evidência. Lisboa: Edições 20, 2012;
- TÁVORA, Fernando - Da Organização do espaço. Série II, Argumentos 13. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008;
- TÁVORA, Fernando; PIMENTEL, Rui; MENÈRES, António, Zona I, in Arquitectura Popular em Portugal, 4ª edição, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, 2004;
- TÁVORA, Fernando, Da Organização do Espaço, Porto, FAUP Publicações, 1993;
- TABORDA, Vergílio – Alto Trás-os-Montes. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932;
- TRIGUEIROS, Luiz, Eduardo Souto de Moura, Ed. Blau, Lisboa, 1994;
- ZEVI, BRUNO – Saber Ver a Arquitectura – Coleção Mundo da Arte. São Paulo, Martins Fontes, 2011;
- ZUMTHOR, Peter – Atmosferas. Barcelona, Gustavo Gili, 2009;
- ZUMTHOR, Peter, Pensar a Arquitectura, trad. Astrid Grabow, Editorial Gustavo Gili, 2ª ed, Barcelona, 2009;
- VIOLLET-LE-DUC, Eugène - Histoire de l'habitation humaine. Paris: Imprimerie & Lahure, 1875;

REVISTAS

ArqA: Persistências Rurais, nº 101, Março/Abril, 2012;

Arquitectura Ibérica: Requalificação Urbana, nº 18, Janeiro, 2007;

Arquitectura Ibérica: Tectónica Madeira, nº 26, Maio, 2006;

Arquitectura Ibérica: Habitar, nº 22, Outubro, 2007;

Arquitectura Ibérica: Transparências, nº 14, Abril, 20016;

TAVARES, Gonçalo M, dicionário ilustrado – Óculos, Magazine, no1135, 23 Fevereiro 2014;

TESES

COUTINHO, Ricardo Silvestre de Azevedo, 2015, Identidade Nórdica, Construção de lugar na paisagem Norueguesa, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto;

DINIS, Joel Ferreira, 2014, O Castroeiro. A Bibliografia do lugar como instrumento no projeto de arquitetura, Escola de Arquitectura da Universidade do Minho;

LABASTIDA, Marta, 2013, El Paisaje Próximo. Fragmentos del Vale do Ave, volume II, Escola de Arquitectura da Universidade do Minho.

REBELO, António Pedro S., 2016, “Do contraste à analogia”, Intervenção numa ruína em Mondrões, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto;

SOBRAL, Luís Pedro P., 2009, Arquitectura com algum pedigree, o vernacular na arquitectura contemporânea, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra;

YORGANCIGLU, Derya, 2004, Steven Holl: A Translation of phenomenological philosophy into the realm of architecture, Middle East Technical University;

SITES

<http://arturpastor.tumblr.com/archive>

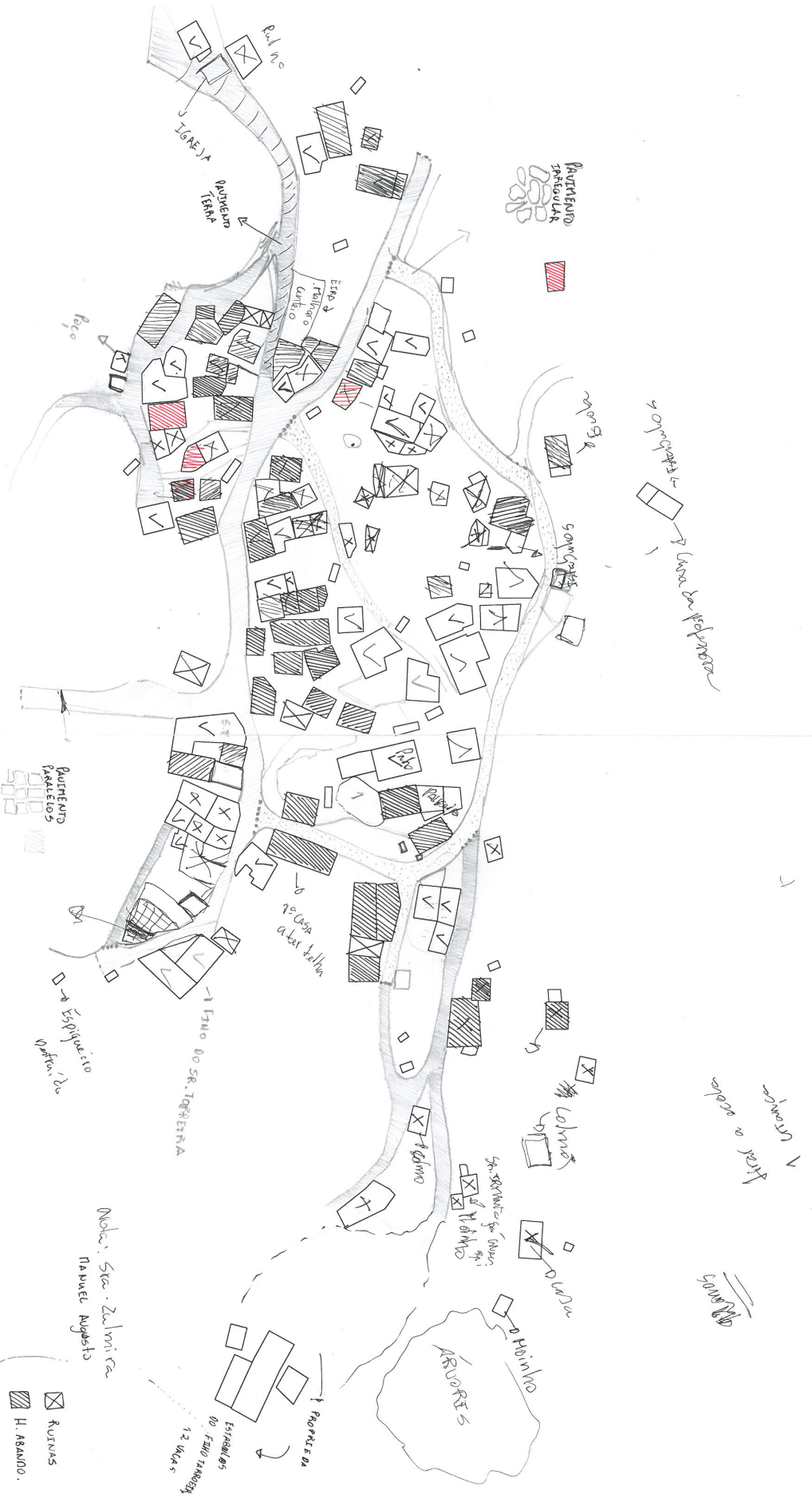
<http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-4059.pdf>.

https://www.researchgate.net/publication/270549004_O_lugar_do_monumento_na_arquitetura_republicana.

<http://www.architecturenorway.no/stories/people-stories/mcquillan-frampton-16/>

<https://www.youtube.com/watch?v=fPU933mTCjw>

<https://www.noticiasmagazine.pt/topico/goncalo-m-tavares/page/3/>



7 x 7 m de
o Carbio

Filho do Sr. S. TORRERA
72 anos

57 anos

Nota: Srca. Zulmira
Tabuel Augusto

☒ RUINAS
 ▨ H. ABAND.
 ☑ H. UTILIZADA
 ▤ C. CORNO

90m de altura
 → Zona da Pedra Branca

1. Caminho
 para a escola

SANTO

